Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º N.º 18869 4$00

QUARTA-FEIRA 17 SETEMBRO 1975

ARMADA ESCOLHE

.A Assembleia da Armada está reunida desde as 14 e 30, nas instalações da Escola Naval, ao Alfeite para proceder à eleição dos representantes da Marinha para o Conselho Superior da Revolução.

De acordo com opiniões recolhidas esta manhã pelo «D. L.» junto de vários sectores daquele ramo das Forças Armadas, é praticamente certo que os três representantes escolhidos sairão de entre os actuais oficiais que têm assento no C. R. Recorda-se que os conselheiros escolhidos pela Marinha são os almirante Pinheiro de Azevedo, e Rosa Coutinho, os comandantes Martins Guerreiro, Almada Contreiras e Ramiro Correia e o 1.º tenente Judas.

Entretanto, ontem à noite decorreu no Clube Militar Naval uma reunião informal de oficiais da Armada. Embora alguns órgãos de Informação tenham especulado quanto ao significado deste encontro, nada de anormal se passou. Marcado para o Instituto Superior Naval de Guerra este encontro não veio a realizar-se ali apenas porque, uma vez que era um encontro informal, nada justificava que as instalações daquela unidade militar fossem utilizadas. Assim foi utilizado normal e naturalmente o Clube Naval, tendo estado presentes mais de uma centena de oficiais, entre os quais se viam os comandantes Correia Jesuíno, Almada Contreiras, Conceição e Silva e Martins Guerreiro, e primeiro-tenente Judas. Alguns oficiais afectos ao comandante Vítor Crespo terão tentado obter apoios para esse oficial, que recentemente viu aprovada uma moção da Assembleia da Armada retirando-lhe a confiança política. Esta tentativa teria naturalmente falhado, uma vez que a opinião generalizada entre os oficiais presentes confirmava a decisão tomada na última Assembleia.

ENTREVISTA COM MANUEL SERRA

Pàg.s 10/11

20 PÁGINAS

UMA PARAGEM PARA AVANÇAR

ALENTEJO ESTÁ EM GREVE

. A paralisação geral do trabalho agrícola marcada para hoje em todo o Alentejo obteve o apoio de milhares de trabalhadores e está a decorrer sem incidentes à hora de fecharmos esta edição do «DL». Convocada pelos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas e pela Liga dos Pequenos e Médios Proprietários, esta paralisação tem por objectivo unir os trabalhadores empenhados no avanço da Reforma Agrária ameaçada por dificuldades burocráticas, por uma imprecisão que sempre se fez sentir no respeitante a prazos e a métodos e, agora, pelas manobras de grandes proprietários alentajanos que culminaram, como temos vindo a noticiar, com os incidentes de Cujancas. Os objectivos desta paralisação estão, aliás, bem definidos no comunicado da Intersindical que passamos a transcrever:

. «Trabalhadores agrícolas, pequenos e médios agricultores. As forças de direita tentam passar à ofensiva, as conquistas obtidas pela Revolução do 25 de Abril estão ameaçadas. A Reforma Agrária está em perigo. Os agrários, desesperados com o avanço da Reforma Agrária, levantam a cabeça e atacam em algumas zonas. Concentrações fascistas, roubos de gado, agressões. etc.

«Ao mesmo tempo, certas forças, no aparelho de Estado e na Banca, tentam asfixiar a Reforma Agrária, cortando o crédito. Não há máquinas, nem sementes, nem adubos. Muitos trabalhadores desde há meses que não recebem um tostão. Só a força organizada dos trabalhadores pode suster e derrotar o ataque dos agrários e da reacção. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do distrito de Évora apela para a paralisação total do trabalho, hoje, dia 17, durante todo o dia.

«Chamam-se todos os trabalhadores agrícolas, pequenos e médios agricultores a participarem activamente nesta importante luta. Exorta a classe operária, todos os trabalhadores, pequenos e médios comerciantes e pequenos industriais a paralisarem também o trabalho em solidariedade com a nossa luta, para conter e derrotar esta ofensiva da reacção.

Hoje, dia 17, ninguém trabalha. Todos a Évora, à Praça Geraldes, às 15 horas. Contra os agrários, contra a reacção. Temos fome, crédito agrícola imediato.»

. As comissões distritais do P.C.P. de Évora e Beja, por outro lado, também emitiram comunicados apoiando a iniciativa e as manifestações que terão lugar hoje à tarde nas sedes dos distritos.

Embora a adesão à iniciativa não tenha sido total, esta manhã extensas zonas do Alentejo apresentavam um aspecto que bem pode classificar-se de inédito. Nas ruas e nas praças das povoações, sobretudo do distrito de Beja, o povo passeava e conversava aguardando transportes para a cidade ou preparando pequenas manifestações locais nas aldeias mais afastadas cujas populações, ou por falta de transportes ou por outros motivos, não podiam deslocar-se à capital do distrito.

Onde a iniciativa parece não ter tido a adesão imediata da população foi no distrito de Portalegre, já que se continuou a trabalhar em muitos concelhos desse distrito, nomeadamente nos de Arronches, de Castelo de Vide, de Marvão, do Crato e de Niza, em que o trabalho só cessou parcialmente.

A adesão da União dos Sindicatos do Distrito de Beja à paralisação geral do trabalho marcada para hoje teve uma consequência até certo ponto inesperada: a paralisação geral do comércio em toda a cidade. Isto, porque o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja faz parte dessa União. Muito embora a manifestação só tenha lugar às 15 horas na Praça da República, desde manhã cedo que se verifica um movimento invulgar nas ruas e nas praças da cidade, nomeadamente junto às Portas de Mértola e na Praça da República. Grupos de trabalhadores passeiam nas ruas conversando e há autênticas merendas debaixo das árvores. A julgar pelo número de pessoas que está chegando à cidade, a manifestação deverá ser uma das maiores até hoje levadas a cabo nesta cidade conhecida pela dimensão e o entusiasmo das suas manifestações de trabalhadores.

EM ÉVORA

Pode dizer-se que o trabalho está praticamente paralisado nesta zona cuja população aderiu entusiasticamente à iniciativa dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas. A manifestação, marcada para as 15 horas de hoje atraíu, já, à cidade, milhares de trabalhadores rurais de todo o distrito que começaram a chegar logo de manhã de camioneta, a pé e em carrinhas atreladas a tractores. A julgar pelas informações obtidas na cidade, a paralisação abrange grande parte dos concelhos do distrito embora se não possa, ainda, dar um quadro geral da sua

Continua na pág. 18

ÁLVARO CUNHAL PERGUNTA:

"QUE VAI O P.P.D. FAZER NO GOVERNO?"

Perante milhares de militantes que superlotavam a praça do Campo Pequeno, Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, fez o ponto da situação político-militar e marcou a firme disposição do seu Partido em defender até às últimas consequências a Revolução portuguesa. Salientando a posição do partido de Emídio Guerreiro contra o M. F. A., contra o directório, contra o Conselho da Revolução, contra as nacionalizaçõrs e cmtra a reforma agrária, Cunhal perguntou: «Que vai o P. P. D. fazer no Governo?»

(Ler na pág. 10)

ANGOLA:
MANTEM-SE A CALMA

Mantém-se calma a situação nas frentes de combate angolanas. Desde o fim-de-semana passado que *não* se assinalam confrontos importantes entre os três movimentos. Esta calma, poderá corresponder a uma reorganização militar dos diversos campos, antecedendo novas batalhas. Segundo as agências internacionais, é provável que o M. P. L. A. esteja presentemente a reagrupar as suas forças para uma grande ofensiva, na frente norte, contra Ambriz e Carmona, principais bastiões da F. N. L. A.. Esta, por seu turno, encontra-se isolada e com grandes dificuldades de reabastecimento dado que as principais vias utilizadas para o efeito se encontram sob controlo do M. P. L. A..

Em Luanda, a calma é total. A batalha económica, desencadeada pelo M. P. L. A. sob a palavra de ordem «Produzir e Resistir», prossegue num ritmo extremamente seguro e o reabastecimento alimentar da capital principia a ganhar forma.

O Exército português, por seu turno, continua a observar a «neutralidade activa» prevista pelos acordos de independência assinados no Alvor, a 15 de Janeiro último. Os seus militares encontram-se essencialmente em Luanda e Nova Lisboa, cidades onde se encontra a maior parte dos civis portugueses que pretendem ainda

Continua na pág. 8

Nacional

TRABALHADORES DO COMÉRCIO:

A LISTA A CONTRA O DIRIGISMO

. «Lutar para que seja assegurado aos trabalhadores o pleno acesso e conhecimento dos pormenores da vida do sindicato, possibilitando-lhes a directa participação neste órgão de classe» — é um dos objectivos apontados no programa da Lista A do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e divulgado pelos candidatos no decorrer de uma conferência de Imprensa.

Com o lema «Por um sindicato democrático e em defesa de todos os trabalhadores e, identificada por um semanário como representando a Santa Aliança, (a já tradicional aliança do P.S. com o M.R.P.P.), a lista A manifesta-se contra a «política dirigista e cupulista da Intersindical» apesar de defender e desejar uma Central Sindical Única.

Caso vençam as eleições que se realizam no dia 20 propõem-se também levar à livre e democrática discussão, opinião e vontade da maioria dos trabalhadores do Comércio, a revisão dos Estatutos, que segundo eles «teriam sido aprovados nas costas dos trabalhadores».

COSTA GOMES À TV BÚLGARA:

"CONFIANÇA NO VI GOVERNO"

. SOFIA, 17 — (A.N.I. e «DL») «.. Em entrevista concedida à televisão búlgara, Costa Gomes, Presidente da República Portuguesa, afirmou a sua confiança na plataforma de apoio ao VI Governo e numa base de entendimento entre as linhas políticas representadas no Conselho da Revolução, o que permitirá, posteriormente, em sua opinião, um reforço da disciplina militar.

Costa Gomes considerou a situação económica do País grave. No entanto, afirmou pensar que «será possível estabilizar a economia dando ao Estado e ao Governo uma maior autoridade».

Foi, depois, abordado o assunto das relações de Portugal com os países socialistas, nomeadamente com a Bulgária, país com o qual foi acordada uma troca de visitas de chefes de Estado.

No final da entrevista, o general português disse:

. «Estou convencido que realmente a Bulgária deu um grande passo no bem-estar e na felicidade do povo búlgaro durante estes 31 anos de regime socialista que actualmente existe na Bulgária».

GADO VAI HOJE PARA CUJANCAS

FERIDOS EM PORTALEGRE NOS RECONTROS ENTRE TRABALHADORES E AGRÁRIOS

Portalegre, era, esta manhã, uma cidade calma, após os recontros que ontem aí se verificaram entre trabalhadores rurais alentejanos e agrários de diferentes pontos do País, que lançaram para o hospital 10 feridos, dois dos quais em estado grave, que teriam sido transportados para um dos estabelecimentos hospitalares ou clínica particular de Lisboa.

Esta manhã, ainda, os trabalhadores da herdade de Cujancas preparavam-se para conduzir as 103 reses e 39 porcos do quartel do Batalhão de Caçadores 1 para Chança, localidade entre o Crato e Ponte de Sor, onde fica a herdade. A decisão tomada pelo Governador Civil de Portalegre, dr. Florindo Madeira, de restituir o gado aos trabalhadores de Cujancas, após intermediários e agrários terem transportado da feira do Crato para o Gavião, sem que a isso tivessem direito, cerca de trinta «cabeças», foi esta madrugada ratificada pelo Comandante da Região Militar de Évora, brigadeiro Pezarat Correia, na presença de trabalhadores de Cujancas, de habitantes da vila de Gavião e do próprio governador civil de Portalegre.

A iniciativa de recorrer para aquela Região Militar, na tentativa desta revogar a decisão do dr. Florindo Madeira — que anteontem agrários e outros pagos por patrões queriam ver demitido das suas funções administrativas —, marca o desespero dos latifundiários alentejanos que se manifestam contra a operacionalidade dos trabalhadores e tudo o que se relacione com a reforma agrária. Imperou a razão e o gado, como já ontem deixaramos prever, retorna a Cujancas, porque aos trabalhadores da herdade pertence.

DOIS FERIDOS EM ESTADO GRAVE

Não estão ainda identificados os dois feridos com gravidade, que foram transportados para Lisboa, um dos quais, como acima assinalamos, em estado melindroso.

O facto de não terem dado entrada, nem no Hospital de S. José, nem no Hospital de Santa Maria, mais faz avolumar a suspeita, que ontem à noite pairava em Portalegre, que não se trata de pessoas da região. Relativamente aos restantes feridos, que são oito e receberam tratamento no hospital da cidade, trata-se de agrários (parece-nos que, pelo menos, dois) e população do distrito «manipulada pelos latifundiários, pelo capital e pela reacção», conforme corria na cidade ontem, à excepção de um trabalhador rural alentejano, que na defesa da atitude tomada pelo governador civil do distrito e da posição dos trabalhadores de Cujancas e Chança foi ferido por contramanifestantes.

Confrontos físicos dominaram, ontem, toda a cidade, para onde cedo afluiram trabalhadores alentejanos no propósito de transportar o gado do regimento da cidade para Chança. Manifestando-se contra as manobras dos agrários e a manipulação das populações, rurais de todo o Alto Alentejo estiveram ontem em peso na cidade, onde também se encontravam contramanifestantes, que cedo, tomaram posições estratégicas, sobretudo no sentido de impedir a entrada do dr. Florindo Madeira no edifício do Governo Civil.

À tarde, era impressionante o aspecto da cidade, e convicção geral de que a violência física se iria fazer sentir. De Setúbal e Baleizão, de Aljustrel e Avis e de outros pontos do Alto e Baixo Alentejo, eram muitas as pessoas que afluiram, após o meio dia, à cidade, onde os seus habitantes quase nem se manifestavam ou tomavam posição, porque aquilo era uma luta de agrários reforçados por comerciantes de gado de Belmonte, Mangualde e Cantanhede, contra trabalhadores rurais.

VÍTOR ALVES, A REVOLUÇÃO E O "RESULTADO ELEITORAL"

. RIO DE JANEIRO, 17 — (A. N. I. e «D. L.») — «Creio que se o M. F. A. e a esquerda fizerem uma autocrítica e reconsiderarem as suas posições, a revolução socialista portuguesa será uma realidade», disse Vítor Alves a Christina Gurjão, jornalista do «Globo», do Rio de Janeiro, em entrevista hoje publicada.

O major português, membro do «grupo dos nove», afirmou ainda que vê «com optimismo e preocupação o desenvolvimento da nossa revolução até ao seu passo final, que é a entrada em vigor da Constituição» e que o mais importante para si, neste momento, é «constituir um Governo homogéneo e coerente» com base numa «plataforma política que seja aceite pelos principais partidos e pelo M. F. A. em termos de revolução», adaptada ao «resultado eleitoral».

A CASA DE JOSÉ RÉGIO É INAUGURADA HOJE

. Em Vila do Conde, onde o poeta sempre viveu, é inaugurada, às 17.30 de hoje, a Casa de José Régio, seguindo-se uma romagem ao túmulo do autor de «Poemas de Deus e do Diabo», às 19 horas. Cerca das 16 horas é aberta ao público uma exposição de manuscritos e desenhos de José Régio, no salão nobre da Câmara Municipal.

O prédio foi adquirido pelo Município de Vila do Conde, graças a um bontributo da Fundação Gulbenkian. O recheio, disposto nos diversos compartimentos da casa, é constituído por mobiliário, principalmente dos séculos XVII e XVIII, obras de escultura e pintura antiga e moderna, cerâmica e numerosas peças de diversas modalidades de artes decorativas e populares. A biblioteca é também importante, salientando-se o elevado número de livros com dedicatórias e a sua colecção da revista «Presença».

AOS PROFESSORES

SOLIDARIEDADE COM O POVO E OS PROFESSORES DO CHILE

COLÓQUIO

Integrado na campanha de solidariedade com o Povo e os Professores do Chile vai realizar-se um Colóquio na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, na **6.ª feira, dia 19 de Setembro, pelas 21.30 horas.**

Orientará o Colóquio a companheira Zilah Branco.

SINDICATO DOS PROFESSORES
— Zona da Grande Lisboa

ASSINA: **A COMISSÃO DIRECTIVA**

PETRÓLEO NA COSTA PORTUGUESA

. A escassos quilómetros da praia de Pedrógão, a meio caminho entre a Nazaré e a Figueira da Foz, foi detectado petróleo, pela primeira vez desde que se iniciaram as prospecções ao longo da costa portuguesa. A descoberta, feita pela Associação Shell Prospex Sacorex não é no entanto demasiado animadora, pois que foram recolhidos cerca de 300 litros de petróleo ao longo de várias horas.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

PAGAMENTO DE LIVROS ESCOLARES

No intuito de contribuir, tanto quanto possível para o desenvolvimento cultural e técnico de todos os associados e familiares dependentes, compromete-se este Sindicato ao pagamento integral dos livros necessários para os cursos: primário, técnico, liceal e universitário.

O pagamento efectua-se contra a apresentação do seguinte documento:

— Factura comprovativa da compra.

Dado o atraso verificado nas matrículas em alguns estabelecimentos de ensino, o prazo inicialmente previsto para entrega de confirmações de matrícula é prorrogado até **15 de Outubro.**

Lembramos que as confirmações de matrícula para o efeito são fornecidas pelo Sindicato.

N. B. — Esta concessão é extensiva a todos os trabalhadores que descontam para o Sindicato.

A DIRECÇÃO

MANIFESTAÇÃO EM LONDRES

. LONDRES, 17 — ANI) — A Comissão Executiva do Partido Comunista Britânico lançou um apelo ao movimento operário para que exprima a sua solidariedade com o povo trabalhador português e para que apoie a manifestação de sábado próximo, em Londres, organizada pela «Comissão Coordenadora dos Trabalhadores Portugueses» e apoiada por alguns sindicatos britânicos e pelos membros comunistas do Parlamento britânico.

A pressão exercida pelas forças da direita em Portugal tem de ser também combatida pela esquerda e pelas forças progressistas britânicas — sublinha a Comissão.

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

AVENIDA DUARTE PACHECO — LISBOA-1

O Reitor do Liceu Francês «Charles Lepierre» informe as famílias que as inscrições para o ano lectivo de 1975-1976 estão abertas desde o dia 1 de Setembro para os seguintes ensinos:

Secção Francesa: Classes do Jardim Infantil
Classes Primárias
Classes do 1.º Ciclo Secundário
Classes do 2.º Ciclo Secundário

Secção Portuguesa: Primário — 3.ª e 4.ª Classes
Secundário — Curso Preparatório
— Curso Geral
— Curso Complementar

Este Liceu recebe alunos de todas as nacionalidades.

As inscrições devem ser feitas na Secretaria do Liceu todos os dias, excepto aos sábados das:

09 H 00 às 12 H 00 e das 15 H 00 às 17 H 00

Não se aceitam inscrições pelo telefone ou por correspondência.

post scriptum

O que se passa na Base Aérea n.º 3

«Como soldado e como homem, deixem-me gritar bem alto: Não aos falsos democratas! Não aos golpes de gabinete!!! Não às vigarices!!!

No dia 3, quarta, foram convocadas reuniões em várias unidades da F. Aérea, nomeadamente: Monte-Real (B. A. 5), Monsanto (G.D.A.C.I.) e Tancos (B. A. 3) Em todas elas surgiram propostas, por parte dos comandantes respectivos, no sentido de se apoiar o C.E.M.F.A. (Chefe do Estado-Maior da Força Aérea) general Morais e Silva. Tudo isto, depois do C. E. M. F. A., ter:

1.º Emitido um comunicado, em que toma posição pública j9o que não devia fazer) ácerca da nomeação do ex-1.º Ministro para o cargo de C.E.M.G.F.A. Tudo isto depois de se notar apoio do C.E.M.F.A. aos «nove». Porquê esta viragem, se antes apoiou o ex-1.º Ministro? Não sabemos! ou sabemos?... Mas o C.E.M.F.A. não fez só isto, fez mais:

. 2.º Marcou novas eleições, para Outubro, para novos elementos dos GACOMFA, estando os actuais elementos sem funções praticamente, embora teoricamente se afirme o contrário. Usurpou à comissão de Sargentos, o direito de se manifestar politicamente, direito este conseguido pela própria classe de sargentos, dentro das liberdades de após 25 de Abril.

Depois de tudo isto, surgem comandantes pedindo apoio para o C.E.M.F.A., que foi nomeado para o cargo que desempenha, devido ao apoio das Praças e Sargentos, as quais neste momento estão sendo apunhaladas pelas costas, pelo próprio C.E.M.F.A. E que sucedeu agora? No G.D.A.C.I., o C.E.M.F.A. é repudiado pelas suas últimas decisões, contra a vontade do respectivo comandante. Em B. A. 5 é conseguido apoio, com oposição. Na B. A. 3 por muito que o comandante tentasse, não conseguiu a moção de apoio ao C.E.M.F.A. É triste saber os argumentos apresentados para se defender tal moção.

Assim aconteceu na B. A. 3, onde em tempos não se votou uma moção de apoio ao 1.º Ministro (então G. V. Gonçalves), quando este era caluniado, utilizando os comandantes o argumento de que «não nos pertencia votar tais moções». Mas agora, já podemos votar moções apoiando o G. Morais e Silva, que por sua vez não apoia o G. V. Gonçalves. Compreende-se tudo perfeitamente... É que, como nos respondeu o comandante, o apoio ao C.E.M.F.A. é diferente... (Realmente é...)

Na B. A. 3 é conseguido aprovar uma moção de repúdio a notícias da Imprensa, sem serem lidas tais notícias para os presentes discutirem, fazendo habilmente da B.A. 3 uma vítima, quando as notícias que se desmentiram», nada tinham a ver com a B. A. 3 Não há dúvida: Foi tudo muito correcto!!!?

Que se esconderá por detrás de tais moções? Já me sinto enganado... Uma vez mais».

Um soldado da B.A. 3

«Vasco Lourenço mantém a confusão»

Em entrevista dada ao «Expresso» de 13/9/75, o sr. capitão Vasco Lourenço afirma: «não tenho qualquer dúvida de que no aspecto da contagem de forças, quer no que respeita à parte especificamente militar, quer nos apoios da população, os «nove» têm uma supremacia muito grande e, em caso de confronto, quem ganhava, em primeira mão eram as forças representadas pelo nosso «grupo». Tenho dados mais do que suficientes para afirmar isto».

Por não sabermos em que bases se apoia esta supremacia, porque o sr. capitão mais à frente diz «que não há qualquer interesse em ir para um confronto» porque «quem se aproveitaria era a direita, a reacção, que criaria imediatamente óptimas condições para cilindrar logo essas forças», perguntamos: Quais são as bases de apoio dos «nove», uma vez que apenas se tem conhecido casos de saneamento à esquerda? (...) Será saneando a esquerda que se combate a direita? (...)

Fala ainda o sr. capitão de pessoas «que se servem da sua qualidade de militares para, dentro das F. A., fazerem jogo partidário». Isto continua a ser vago, sr. capitão, ou quererá convencer-nos que nas F. A. não estão representados todos os partidos políticos? Seja concreto, sr. capitão.

J. João Machado — Lisboa

Os que lá mandam...

Amigo Ingénuo Explorado.

(...) Tu e os outros como tu têm de compreender que uns nasceram para trabalhar e outros para serem ricos. E os que nasceram para trabalhar ainda têm muita sorte, porque hoje já não são vendidos nas feiras como dantes. (...) Mas, falando-te do nosso partido, tu não te deixaste enganar, pois viste que os que lá mandam são os senhores doutores, e esses é que sabem. (...) Vai dizendo a esse povinho que não vá na cantiga de ir atrás de partidos em que há operários, pois assim é uma maneira de nunca perderes as coisas usadas que vão crescendo aos senhores. Já viste o que eram os fraca-roupilhos a mandar nos que até aqui sempre têm mandado?

António Duarte — Carnaxide

Silenciar os civis...

Senhores militares:

Foi com solene respeito que tomei conhecimento de vossa lei sobre a informação. (...) Mas atenção, senhores militares: (...) se vós sois capazes de declarações

Continua na pág. 17

QUEM TURVA AS ÁGUAS AO REDOR DOS AÇORES ?

Por V. FARTUSHNYI — **Exclusivo «Novasti»-«DL»**

. Segundo as notícias das agências de Imprensa, acentua-se cada vez mais a actividade das organizações contra-revolucionárias, nos Açores. Em Ponta Delgada os bandos fascistas assaltaram os centros locais dos partidos progressistas. Durante as manifestações organizadas por eles, gritaram «slogans» contra a Revolução e contra os comunistas. Os cartazes que ostentam apelam para a separação dos Açores de Portugal.

E de notar que, antes, nunca a Imprensa ocidental duvidou que os Açores pertenciam a Portugal. Agora, começaram a chamar-lhe «colónia» e a dar grande atenção à «questão da independência do arquipélago».

A causa principal desta campanha sobre os Açores é a posição geográfica das ilhas, que ficam próximo de linhas aéreas e marítimas muito frequentadas, e que ligam a Europa à América. A situação estratégica do arquipélago revelou-se, por exemplo, durante a guerra israelo-árabe em Outubro de 1973. Nessa altura, os Estados Unidos organizaram o transporte aéreo urgente de material bélico e militar para Israel. Os aviões de transporte norte-americanos fizeram escala na base militar na N.A.T.O. na ilha Terceira, e daí voaram para o Médio Oriente. Além desta base, os norte-americanos construíram outra na ilha de Santa Maria. Segundo o «New York Times», hoje em dia, «reina nas ilhas a força militar norte-americana, e o dinheiro norte-americano influi na situação económica dos seus habitantes».

Sente-se especialmente a influência do dólar americano na actividade da assim chamada «Frente de Libertação dos Açores». Como escreve o jornal francês «Le Monde», esta organização separatista é dirigida por dois «comités», nos Estados Unidos e no Canadá. Quem está por detrás do «Governo Provisório» anónimo, organizado pelas forças reaccionárias? Isto resulta claro da entrevista concedida a «Le Monde» por um dos dirigentes da N.A.T.O. «Os Açores têm um situação geipolítica muito vantajosa», disse ele, sinceramente. «Nós precisamos de aproveitar bem este facto».

Preocupados com o processo de democratização e as transformações sociais em Portugal, os círculos da N.A.T.O. orientaram-se no sentido de arrancar a Portugal as ilhas que lhe pertenciam desde há séculos. Os dirigentes do bloco do Atlântico Norte querem garantir que os Açores ficam sob o domínio, mesmo no caso de novo Portugal democrático não ter vontade de permanecer como membro deste agrupamento imperialista.

NO CHILE, DOIS ANOS APOS O GOLPE DE ESTADO

A contra-revolução cultural

. «Senhor secretário da Universidade do Chile, que medidas administrativas deve a nossa Faculdade adoptar acerca dos livros a retirar do inventário da biblioteca, devido ao seu conteúdo político?

. « — Têm de proceder à sua incineração».

Este diálogo (epistolar) nada tem de irreal. Deu-se esta Primavera, entre os responsáveis de diferentes serviços da Universidade do Chile, em Valparaíso. A lista dos livros a «incinerar» compreende, entre outros, os de John K. Galbraith, Maurice Duverger, Maximo Gorki, Celso Furtado e Alain Joxe, sem falar, claro está, das obras de Marx, Lenine e Mao. Dois anos após o golpe de Estado ainda se queimam livros no Chile.

O objectivo do «novo Chile» é obter uma transformação radical das mentalidades, uma verdadeira contra-revolução cultural. As disposições adoptadas, as declarações oficiais e as circulares administrativas permitem pôr hoje em evidência o sistema cultural preconizado pela Junta. Estudos realizados (clandestinamente) o ano passado por investigadores chilenos do antigo Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN), dão-nos uma ideia bastante precisa do caso.

No plano económico sublinha-se a fatalidade da desigualdade entre ricos e pobres e exalta-se a concorrência e o combate individual de cada um para «triunfar»: a propriedade privada tornou-se de novo sagrada.

No plano político-social o país aproxima-se do franquismo: autoridade indiscutível do poder e da ordem sob o modelo da família patriarcal; mais recurso à tradição do que à mudança; anátemas contra os perigos e os vícios da «corrupção democrática»; formação de uma consciência corporativista no seio de uma sociedade de profissões hierarquizadas; por fim messianismo anticomunista mundial para lutar contra os «complots» do inimigo, dentro ou fora do país. As Forças Armadas, representando por definição a vontade geral, o «bem comum» da pátria, têm o dever de votar ao opróbrio os «maus cidadãos», os que têm a coragem de se opor à unidade nacional enfim reencontrada, os que têm «o veneno da política no sangue».

Desde 1965, sob a administração democrata-cristã, depois sob a administração da Unidade Popular, tinha-se conseguido uma democratização real do ensino.

Fôra instituída uma autogestão dos estabelecimentos, feita por professores e alunos; mas em que também colaboravam pais, empregados administrativos, sindicatos operários, candidatos a qualquer aprendizagem ou reciclagem, etc. Um horário muito maleável consentia aos que exerciam uma profissão, que prosseguissem estudos interrompidos. A reforma queria facilitar o acesso ao saber e unir cada vez mais o ensino à realidade econóvca e social do Chile.

Esta evolução passou no dia seguinte ao golpe de Estado. Tanto no primário como no secundário, o Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação (SUTE) foi suprimido, e um delegado militar designado para cada sector. A missão deste delegado é verificar se os professores cumprem as disposições da Junta, isto é, se «voltam à tradição cultural cristã e ao projecto histórico da nação chilena».

Foram dadas instruções para expurgar os programas de «todos os problemas que possam dar origem a debates de ordem social ou política». Ainda este ano, para evitar toda e qualquer alusão aos acontecimentos contemporâneos, o programa de História do Chile para o exame de aptidão à Universidade, detém-se em... 1891. Os professores são convidados a «aproveitar todas as ocasiões para insistir no respeito para com a pessoa, as instituições, a autoridade e a hierarquia», e exaltar «o legítimo orgulho de se ser chileno, o amor pelas gloriosas tradições da pátria, o significado da gesta heróica, e o conhecimento dos homens ilustres».

O ensino primário foi reforçado por seis matérias novas, que versam sobre símbolos da pátria, glórias navais do Chile, Herois de la Conception, semana patriótica, etc.

Em Março último, no princípio do ano escolar, foi publicado um calendário de trinta e duas datas a celebrar obrigatoriamente. Neste calendário de altos feitos militares, há quatro dias consagrados a homenagear os carabineiros, as Forças do Ar, da Terra e do Mar, e aniversário de heróis nacionais.

Voltou-se a uma disciplina autoritária com continência à bandeira todas as segundas-feiras pela manhã.

A apresentação dos alunos merece grande atenção: proibição de cabelos compridos, barba e bigode, proibição de pintura e de socos, comprimento das saias regulamentado, etc. Foi suprimida a pedagogia activa.

Desde Agosto de 1974, uma circular deu todo o poder de vigilância ideológica e disciplinar ao comando dos institutos militares. Os chefes de estabelecimentos de ensino, devem alertar este comando, pelo menos numa dúzia de casos: «comentários sobre a política actual; propagação de rumores mal intencionados sobre o Governo; propagação de anedotas a respeito da Junta; distorção de conceitos e valores patrióticos; propagação de ideias tendentes a pedir que as autoridades dos centros de pais ou dos centros de alunos sejam designados por eleição; activismo político dos alunos ou dos pais fora do estabelecimento, etc. Ainda há professores marxistas que, nas suas aulas, tentam envenenar a juventude», dizia no passado mês de Agosto em Punta Arenas, o general Pinochet. «Não tolero uma coisa dessas».

Perante uma tal atitude, certos colégios — sobre tudo particulares — torceram o nariz. As suas autoridades foram imediatamente suspensas. Assim, vários professores do Colégio São Jorge de Santiago foram demitidos, o que motivou a saída do Chile de todos os membros da congregação que dirigia o colégio. Resultado de todas estas medidas: pela primeira vez desde há quinze anos, a escolarização, em constante expansão, está bloqueada.

Foi essencialmente contra a Universidade que a ofensiva se fez com mais violência. Aqui, também uma reforma de 1967 proclamava os princípios da autogestão, descentralização, pluralismo e autonomia do poder político, embora vincando a necessidade de participar activamente nas transformações da sociedade. Ela dizia sobretudo respeito à Universidade do Chile, imensa fortaleza que englobava 50 por cento dos 158 000 estudantes do país, a Universidade Técnica do Estado (18 por cento), assim como a Universidade Católica de Santiago (12 por cento). Mas as outras cinco universidades particulares do Chile também tinham começado a fazer a reforma das suas estruturas.

O golpe de Estado interrompeu bruscamente o processo. Após os combates que se lhe seguiram (principalmente na Universidade Técnica), as universidades foram fechadas.

Todos os reitores eleitos (de resto, a maioria deles de tendência democrata-cristã) foram eliminados e substituídos por militares («reitores delegados») cuja primeira tarefa, proclamavam eles, seria «extirpar o cancro marxista», começando pelos portadores de germens, isto é, professores e alunos.

Na Universidade do Chile, o primeiro reitor militar, general Ruiz, logo designou trinta e oito juízes «para proceder ao trabalho de inquisição e pronunciar-se acerca da expulsão dos militantes ou simpatizantes de esquerda, em vinte e quatro ou setenta e duas horas, conforme o caso era de «notoriedade pública» ou simplesmente «duvidoso».

Por vezes, como em Valparaíso, o processo consiste em assinalar ao interessado que «se ele não recebeu o salário de Novembro, é que deve considerar-se como fazendo parte da lista do pessoal eliminado». Na Faculdade de Medicina, onde os ódios contra os homens de esquerda são violentos, nem mesmo há aparência legal e alguns, médicos professores são perseguidos, até nas salas de aula.

Esta repressão ainda hoje continua. O general Ruiz, «reitor» da Universidade do Chile, considerando demasiado brando, apesar dos seus grandes feitos, foi substituído por outro militar, o general Rodriguez Pulgar. «Os reitores delegados militares, deverão manter-se enquanto se mantiver o Governo militar», declarava este último em Agosto de 74, antes de assumir as suas funções.

Os serviços de espionagem militar são omnipresentes. Este ano foram presos em média quarenta estudantes por mês. A 13 de Agosto passado ainda foram presos na Faculdade de Letras de Santiago, quarenta e quatro pessoas «moderadas», entre elas, o director do Departamento Francês, conhecido pelas suas opiniões conservadoras (e, de resto, logo posto em liberdade). Ainda é difícil adiantar números, mas parece verosímil que depois do golpe de Estado, 40 por cento dos professores e 30 por cento dos estudantes tenham sido levados a deixar, à força ou não,

Continua na pág. 18

Nacional

18 DE SETEMBRO

M.R.P.P. — cinco anos de luta

Passam amanhã cinco anos sobre a fundação do M.R.P.P., Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado. A passagem do 5.º aniversário da fundação do movimento vai ser assinalada por diversas iniciativas. Para as divulgar, a organização deu ontem uma conferência de Imprensa na sua sede em Lisboa. Ausente o secretário-geral, Arnaldo de Matos, falou um membro do Comité Central do movimento.

Das iniciativas anunciadas, é de salientar uma exposição intitulada «Cinco anos de luta pela fundação do Partido» que poderá ser vista no Rossio desde hoje e até amanhã. Ainda para hoje, o programa prevê a passagem do filme «Outubro», de Sergei Eisentein e documentários sobre as lutas operárias e populares na China, na sede dos Bombeiros Voluntários de Lisboa. Aqui, e ainda hoje, com início às 21 e 30, o Grupo de Teatro Popular Mundo Novo levará à cena a peça «Será que ides hesitar»? Amanhã à noite há um comício no Campo Pequeno, com a participação do secretário-geral do movimento, Arnaldo de Matos falará da situação política actual e das tarefas que cabem à organização, à classe operária e aos trabalhadores.

No decurso da conferência de Imprensa ontem levada a efeito, foram tratados vários temas «quentes» no momento político presente: a luta dos soldados da Polícia Militar, os problemas da Informação (abordados os casos «República» e Rádio Renascença), a articulação entre operários e camponeses, a necessidade duma Frente Única — proposta há dias por Arnaldo de Matos no decurso dum comício. Para o M.R.P.P., esta Frente Única deveria englobar «democratas, patriotas, antifascistas e anti-social-fascistas».

Foi revelado ainda que estão em andamento os preparativos para o Congresso Nacional do M.R.P.P. que deve realizar-se por todo este ano.

TIMOR

Alimentos só para duas semanas

Timor Português, depois de um mês de guerra civil, enfrenta agora a ameaça da fome e da escassez de combustível. Segundo um funcionário da Cruz Vermelha, em Dili, as reservas alimentares existentes são apenas suficientes para duas semanas. O auxílio externo está a tornar-se urgente, principalmente no que respeita a arroz, alimento base da população local. Face a esta situação, dirigentes da Fretilin lançaram há dias um apelo à Austrália, mas o mesmo não foi até agora atendido. Por sua vez a Indonésia, que também já constatou a gravidade destes factos, mostra-se decidida a prestar ajuda ao Timor Português, mas apenas na condição de Portugal permitir que as suas tropas atravessem a fronteira para restabelecer a ordem no território, condição esta rejeitada por Lisboa.

Do lado indonésio, continua a ser manifesta a preocupação pela aparente vitória da Fretilin no confronto armado com a U.D.T. e a Apodeti e pela possibilidade daquele movimento, de tendências progressistas, vir a assumir a direcção dos destinos da parte portuguesa da ilha. O desejo de intervir é manifesto no que respeita à Indonésia, a despeito da oposição firme que a Austrália tem levantado a qualquer imiscuição nos assuntos internos daquela colónia. Ontem, em Jacarta, o jornal oficial indonésio «Suara Karya», que se vem caracterizando pela publicação de notícias alarmistas sobre Timor, afirmava, citando uma fonte portuguesa, que conselheiros norte-vietnameses estavam a treinar forças da Fretilin e que o Governador Português, coronel Lemos Pires, havia tomado partido pela Fretilin, no contronto deste movimento com a U.D.T. e a Apodeti.

Sobre as intenções da Idonésia, há ainda a registar que este país, reforçou a sua defesa naval em torno da parte Leste da ilha de Timor.

Ari Siswadi, comandante do distrito de Kuang, território indonésio de Timor, declarou, nomeadamente, que várias fragatas, lanchas de desembarque e vedetas foram enviadas para patrulhar ao largo das costas orientais de Timor.

No interior da colónia portuguesa de Timor a situação parece manter-se sob o controlo da Fretilin, de acordo com informações transmitidas por jornalistas australianos. Rogério Lobato, um dos chefes militares da Fretilin, declarou que os últimos focos de resistência, resultantes da recente união U.D.T.-Apodeti, tinham sido eliminados e que as forças conjuntas dos dois movimentos se haviam rendido em Atsabe, próximo da fronteira com a Indonésia. Segundo declarou, o grupo não era constituido por timorenses, mas por 20 ou 30 soldados indonésios fortemente armados.

A despeito do controlo da Fretilin sob a maioria do território, a U.D.T. mantem ainda algumas bases no interior de Timor, próximo da fronteira com a Indonésia. É o caso de Batugede onde, numa antiga fortaleza, se encontram detidos vinte e cinco soldados portugueses e um jornalista de Lisboa, João Matos Cristovão, correspondente do semanário «Expresso». Segundo relato feito por João Matos Cristovão a jornalistas autorizados a visitá-lo, o seu grupo teria sido aprisionado, o mês passado, pela U.D.T., quando tentava fugir para o Timor Indonésio. De acordo com estas declarações, cinco dos militares detidos teria ainda conseguido atravessar a fronteira, mas foram posteriormente entregues à U.D.T. pelas autoridades indonésias.

A libertação deste grupo é exigida por Portugal como condição para o início de conversações com os três movimentos, as quais poderão, caso a exigência seja satisfeita, principiar ainda este mês, possivelmente em Macau.

NO LICEU DA AMADORA

Os alunos matriculados no curso nocturno do Liceu da Amadora vão reunir-se a partir das 21 horas, no ginásio daquela escola.

A reunião é convocada pela comissão, directiva e a ordem de trabalhos resume-se à discussão dos horários a adoptar no próximo ano lectivo.

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

SÓ FALTAM 45 DIAS...

. A «Constituinte» corre perigo. Ameaça da reacção? Não. Perigo de ser dissolvida sem ter tempo de elaborar a Constituição. «Faltam apenas 45 dias úteis para a conclusão dos trabalhos», advertiu Manuel Ramos (P. S.), que não vê, como em tão curto espaço de tempo a Assembleia possa terminar a sua missão. Uma sugestão do mesmo deputado: sessões nocturnas.

No período antes da ordemdo dia, as intervenções, ontem, foram muitas. O P. P. D. dominou este primeiro tempo, deixando ao P. S. apenas duas intervenções: a já citada, de Manuel Ramos, e a de Júlio Calha (ocupação de Cujancas — à demagogia urge contrapor o quê?). Ao deputado da U. D. P. foi também dada oportunidade de se referir à sorte dos militantes antifascistas espanhóis da F. R. A. P.

Quanto às intervenções do P. P. D., Artur Cunhal focou o desaparecimento de mil G-3 e Mota Pinto perguntou: «Como pode o P. C. P. acusar o P. P. D. de estar com a contra-revolução?». A esta pergunta do seu colega, Jorge Ramos contrapôs uma exigência: «No que respeita a esta Assembleia, há que exigir do M. F. A. actos concretos de consideração e respeito pela sua missão patriótica, o que inclui o reconhecimento do seu poder soberano e exclusivo na esfera de acção que lhe cabe e ainda a aceitação leal da Constituição prestes a ser aprovada». Para Jorge Ramos, «só assim o povo português acreditará na autenticidade democrática da Revolução». Só?...

Entre as intervenções do P. P. D., registou-se ainda a de Alípio França que evocou a memória de Humberto Delgado e sugeriu a translação dos seus restos mortais para os Jerónimos.

Depois de todas estas intervenções (como acabar o trabalho em 45 dias?), entrou-se na ordem do dia e entraram, tambem, na sala, os deputados P. C. P. e M. D. P./C. D. E.

Neste período foi aprovado o texto que consagra o direito ao trabalho e o dever de trabalhar (artigo 2.º, título III capítulo 1: 1 — Todos têm direito ao trabalho; 2 — O direito ao trabalho é inseparável do dever de trabalhar, excepto para aqueles que sofram restrições à sua capacidade por razões de idade, doença ou invalidez; 3 — Todos têm direito de escolher livremente a sua profissão ou género de trabalho com respeito pelo princípio da igualdade de oportunidades, salvas as restrições legais impostas pelo interesse colectivo ou inerentes à sua própria capacidade).

Registou-se ainda uma votação P. S., P. C. P., M. D. P. / C. D. E. Galvão de Melo, quanto à forma final do texto do Artigo 1.º do mesmo capítulo, o qual através da proposta do P. S., ficou com a seguinte redacção: «A apropriação colectiva dos principais meios de produção, a planificação do desenvolvimento económico e a democratização das instituições são garantias e condições para a efectivação dos direitos e deveres económicos, sociais e culturais». Abstiveram-se o P. P. D. e o C. D. S.

Finalmente, entrou-se na discussão (animada) do Artigo 3.º. Mas a hora já ia adiantada e as propostas eram muitas. Por isso, a sua aprovação passou para a sessão de hoje (como apertam os 45 dias...).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 93/75

Faz-se público que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 454/75/GTH — CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA PRIMÁRIA EM OLIVAIS-VELHO», com a base de licitação de 8 156 664$00. (Processo n.º 38/75/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 203 917$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis no Gabinete Técnico da Habitação, sito na Avenida da República, 101, das 9.30 às 12 e das 14.30 às 20 horas, prestando-se todos os esclarecimentos técnicos no segundo período de serviço.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na 1 Categoria ou 1.ª ou 3.ª Subcategoria da 1 Categoria e da Classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 23 de Agosto de 1975.

O Vice-Presidente
da Comissão Administrativa
Mário Filipe Lopes

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27 - 29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Por proposta da Assembleia de Delegados Sindicais de 15.9.75 e com o acordo das listas candidatas aos Corpos Gerentes, realizar-se-á uma sessão de esclarecimento conjunta LISTAS A e B, **6.ª feira, às 21 horas,** na Voz do Operário.

Pela importância de que se reveste esta sessão para as eleições no próximo dia 20 (sábado), apela-se a todos os sócios deste Sindicato para uma ampla comparência!

TODOS À VOZ DO OPERÁRIO!

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Lx. 16.9.75

SINDICATO DOS ENGENHEIROS DA REGIÃO SUL

RECORDATÓRIA

Informa-se, de novo, que o prazo limite para a inscrição nos cadernos eleitorais para efeito das eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Engenheiros da Região Sul é o dia 19/9/75, próxima 6.ª feira.

Esta inscrição deverá fazer-se pelo preenchimento do respectivo Boletim enviado para os domicílios de todos os colegas em 1/9/75 e também disponível na Sede Provisória na Av. António Augusto de Aguiar n.º 3-D.

Lisboa, 16 de Setembro de 1975

Pel'A COMISSÃO INSTALADORA
a) **PedroCunha Serra**
Amílcar Ambrósio

Nacional

Ora diga-nos

"Que queres ser quando fores grande?"

A Teresa (Mendes da Silva Ferreira) tem sete anos e uma boneca muito bem embrulhada num pequeno cobertor castanho. Passeia-se rua abaixo, rua acima, mimando atitudes de senhora crescida. Posso fazer-te uma pergunta? Que sim. Então diz-me lá o que é que tu queres ser quando fores grande.

A Teresa atirou os olhos para cima, pôs um dedo na boca, e não disse nada.

Então tu não sabes o que queres ser quando fores grande?, insistimos.

A Teresa não atava nem desatava. Aconchegava um pouco mais a boneca e olhava para o chão, de onde não parecia chegar-lhe a resposta.

Então, bruscamente, atirou:

. Não sei! Ando na segunda classe e tenho sete anos.

E calou-se num mutismo que ninguém ousaria ultrapassar.

Depois (muito depois) de lhe termos dito ao que íamos, Paula Alexandra Alfarelos, de seis anos e muito crescida para a idade, acabaria por nos dizer que queria ser professora.

Porquê?

Porque gosto muito da minha professora, disse-nos.

Professoras, a Paula já conhece o que são. Andou na infantil desde os seis anos e vai entrar, alegremente, na primeira classe.

Eu já ando na segunda, disse, superiora, a Teresa, que assistia à conversa.

Fernando Manuel Gonçalves Horta quer ser aviador. Porquê? Pois...

Porque nunca andei de avião e, por isso, quero andar.

Mas (dissemos nós olhando o Fernando, os seus nove anos e antevendo a perspicácea de quem anda já na terceira classe) podes comprar um bilhete e andar de avião. Não precisas de ser aviador para isso.

Pois não! Mas quero ser aviador, pronto!

Deficientes das Forças Armadas:

A LUTA PELO DECRETO-LEI

. «É preciso acabar com essa canalha e dar o poder a quem trabalha!»

. A Associação dos Deficientes das Forças Armadas decidiu que chegou a hora de ir para a rua, lutar pelos direitos que tem e mostrar ao povo que a juventude atingida e mutilada pela guerra colonial não é um peso morto para Portugal, mas uma força viva com a qual a Revolução pode e deve contar.

No próximo sábado, dia 20, os Deficientes das Forças Armadas promovem uma manifestacão e contam com a presença e o apoio de comissões de trabalhadores, de moradores, organizações progressissoldados marinheiros, oficiais revolucionarios e progressistas, soldados marinheiros oficiais revolucionários e do povo trabalhador. Todos são esperados no Rossio, às 18 horas, para exigir que os Deficientes das Forças Armadas encontrem finalmente, soluções concretas junto ao Governo, que deverão passar pelo aumento das pensões de fome, pelo suprimento da total ausência de assistência médica e de próteses, pelo fim da prática da caridade e pela criação de condições de trabalho para todos.

UMA LUTA ANTIGA

. Os Deficientes das Forças Armadas, desde o dia 14 de Maio de 1974, data da fundação da sua Associação, travam uma luta incessante pela conquista dos direitos que o regime anterior sempre lhes negou: assistência médica para todos, meios mínimos de subsistência que permitam a independência da «caridadezinha» e direito ao trabalho através da reabilitação profissional e consequente reintegração dos seus membros.

Eles sabem que esta luta é dura. O capitalismo, na mira do maior lucro com o menor investimento dispõe em Portugal de material humano para explorar em quantidade suficiente, não havendo necessidade de investir capitais na reabilitação das vítimas que criou.

Por isso, acusam: «Nunca o fez aos deficientes de nascença, aos acidentados de trabalho, nem aos de viação durante 48 anos; não o fez ao longo de 13 anos de guerra colonial onde nos utilizou como «carne para canhão»; não o fará nunca porque tem necessidade de alimentar a burguesia na prática ostensiva da caridade e de manter as populações trabalhadoras amarradas ao sentimento doentio do «ceguinho» do «aleijadinho», do «coitadinho». Houve milhões de contos para destruir a juventude portuguesa a juventude portuguesa nas guerras coloniais. Não há agora alguns milhares para nos libertarmos das garras de dependência da «caridadezinha». Cinco Governos Provisórios não solucionaram o problema das nossas justas reivindicações.

O DECRETO-LEI

Para toda a situação de injustiça e de instabilidade, tanto económica como emocional, em que se encontram os Deficientes das Forças Armadas, bastaria a promulgação de um decreto-lei que já está pronto e que já obteve um parecer favorável por parte do anterior Conselho da Revolução e dos Ministérios.

Até agora, a atitude dos Deficientes das Forças Armadas teve como ponto constante algo que pode ser chamado de paciência, pois limitaram-se apenas a ocupar o Palácio da Independência para transformá-lo em sede da Associação, e mantiveram os contactos a nível reservado, tendo, inclusive cancelado manifestações públicas por chegarem à conclusão que poderiam fornecer mais armas aos inimigos do processo, numa altura em que a vida política nacional não deveria ser mais agitada com grandes manifestações reivindicativas.

Durante o primeiro e o segundo Governo Provisório, consideram que foram «bolas de ping-pong» nas mãos dos spinolistas e «vira-casacas». As suas palavras só encontraram eco e foram escutadas devidamente quando, por duas vezes, foram recebidos pelo ex-primeiro-ministro Vasco Gonçalves. Mas a boa vontade encontrada foi depois escamoteada e dificultada pelo aparelho de Estado que não demonstrou muito interesse em resolver o problema de 30 mil Deficientes das Forças Armadas, dos quais 95 por cento pertencem aos estractos sociais mais explorados.

Programa do VI Governo agrada à C.I.P.

. A Confederação da Indústria Portuguesa, organização do grande capital, anunciou que o programa político do VI Governo Provisório «vai ao encontro de uma série de desideratos desde há muito por ela proclamados, no decurso de uma conferência de Imprensa convocada para prestar informações acerca da recente reunião em Lisboa da Organização Internacional de Empregadores.

Os homens da CIP (presentes, António, Vasco de Melo, Albertino Martins de Carvalho, e Jorge Rocha de Matos, queixam-se de que não está bem definido o lugar da iniciativa privada, no projecto de sociedade para que aponta o nosso processo político, e acusam os trabalhadores de terem cometido «abusos» ao empreender o controlo da produção.

Tendo-lhes sido perguntado se os industriais que hoje aparecem preocupados com a «democracia económica» estariam dispostos a colaborar com os trabalhadores, num regime verdadeiramente socialista em que fosse abolida a iniciativa privada e a exploração do homem pelo homem, pondo os seus conhecimentos ao serviço da sociedade sem daí retirarem lucros, Vasco de Melo, presidente da CIP, respondeu não ter nascido para «funcionário público».

Deste modo se desvanecem as dúvidas que porventuras ainda existam.

Soares ao "Avanti": "O P.C.P. é sectário"

. ROMA, 17 (FP e «DL») — Em entrevista concedida ao «Avanti», órgão do Partido Socialista Italiano, Mário Soares referiu-se à crise económica e à necessidade que existe, em sua opinião, de «realizar operações financeiras com o nosso ouro, cujas reservas são consideráveis».

Soares abordou, ainda, o problema do desemprego e a necessidade de se «incrementarem os investimentos nacionais e estrangeiros», pondo termo «à anarquia reinante nas empresas».

«Não se trata de favorecer um processo de acumulação capitalista», disse Soares, mas de «enfrentar com decisão a crise e preservar os recursos do País».

O líder socialista manifestou a sua confiança no auxílio da Europa e acusou o P. C. P. de sectarismo. Segundo Soares, as «manifestações anticomunistas» no Norte de Portugal e nas ilhas (Mário Soares deveria querer referir-se aos assaltos e destruições de sedes do P. C. e de outros partidos progressistas) fica a dever-se ao «sectarismo» do Partido Comunista e não, portanto, à acção concertada de forças reaccionárias.

O dr. Soares deu grande importância a um acordo, que afirmou desejar, emtre comunistas, P. S. e P. P. D.

PORTUGAL-BULGÁRIA

. Foi constituída em Lisboa a Associação Portugal-Bulgária, organização que tem por objectivo o incremento cultural, o conhecimento mútuo e a aproximação entre os dois povos, tudo isto baseado nos princípios da defesa da Paz e dos acordos de Helsínquia.

Eleitos os primeiros corpos gerentes, a Associação fica desde já a ser gerida pelas seguintes personalidades: presidente, António Galhordas; vice-presidente e secretário-geral, Blasco Hugo Fernandes; secretários-adjuntos, capitão Loureiro e Sérgio Nisa; vogais: Carlos Silva, Jacques Romano, Jaime Serra, José Saramago, Mário Castrim, Maria Regina Vasconcelos, Narciso Ariete, Olga Cadaval e Pinheiro Chagas.

ASTRONÁUTICA

O general Costa Gomes, presidente de honra do 26.° Congresso da Federação Internacional de Astronáutica, usará da palavra durante a sessão da abertura do encontro, que se realiza no dia 22, às 10 horas, na Fundação Gulbenkian.

Durante o Congresso, que decorrerá até ao dia 27, será entregue ao prof. Oleg Gazenko, director do Instituto dos Problemas Biomédicos do Ministério da Saúde da U.R.S.S., o prémio internacional Guggenheim 1975, no montante de mil dólares, instituído pela Academia Internacional de Astronáutica, com sede em Paris.

Entretanto, a comissão organizadora do Congresso e o secretariado permanente da Federação, dão uma conferência de Imprensa amanhã, às 10 horas, na biblioteca do Palácio Foz.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

A Comissão Directiva convida todos os trabalhadores da indústria metalúrgica e metalo-mecânica a aderirem à manifestação marcada para o próximo dia 18 (quinta-feira) por 40 Comissões de Trabalhadores da área de Lisboa.

A Comissão Directiva chama a atenção de todos os trabalhadores metalúrgicos para o carácter apartidário e revolucionário desta manifestação e considera que está de harmonia com a linha do Apelo que dirigiu a todos os trabalhadores e forças progressistas no dia 11 deste mês.

Os contra-revolucionários atacam e os agentes da social-democracia manipulam os centros de decisão político-militar. A revolução está em perigo!

Encontram-se por publicar mais de cinquenta Decretos do V Governo. Alguns destes Decretos são decisivos para o avanço da Revolução, pois dizem respeito à nacionalização da CUF, dos sectores da Construção Naval e Produção de Cervejas, aos vencimentos dos funcionários públicos, aos baldios e ao Controlo Operário da Produção.

Aqueles que se opuseram encarniçadamente à formação do V Governo e que depois lhe contavam a vida por dias, querem, agora, anular as suas leis traindo os interesses dos trabalhadores.

Quem é contra a nacionalização da CUF e o Controlo Operário da Produção? A família Melo ou os trabalhadores?

Porque não promulga o Sr. Presidente da República os Decretos do V Governo?

Os trabalhadores exigem a publicação e a aplicação imediata dessas leis.

A revolução portuguesa só tem dois caminhos: revolução socialista ou fascismo. Todos à manifestação do dia 18 pelo avanço da revolução e contra as manobras para a formação de um Governo de direita.

Lisboa, 15 de Setembro de 1975.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional

Tribuna livre

A. LOPES FERREIRA

O POVO E A REVOLUÇÃO

[illegible]ho-me a ler as cartas ao [illegible]l Otelo e já não consigo [illegible] ao fim sem saltar [illegible]os. Creio sentir em todas [illegible]a tremenda angústia, uma [illegible]idade desesperada do mito. Um mito cuja necessidade hoje nos escapa já que as verdades primordiais, os modelos «políticos» se vão em nossos dias desvanecendo, convencidos que estamos que são cada vez mais os povos que fazem a história e não os «grandes homens» — por sinal em vias de desaparecimento, talvez por aquele próprio facto. Mas tendo começado (terá mesmo?) a existir este «nosso» mito, quem o criou? As massas, a arraia-miúda? Não, criou-se ele próprio. Quando os comuns mortais se interrogavam sobre quem era a alma da revolução, quem era o estratega, quem era a causa — ele mesmo respondia: eu o sou! Não contente com as palavras, praticava os gestos do aparecimento no decorrer de um discurso alheio, gozando a interrupção inebriado pelas palmas significativas do «ecce homo!» Este sistemático «eis o homem!», que no fundo ajudava o mito a realizar-se, de repente cessou. O mito já não dava sinais físicos de presença; a sua voz calara-se. Em contrapartida certos fenómenos «copconianos», fruto do mito, comprometiam-no. Foi então que começou em alguns a angústia; mas em compensação fez-se noutros a definitiva certeza de que o povo é o princípio, o meio e o fim da revolução.

2 — E a propósito do mito (autocriado e autodesfeito) lembro-me de Cuba, onde a certa altura uma voz disse: «Há que combater em todos os momentos o imperialismo, numa sucessão infinita de golpes e contragolpes; é a única forma do povo obter a sua verdadeira independencia. Nunca retroceder não permitir jamais um momento de fraqueza e cada vez que as circunstâncias presentes nos façam pensar que a situação poderia ser melhor se não estivessemos lutando contra o imperialismo, que cada um de nós pense no passado, na longa série de torturas e de mortes que o povo cubano teve de suportar para conseguir a sua independência; que todos pensemos nos despedimentos, nos desalojamentos dos camponeses, nos assassínios de operários, nas greves desbaratadas pela Polícia, em todas as manifestações da opressão de uma classe que desapareceu completamente de Cuba. Que tudo isto seja recordado em todos os momentos e, ao recordá-lo, se torne mais firme a nossa decccisão de vencer e de marchar em frente.»

Estas palavras do Che, que tiveram eco no povo cubano, surtiriam o mesmo efeito em Portugal. Só que aqui os condutores revolucionários têm sido postos à margem por potentes catilinas que parecem querer abusar da paciência de um povo, que não é 20 por cento de sociais-democratas e de fascistas ávidos de poder, mas efectivamente 80 por cento de cidadãos sedentos de pão e de justiça. Como é possivel, por exemplo, que alguem identifique nove oficiais burgueses (à primeira vista nã susceptiveis de reciclagem proletária) com 80 por cento de uma Nação que praticamente desde 1385 não sabe o que é o poder identificado com a vmtade popular?

. E em 1975 quem cometeu a fraude? O povo que votou no socialismo, ou os que usaram do epiteto para lavrarem, quem sabe, o epitáfio?

. 3 — Mas não obstante insiste-se, mesmo ao nível do actual Conselho da Revolução, que se marcha para o socialismo. Pois bem, poder-se-á então concluir que se pretende corroborar na prática este autoconvencimento com uma lei de mordaça aos militares? Por mim penso que o novo C. R. se deve felicitar pela primeira lei que elaborou, já que capciosamente não visa mais que reprimir a clarificação de factos que a tendência direitista do presente poder militar não permite que venham à luz. Habilidosamente se coloca uma rolha na boca dos elementos revolucionários das Forças Armadas. Com êxito? E até quando? De qualquer modo, olhando os últimos acontecimentos político-militares, o mínimo que se poderá dizer desta lei é que tem um vincado sabor a...velho, passível de se associar a tudo menos à ideia de progresso da revolução socialista.

CIDADE MARGINAL

"PESCAVA" NA VELHA PISCINA...

O pescador Carlos Emílio, de 29 anos, natural da ilha de Santa Maria (Açores), deixou-se de pescarias no mar alto e começou a lançar a «rede» a uma presa diferente: artigos roubados. Montou «escritório» numa velha piscina abandonada nas imediações do Estádio do Restelo e passou a receber a visita de jovens assaltantes que, a baixos preços, lhe entregavam o produto das suas deambulações pelas propriedades alheias. Até que alguém alertou as autoridades policiais e lá se foi o negócio do Emílio. Em seu poder encontravam-se várias moedas antigas, nacionais e estrangeiras, um anel de ouro e uma pistola «Star» carregada com seis munições.

PROCURADO POR ABUSO DE CONFIANÇA

A Polícia Judiciária procura o dactilógrafo José Manuel Freitas, de 32 anos, solteiro, natural da Ilha de Moçambique, acusado de ter cometido o crime de abuso de confiança na firma onde trabalhava, ao apoderar-se de setenta e três contos. Segundo o auto de notícia, o dactilógrafo Freitas faz-se acompanhar normalmente por invidíuos jovens com idades entre os 18 e os 23 anos.

UM AMOR A TRÊS

António Marcelino, de 47 anos, ferreiro, e Manuel Barbosa, de 45, carpinteiro, cortejavam a mesma mulher, e daí até enolverem-se em desordem foi apenas o tempo que levou encontrarem-se sob a janela da pessoa amada, na Rua do Benformoso, à Mouraria. Socaram-se, pontapearam-se e, no final da refrega, só possível com a chegada de uma ronda da Polícia Militar, apresentavam-se ambos em péssimo estado: Marcelino com os óculos partidos e Barbosa com a camisa rasgada.

UMA ARMA DE CANO CORTADO

Uma quadrilha de «ratos» de automóveis, composta por cinco jovens (Fausto, Cardoso, Reis, Sequeira e Gomes), todos solteiros e residentes no Laranjeiro, foi detida pela G.N.R. de Almada e entregue ao Tribunal daquela comarca. Na residência onde funcionava o seu «quartel-general» foi encontrada uma espingarda caçadeira com os canos cortados. Do bando fazem ainda parte dois menores de 12 anos.

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

PLENÁRIO

ESTATUTOS DO SINDICATO

A CDP convoca os professores de todos os graus de ensino para o Plenário (continuação do anterior), que se realiza **na Segunda-Feira, dia 22, pelas 20.00 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.**

Neste Plenário continuar-se-á a discutir na especialidade o projecto de Estatutos do Sindicato.

— Os Estatutos são importantes.

— A mobilização de todos é a garantia da democraticidade da decisão.

POR UM SINDICATO UNITÁRIO, DEMOCRÁTICO E DE MASSAS!

POR UM SINDICATO INTEGRADO NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO!

POR UM SINDICATO DOCENTE LIGADO À CLASSE OPERÁRIA E AOS TRABALHADORES!

NOTA 1. No caso de continuação do Plenário, este terá lugar nos dias 24 e 26 à mesma hora e no mesmo local.

NOTA 2. Para a identificação deverá ser apresentado o cartão de sócio e **só em último caso** o bilhete de identidade poderá ser apresentado para conferir com os mapas de quotização.

ASSINA A COMISSÃO DIRECTIVA

Pel'A Comissão Directiva

Ludgero Paula Nobre Leote

Junta Nacional dos Produtos Pecuários desmente acusação da direcção da cooperativa de Oliveira de Azeméis

A direcção da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis fez emitir, no passado fim-de-semana, um telegrama de que alguns órgãos de comunicação social deram ampla divulgação.

Nesse telegrama acusava-se a Junta Nacional dos Produtos Pecuários de dever cerca de 23 mil contos àquela organização da lavoura, débito esse que ameaçava a sobrevivência dos seus 7 mil pequenos lavradores associados.

O teor gravoso da acusação, pelo seu carácter, alarmista junto da opinião pública, como tentativa de descrédito de um organismo que procura defender os legítimos interesses da pequena e média lavoura, leva a Junta Nacional dos Produtos Pecuários a esclarecer o público e os lavradores associados da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis do seguinte:

1. A Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis foi dotada, em Fevereiro último, de uma verba de três mil contos, para fazer face a eventuais atrasos nos pagamentos de subsídios destinados à lavoura.

2. Foi ainda aquela cooperativa dotada, em Maio último, de um adiantamento de 2 mil contos, com vista a amortizar encargos do leite que envia para Lisboa.

3. Para obviar mais demoras, habitualmente ocasionadas por indispensáveis trâmites burocráticos, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários iniciou em Junho último a prática de critérios que beneficiaram as organizações da lavoura em geral, e que se traduziram no caso da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis no seguinte: a) Reforço de cerca de 7 mil contos ao adiantamento do abono concedido no princípio do ano. b) Adiantamentos mensais regulares de verbas aproximadas dos subsídios a que aquela organização tem direito.

4. Relativamente ao leite enviado para Lisboa no mês de Agosto, esclarece-se que a verba relativa ao mesmo foi liquidada dentro das condições habituais no dia três do mês corrente, data muito anterior à do telegrama da direcção da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis.

5. Pelas razões aduzidas, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários deplora a atitude irresponsável da direcção desta organização da lavoura, que foi uma das mais beneficiadas pela anterior presidência da Junta.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

COMUNICADO

1 — Ao abrigo do Art.º 85.º, alínea 4 dos Estatutos, informo todos os sócios deste Sindicato que foram enviados pelo correio as listas de voto, assim como os programas das listas candidatas às eleições.

2 — Informo que, se por qualquer eventualidade alguns sócios não recebam o atrás referido, deverão dirigir-se ao Sindicato, onde se encontram à disposição os programas das Listas A e B.

3 — Informo, ainda, que as listas enviadas servem de Boletim de voto, pelo que todos os sócios devem ser portadores das mesmas no acto eleitoral. Encontram-se, no entanto, à disposição de todos os sócios, listas no próprio acto eleitoral.

4 — Informo, finalmente, que todos os sócios devem ser portadores do cartão de sócio, ou de qualquer outro elemento de identificação com fotografia.

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

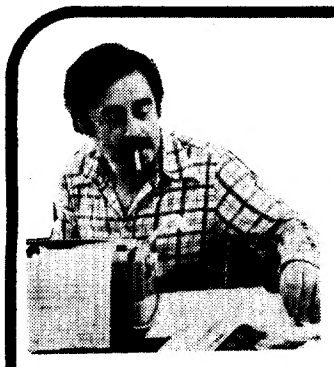
CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Decreto-Lei 215-B/75 faz-se saber que a eleição dos Corpos Gerentes deste Sindicato (Assembleia Eleitoral) se realiza no dia 20 de Setembro de 1975, das 8 às 24 horas, na sede deste Sindicato em **Lisboa**, Av. da República, 29 (concelhos de Lisboa, Sintra, Cascais, Loures e Oeiras), em **Vila Franca de Xira** — Rua Serpa Pinto, 136-2.º (concelhos de Vila Franca, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sobral de Monte Agraço); em **Torres Vedras** — Rua Tenente Valadim, 57 (concelhos de Cadaval, Lourinhã e Mafra).

Lisboa, 15 de Setembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues



O repórter de serviço

ANTÓNIO TADEU

E a malta a jogar ás cartas...

. «Help, help», gritava o camarada sonâmbulo lá no quarto escuro. «Socorro, socorro» — gritava a dona da pensão, que, pelos vistos e ouvidos, não sabia inglês.

«Grunf grunf, nhac nhac, snif, snif, grrr, grrr — continuava o camarada sonâmbulo lá no quarto escuro — help, help»!

. A malta nas calmas continuava a jogar ao sete e meio no quarto que tinha janela para a rua.

A dona da pensão irrompia gorda no roupão de algodão: «Coitadinho do senhor, então não ouvem, ele deve estar mal, terá alguém lá no quarto? E os senhores a qui tão descansados, ai coitado do senhor»!

. Evidentemente que o senhor — o camarada sonâmbulo — costumava empanturrar-se, antes de começar com o ressono, de histórias aos quadradinhos da família Disney: o Mickey, a Minnie, o Pateta, o Donaldo e os sobrinhos, a Min, a Maga Patalógica e seus parentes mais chegados. Depois, tinha aquele terrível feitio de sonhar alto. Não sei se ainda o tem...

Só sei uma coisa: se fosse hoje que o ouvisse gritar «help, help», a malta do quarto com janela, de certeza que apurava o ouvido, não fosse o tipo gritar sem o «h» bem à inglesa aspirado. E rais parta se aquilo não era malta de ouvido lavado e rais parta os tipos que ainda não aprenderam a ser higiénicos e ouvem para aí «help» e mais «help» sem «h» aspirado enquanto continuam entretidos a jogar às cartas.

Quem viu Maffeo e Gomez?

. O italiano Maffeo Bellicine e o espanhol Armando Pérez Gomez, fotos acima, são procurados pela Polícia Judiciária como «cérebros» e principais executores do assalto de quinta-feira passada à agência de S. Sebastião da Pedreira do Banco Português do Atlântico, em que desapareceram cerca de seis mil contos.

Recorde-se que Maffeo Bellicine, também autor do assalto, em Agosto passado, a uma carrinha do Banco Pinto de Magalhães, fugiu há três meses da cadeia do Linhó, em condições estranhas, sendo ainda perseguido pela Interpol como implicado no roubo recente a um banco na Suíça.

PESCADO: NOVAS TAXAS

. A fim de regularizar a «escandalosa situação de umas largas centenas de trabalhadores (cerca de 1200), que auferiam um simples salário eventual sem qualquer garantia ou segurança no trabalho, e sem nenhuma espécie de assistência médica ou social» e para uniformizar a «incidência dos encargos fiscais que recaíam sobre os diversos intervenientes nas transacções do peixe, pois que até agora a mesma qualidade do peixe, conforme era desembarcada em Matosinhos, ou Sines, ou Olhão, suportava taxas bem diferentes», foi revista a política de taxas, criando encargos novos para o pescado.

Uma terceira razão: «a necessidade de desafogo financeiro que é necessário imprimir» ao Serviço Nacional de Lotas, no qual trabalham as tais «largas centenas de trabalhadores».

DEPOIS DAS ELEIÇÓES

"O PS SUBORDINA-SE AO MRPP NOS SINDICATOS"

— Escreve "O Jornal"

. «As eleições, obrigatórias por lei em todos os sindicatos que as não realizaram depois do 25 de Abril, têm constituído uma repetição do eleiçoarismo que caracterizou a escolha de deputados à Constituinte, embora em escala reduzida e parcelar» — escreve no seu último número o semanário «O Jornal».

A ligação do P.S. ao M.R.P.P., que tem vindo a vencer na maior parte dos sindicatos, utilizou na sua campanha, o mais feroz anticomunismo, «o social-fascismo», que encontrou eco e aceitação sobretudo nos sindicatos de serviços.

Mas tudo leva a crer que o P.S. não terá muito a lucrar com a sua «Santa Aliança», pois, segundo o mesmo jornal «em termos partidários, parece que o P.S. não tem obtido outro resultado a não ser o de afastar elementos afectos ao P.C.P. e M.D.P., pois que não só se subordina a palavras de ordem nitidamente do M.R.P.P., como obtida a vitória deixa (ou é forçado) todo o campo livre para a manobra dos dirigentes afectos àquele Movimento».

Também a vida sindical está em crise. E só a consciência de classe dos trabalhadores tem impedido que ela se agrave. Pelo menos até agora. Ao contrário do que o P.S. e alguns dos seus deputados continuam a afirmar, a unicidade sindical é defendida por todas as forças de esquerda. Do P.C.P. à U.D.P., do M.D.P. ao M.E.S. A unicidade venceu. Os trabalhadores também.

Mas de facto, está a desenrolar-se uma viragem na vida sindical. Mas que tipo de viragem? — continuamos a perguntar. Corresponderá à «viragem que a política portuguesa está a levar?». O futuro o dirá. No entanto, haverá que contar sempre com os trabalhadores progressistas que afastados, ou não, dos direcções dos sindicatos, saberão lutar e defender as conquistas do 25 de Abril. Com a mesma coragem com que lutaram contra o fascismo.

E AS ELEIÇÕES PROSSEGUEM

Duas listas concorrem às eleições no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio. A lista «Por um grande e unido Sindicato dos trabalhadores do Comércio», engloba elementos afectos à actual Comissão Directiva, enquanto a outra, «Por um Sindicato Democrático em defesa de todos os trabalhadores» é formada por elementos do P.S. e M.R.P.P.

No Sindicato dos C.T.T. concorrem às eleições do próximo dia 29, nada mais nada menos do que cinco listas. São as seguintes: A — Por um sindicalismo de base; B — A força da unidade pela democracia sindical; C — Pela unidade e participação dos trabalhadores; D — Por um sindicalismo revolucionário de classe; E — Por um sindicato democrático.

Nos Metalúrgicos também haverá eleições no dia 4 de Outubro. Concorrem três listas: uma afecta à actual Comissão Directiva e ao Secretariado da Intersindical: outra com elementos afectos à U.D.P. e ao M.E.S. e finalmente uma outra com elementos afectos ao M.R.P.P.

Quanto aos sindicatos já ocupados pelas forças do P.S. e do M.R.P.P., contam-se o Sindicato dos Jornalistas, Escritórios, Administrativos da Marinha, Aeronavegação e Pesca e agora dos Seguros.

Vinte e sete milhões da R.F.A. para obstar à Revolução

. Num encontro tido em Bona com dirigentes do S. P. D. (Partido Social-Democrata da Alemanha Ocidental), Mário Soares afirmou que os sociais-democratas alemães lhe tinham dado apoio na altura necessária e exacta, ao contrário dos Estados Unidos, que mantiveram, segundo o líder social-democrata português, uma atitude de «resignação perante a possibilidade de Portugal se tornar uma espécie de Cuba no extremo da Europa Ocidental».

Por sua vez, Willy Brandt afirmou:

. «Não interferimos nos assuntos internos portugueses». No entanto, o empréstimo de 27 milhões de dólares que a Alemanha Federal quer conceder a Portugal está dependente de um estudo sobre as aplicações a dar ao dinheiro pelo Governo português.

«Defendemos apaixonadamente», disse ainda Brandt, «que Portugal deve seguir a rota do desenvolvimento democrático».

Esta «defesa» e o condicionamento do empréstimo levaram o noticiarista que, no Telejornal de ontem, leu a notícia, a comentar:

. «Será caso para perguntar se isto não é interferir nos assuntos internos portugueses...»

. Mais tarde, Soares participou num comício, em Bona, para emigrantes portugueses, onde fez as habituais acusações contra o «leninismo e o estalinismo» do P. C. P.

A polícia teve, entretanto e quando Soares se encontrava em Francfort, que utilizar gases lacrimogéneos e bastões para dispersar uma manifestação de 500 pessoas que protestavam contra a sua presença na cidade.

MOTORISTAS CONTRA GREVE

. Os dirigentes do Sindicato dos Transportes do Distrito de Lisboa vêm, mais uma vez, desmentir publicamente «uma presumível greve imposta por uma minoria de trabalhadores», e reafirma que «os motoristas não fazem nem farão nenhuma greve ou paralisação», que só poderia «satisfazer algumas **vontadinhas** dos senhores reaccionários com vista a um segundo Chile europeu».

Opondo-se aos dirigentes sindicais do Norte, a direcção do Sindicato de Lisboa testemunha o «empenho que toda a classe tem demonstrado face ao actual processo revolucionário, na defesa das amplas liberdades democráticas instauradas após o 25 de Abril».

Em comunicado à Imprensa, repudia uma notícia publicada na segunda-feira pelo «Jornal de Notícias», do Porto, que «continua, sem pejo, a afirmar a licitude de tal greve», contrária à vontade dos trabalhadores do volante, que pretendem construir «um novo Estado Democrático ao serviço do Povo e da Pátria».

Qual a diferença?

. A primeira vista, tudo normal na foto (de Hernando Domingues). Apenas o megafone contraria um pouco o esquema tradicional, mas essa novidade tem pouca importância. Também o acordeão não é, certamente, de modelo tão antigo como a velha concertina que se usava há anos em circunstâncias semelhantes. Também o vestido há-de ser diferente do que antes se vestia.

O megafone, fruto da época, é uma aparência como as outras.

No fundo, só as aparências mudaram: usam-se megafones, veste-se outra roupagem, canta-se outra música, mas o essencial permanece.

E o que permanece é a triste realidade do subdesenvolvimento, da luta pelo pão de cada dia, da tristeza que podia não ser a vida se todos os que podiam transformá-la o quisessem.

A porta esteve aberta. Neste momento, já quase fechada, ainda deixa passar, por uma pequena frincha, um raio de esperança, dizem uns.

Entretanto, os megafones, a outra música.

Mas, aqui e agora, não será a música a mesma?

N. G. S.

PORTUGAL E CANADÁ PESCAM JUNTOS

Num encontro entre entidades portuguesas e canadianas, realizado em Otawa nos dias 4 e 5 deste mês para tratar de assuntos no âmbito das actividades pesqueiras, ficou assente a importância de uma cooperação entre os dois países.

Foi afirmado por ambas as partes o reconhecimento de todas as cláusulas firmadas no Direito Marítimo, quanto a águas territoriais e à área a que o Canadá tem direito, fora desse limite.

Foi decidido que, numa primeira oportunidade, Portugal e o Canadá celebrariam um acordo bi-lateral sobre actividades piscatórias.

MAIS AUTOCARROS

Serão entregues amanhã os primeiros autocarros de uma série de 200, encomendados pela Carris para reforço da sua frota e poder melhorar os transportes urbanos de Lisboa. A entrega efectuar-se-á durante uma breve cerimónia, às 11 horas, nas instalações de Santo Amaro da C.C.F.L.

Metalúrgicos repudiam Lei de Censura

. Os metalúrgicos, reunidos em plenário, aprovaram por unanimidade uma moção em que se repudia a lei de censura militar, considerada antidemocrática e lesiva dos trabalhadores, soldados, marinheiros e de todos os explorados do País.

O plenário realizado em Vila Franca de Xira, teve como objectivo principal informar os trabalhadores sobre o C.C.T. vertical da Indústria Metalúrgica. Ao mesmo tempo que exigem a suspensão da lei de censura os metalúrgicos manifestaram a sua solidariedade aos trabalhadores da Informação.

Nacional

Mais trigo (e melhor) este ano

«Não precisamos de importar trigo: a produção é suficiente para o consumo» — assegura o dr. Aurélio Pinheiro Henriques, presidente do Instituto de Cereais, numa entrevista publicada no último número do semanário «Vida Rural». Segundo palavras do próprio Pinheiro Henriques, «se atendermos ao que se passou em **stock** da campanha do ano passado e à produção deste ano, quase podemos dizer que a produção é suficiente para o nosso consumo, isto é, não há necessidade de importação. O que será preciso importar é uma pequena parte de trigos rijos, especialmente para massas, e talvez precisemos de importar uma outra pequena parte para a panificação. Mas isto não tem significado em relação aos anos anteriores».

Parece que a produção de cereais deste ano é superior à do ano passado; mais: é superior à média dos últimos dez anos. Isto deve-se, segundo o presidente do Instituto de Cereais, a dois factos: «Por um lado, o ano agrícola foi favorável» — diz ele; «por outro lado, também aumentou a área de produção».

Mais trigo, este ano e melhor. Diz Pinheiro Henriques: «Para além do aumento em quantidade, regista-se também uma melhoria na qualidade do grão. Em resumo, houve uma maior área semeada, um aproveitamento melhor dessa área — aumentou a quantidade por hectare — e o grão é de melhor qualidade, o seu peso específico é superior ao do ano anterior».

Dois anos quase e a terra continua nas mãos dos mesmos...

SER DEPUTADO:
REGALIAS E DIREITOS DEVERES E IMUNIDADES

. Por resolução do Conselho de Ministros são indicadas, no «Diário do Governo» de hoje, as normas do Regimento da Assembleia Constituinte a fim de que as mesmas possam adquirir plena eficácia.

São regulamentados assim o exercício da função de deputado, as suas imunidades, regalias e direitos, bem como os seus deveres e a cessação do mandato. É definida a competência da Mesa e determinadas honras de primeiro-ministro ao presidente da Assembleia Constituinte ao tempo em que se explicita a colaboração dos meios de comunicação social nas reuniões da Constituinte.

Informa o Artigo 7.º: «Os funcionários do Estado e de outras pessoas colectivas públicas não podem exercer as respectivas funções durante o mandato de deputado.

«O deputado que for nomeado membro do Governo perde o mandato e será substituído nos termos do presente regimento.»

. No respeitante às imunidades os deputados à Assembleia Constituinte não respondem civil, criminal ou disciplinarmente pelos votos e opiniões que emitirem no exercício das suas funções ou por causa delas.

REGALIAS E DIREITOS

Os deputados à Assembleia Constituinte ficam adiados do cumprimento do serviço militar ou da mobilização civil; têm direito de livre trânsito e direito a passaporte especial nas suas deslocações oficiais ao estrangeiro; têm direito a cartão especial de identificação; têm direito aos subsídios que a lei prescrever.

Cessam, por outro lado, o mandato os deputados que se inscrevam em partido diverso daquele em que se encontravam filiados aquando das eleições ou quando sejam judicialmente condenados por participação em actividades ou golpes contra-revolucionários.

COMPETÊNCIA DA MESA

Compete à Mesa da Assembleia estabelecer o regulamento de entrada e frequência das galerias destinadas ao público, usufruindo o Presidente, no exercício das suas funções, de autoridade sobre todos os funcionários e forças de segurança ao serviço da Assembleia.

O presidente da Assembleia Constituinte tem honras idênticas às do Primeiro-Ministro.

Extrai-se ainda da resolução do Conselho de Ministros que, «durante o funcionamento de cada sessão, não será permitida a presença ou circulação no hemiciclo de pessoas que não sejam deputados ou funcionários ao serviço da Assembleia, salvo em situações excepcionais».

REUNIÕES PÚBLICAS

As reuniões plenárias da Assembleia Constituinte serão públicas, não havendo lugares reservados salvo os destinados a autoridades, ao corpo diplomático e aos órgãos de Comunicação Social.

«Cada grupo parlamentar poderá requisitar para cada sessão, na véspera, até 15 senhas de entrada nas galerias destinadas ao público.

«Para exercício da sua função (informa o Artigo 52.º), serão reservados aos representantes dos meios de Comunicação Social, portugueses ou estrangeiros, devidamente credenciados, lugares na Sala de Sessões.»

ENSINO
INSCRIÇÕES NO 1º ANO DO ENSINO SUPERIOR

Abrem amanhã em todas as escolas de Ensino Superior as inscrições para os canidatos habilitados para a frequência do 1.º ano. O prazo para estas inscrições encerra no prózimo dia 30.

Entretanto, «os alunos que ficaram aprovados nos exames «ad-hoc», mesmo aqueles que no ano passado por decisão das escolas não chegaram a ser submetidos a exames orais, podem também fazer a sua inscrição», segundo declarações feitas pelo director-geral do Ensino Superior, António Hespanha, ao nosso colega «Diário de Notícias».

Segundo este matutino, citando informações que lhe foram prestadas ainda por António Hespanha, as escolas superiores estão em condições de receber os pré-inscritos há um ano e que no ano lectivo transacto não chegaram a entrar. Mais, para o ano lectivo, que vai começar em Outubro, o M. E. I. C. investiu entre 300 a 400 mil contos em instalações de emergência para resolver a situação que se criou. No que respeita ao recrutamento do pessoal docente necessário, foram dispendidos mais de seis mil contos, mais cerca de mil do que no ano anterior.

No ano lectivo 74-75 inscreveram-se cerca de 25 mil alunos.

PROGRAMAS PARA PROFESSORES

«Produtores e produzidos» é o título dum programa que a RTP passa amanhã entre as 19 e as 19 e 30. O programa inicia uma série dedicada aos professores que vão leccionar o primeiro ano de ensino secundário unificado (7.º ano de escolaridade) pela primeira vez no próximo ano lectivo. O segundo da série vai passar no dia 24 às 18 horas.

Os programas (dois, para já) são uma produção do MEIC.

Numa nota distribuida aos órgãos de Informação através deste Ministério, informa-se ainda que durante o mês de Outubro haverá mais programas tanto na Televisão como na Rádio. O dia e a hora em que estes programas passam serão oportunamente anunciados.

CURSOS DE GEOTÊCNICA

. Outra informação do MEIC: estão abertas desde o dia 15 e até 30 do corrente nos Serviços Académicos da Universidade de Nova Lisboa (Av. da República, 65, 1.º) as inscrições para os cursos de especialização no domínio da Geotécnica, destinados a licenciados pelas universidades portuguesas.

Os cursos de Geologia e Engenharia Mecânica — começam em Outubro, e terão a duração dum ano lectivo.

Na iniciativa colabora, além da Universidade Nova de Lisboa, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

REUNIÃO DE CURSO

. Convocada pelo Secretariado da Policlínica do futuro 1.º ano da Faculdade de Medicina do Porto, vai realizar-se na sexta-feira no Hospital de S. João uma reunião de curso.

A reunião começa às 9 e 30.

CURSOS NO INSTITUTO ITALIANO

Abriram no Instituto Italiano de Cultura as matrículas para os cursos de língua italiana.

As inscrições devem ser feitas na secretaria do Instituto à Rua do Salitre, 146, em Lisboa.

Os cursos começam no dia 13 de Outubro.

Expropriações no Alentejo

. Quatro portarias emanadas do Ministério da Agricultura e Pescas e publicadas hoje na folha oficial determinam e mandam a expropriação de vários prédios rústicos nos distritos de Setúbal, Évora e Portalegre.

As expropriações vêm na sequência de propostas feitas pelos respectivos conselhos regionais de Reforma Agrária e atingem dezenas de herdades nos concelhos de Alcácer do Sal, Mora, Montemor-o-Novo, Évora, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Portel, Extremoz, Mourão, Reguengos de Monsaraz, Redondo, Arronches, Alter do Chão, Gavião, Fronteira, Sousel, Monforte e Campo Maior.

CALMA EM ANGOLA

Continuação da pág. 1

emigrar para Portugal.

No entanto, este êxodo da população branca há já vários dias que vem enfraquecendo. Por isso, na manhã de segunda-feira, o representante em Luanda, da companhia «UTA», teve a surpresa de não encontrar nenhum passageiro para o avião diário, fretado pelo Governo francês, com destino a Lisboa. Um «Boeing 707», da Força Aérea federal alemã, e um «Illyuchin», da Alemanha de Leste, tinham já embarcado os «desalojados» inscritos nos seus voos.

MEDIAÇÃO ESTRANGEIRA?

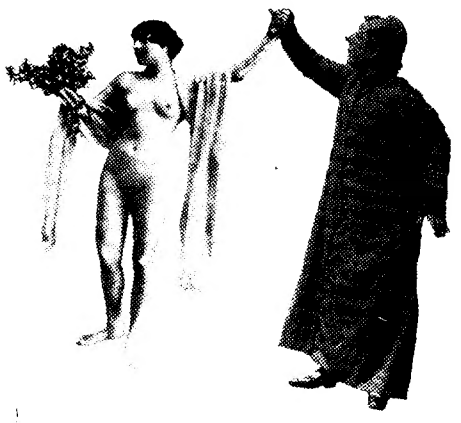
Segundo um telegrama da agência «Reuter», o Presidente da República Portuguesa, Francisco da Costa Gomes, teria enviado uma mensagem ao presidente do Uganda. Idi Amin, actual presidente da Organização da Unidade Africana, pedindo-lhe que enviasse uma missão desta organização a Angola, tal como foi decidido na recente conferência de Kampala. O telegrama, que cita a Rádio Uganda, acrescenta que os objectivos desta missão seriam os de encontrar, conjuntamente com as autoridades portugueses e com os movimentos de libertação angolanos, uma solução pacífica para os problemas que enfrenta aquela colónia.

A intervenção estrangeira no problema angolano, tem, contudo, sido vigorosamente rejeitada pelo M. P. L. A., muitas vezes com a adesão d- F. N. L. A.. Por sua vez, os países africanos dividem-se também quanto a este assunto. É o caso do Congo, cujo primeiro-ministro, Henri Lopez, declarou ontem que a independência de Angola, é, antes de tudo, um «problema interno». Henri Lopez, que regressava da Cimeira de Lusaca, disse, no entanto, que é importante que os chefes de Estado e de Governo, presentes em Lusaca (Zâmbia, Tanzânia, Moçambique, Botswana e Congo), pressionem o Governo de Portugal para que não suspenda os acordos do Alvor.

SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS

«Não é catastrófica a situação das 100 a 150 mil pessoas desalojadas», disse, em Genebra, Gilbert Etienne, responsável da Cruz Vermelha Internacional, a propósito da situação dos refugiados em território angolano. Gilbert Etienne revelou ainda que a Cruz Vermelha Internacional, mantém, presentemente, em Angola uma trintena de delegados, designadamente três brigadas médicas, uma suiça, uma dinamarquesa e outra francesa, que operam nas zonas dominadas por cada um dos movimentos de libertação.

Entretanto, a evacuação de retornados começou ontem a processar-se com términus na cidade do Porto, dado o congestionamento que se verifica no Aeroporto de Lisboa. O primeiro Boeing dos TAP a aterrar em Pedras Rubras transportava 160 pessoas as quais, após desembarcarem, foram transportadas para as instalações da Fábrica de Conservas Serrano, em Matosinhos, onde lhes foram prestados os primeiros serviços de assistência.

ADÓQUE grupo de teatro
(AO MARTIM MONIZ) Tel. 87 42 80
O ÊXITO CONFIRMA-SE!
AS GARGALHADAS DE ONTEM VÃO REPETIR-SE
A.C.I.A. DOS CARDEAIS
A REVISTA QUE DANTAS NÃO ERA POSSÍVEL!

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES 18 ANOS
HOJE, às 20.30 e 22.30 HORAS!
DOMINGO: «MATINÉE», AS 16 HORAS

revista motor

Nacional

LISTA D DOS C.T.T.

"POR UM SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO DE CLASSE"

. Combater o desemprego e fazer aplicar o direito ao trabalho, conquistar as 40 horas semanais, abolir as horas extraordinárias, alcançar o salário integral em caso de doença ou acidente com pagamento de todas as despesas, lutar contra o «lock-out» e pela revogação da lei «antigreve», bem como da recente lei sobre o despedimento individual são alguns dos objectivos que se propõe atingir, caso seja eleita, a Lista D concorrente às eleições no Sindicato dos Trabalhadores dos C.T.T., que se realizam no dia 29.

Elementos desta lista, que se apresenta sob a sigla «Por um sindicalismo revolucionário de classe», e que não é senão uma das cinco listas de nomes que pretendem ocupar o Secretariado Nacional e a Mesa do Plenário daquele recém-formado Sindicato, definiram as suas linhas programáticas, fornecendo alguns elementos que a podem distinguir das suas concorrentes nesta maratona eleitoral.

A verticalização do Sindicato, a contestação da Intersindical tal como esta se apresenta hoje, («amarela», «dominada por dirigentes traidores» a reboque do «falso partido comunista português»), a defesa da unicidade sindical «contra as manobras burguesas do pluralismo» e a necessidade de construir a unidade revolucionária no dia-a-dia «na luta pela defesa dos nossos interesses, na luta contra os inimigos de classe (...), na luta dentro de nós próprios e entre os que representam os interesses do patronato» são algumas das linhas que orientam o programa da Lista D.

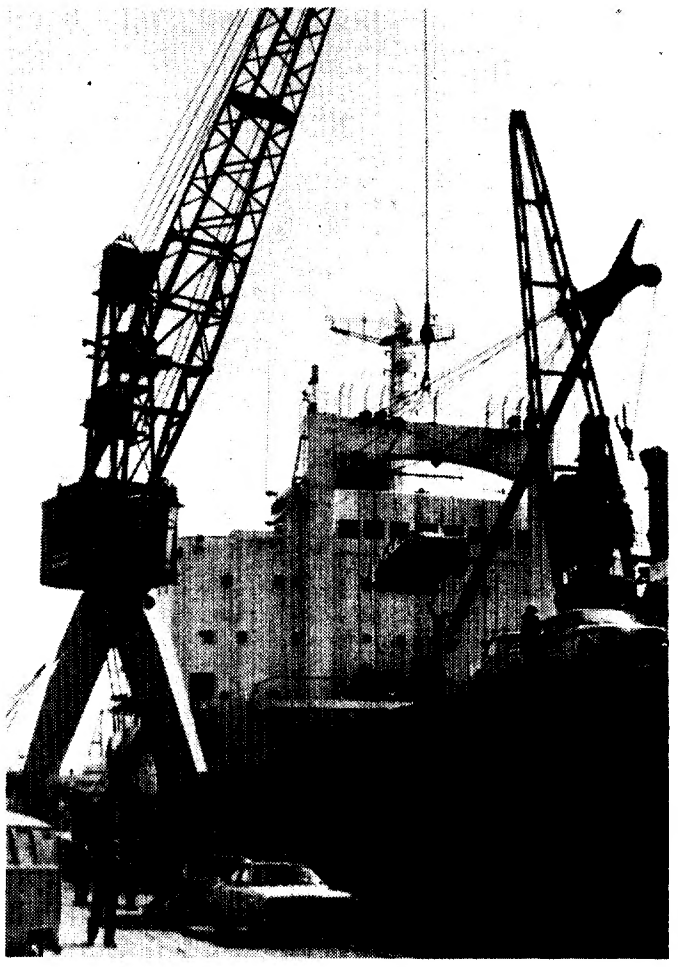
UM MAR DE AUTOMÓVEIS INVADIU LISBOA

. Um «mar» de automóveis invadiu Lisboa. Em vários locais da capital, onde anteriormente havia mais espaço, agora encontram-se automóveis arrumados lado a lado que nem sardinha em lata, de todas as cores, marcas, tamanhos e feitios. Em zonas distantes, onde quer que se encontre lugar, como, por exemplo, em Belém e junto ao aeroporto.

Não foi um maremoto que inundou a cidade. Foi um confronto e uma decisão histórica entre homens de raças diferentes, uns colonizados, outros colonizadores. Os primeiros conseguiram libertar-se do colonizador de cinco séculos (embora ainda lutem pela libertação total), os segundos voltaram à Metrópole antiga, que deixaram em busca de melhor vida e agora reencontram em más circunstâncias: sem casa, sem emprego, etc.

Angola luxuriante, rica de solo e subsolo, cobiçada, caminha para a independência com as suas inevitáveis consequências. Lá, a fome, o medo, a morte e o sange. Cá, com problemas e... automóveis.

Pois de automóveis de Angola se trata, estes que invadiram a cidade. Assim o atestam as matrículas, todas iniciadas por «A». Depois de percorrerem o Atlântico de barco, lá ficam ao lado uns dos outros, por essa cidade fora, à espera de melhores dias. Até quando?



O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

ALANDROAL 75

Por **ALICE NICOLAU**

. «Chama-se Maria Gomes Mourinha. Só viu duas vezes **televisão. Nunca foi a** nenhuma excursão, nem viu teatro ou cinema. Teve 8 filhos e só perdeu duas ceifas. Fez mondas a 8 escudos por dia» __ eis, em resumo, a biografia duma «mulher trabalhadora alandroalense sem tempo para viver». Nasceu por acaso no Alandroal, sede dum concelho do distrito de Évora, mas, onde quer que tivesse nascido, nos limites rectangulares da nossa terra, a sua vida seria em tudo semelhante. A maldição com que nasceu foi ser pobre. E isso a condenou. Ao trabalho duro. À exploração. Ao analfabetismo. Aos partos sucessivos. A andar sobre a terra, sem ter, de facto, tempo para viver.

A sua história só é possível de figurar no dia de hoje nas páginas deste jornal, porque um boletim, mais propriamente o «Jornal da Casa do Concelho do Alandroal», veio parar à nossa Redacção. Sete páginas de prosa e três de anúncios do comércio local: o resultado dum ano de esforço de uns tantos, que «não admitem estrelas nas suas colunas» (assim o dizem em nota de abertura), e que, por ocasião das festas anuais, em Setembro, fazem sair este órgão de comunicação. Para um breve diálogo com os que estão na terra e que de tanto a conheceram, não se apercebem do que lá se passa. Para um diálogo também com os que partiram há muito e se reencontram, de ano a ano, regressam fugazmente à vila que os viu nascer para um convívio breve, logo esquecido até ao ano que vem.

As línguas soltaram-se depois do 25 de Abril. Soltaram-se também as penas, e agora estes boletins, que antigamente tratavam das curiosidades históricas relacionadas com a terra, ou então das maravilhas paisagísticas desconhecidas dos de fora e indiferentes aos de dentro, fazem incursões pelos problemas reais da gente que ali vive. É o caso deste. Os temas agrícolas preenchem grande parte do espaço: os problemas da nabiça, dos figos, dos agriões assumem, finalmente, a dimensão que lhes compete. Muito mais vasta que a das rosas de qualquer rainha, por mais santa que seja.

E a cultura local é encarada com novos olhos. O caso, por exemplo, da banda, com quase meio século de existência, ameaçada agora de asfixia, por falta de verbas. E por um problema de casa e senhorio avesso a obras, que quer a banda dali para fora. E pelos próprios alandroalenses, que não percebem como numa banda tem de ser salvaguardada, como ela constitui, para muitos filhos do povo, o único meio de entrar em contacto com a cultura, o único meio de penetrarem no mundo fe**chado da música.**

«A Igreja e a Revolução» é um dos títulos da primeira página. A intenção de quem escreve é clara: alertar o povo local para as cumplicidades que a Igreja institucionalizada tem com os ri**cos, teve com o fascismo.** Mas o alerta não se faz com demagogias. Prova-se com factos. Pretendeu-se a isenção, convidando-se «uma das personalidades eclesiásticas» da terra a depor. Tal não foi possível: a personalidade «não quis tornar públicos os seus pontos de vista sobre a Igreja».

Por fim, abordam-se dois temas candentes: a reforma agrária e «Ou guerra civil ou revolução democrática popular».

Para a reforma agrária, preferiu-se o exemplo longínquo da Albânia, com citação de livros em francês, ao diálogo vivo e aberto com os camponeses, de boa e rija língua portuguesa, que não longe dali praticam a reforma agrária. O vício desta opção revela logo a origem intelectual pequeno-burguesa de um dos colaboradores. Provavelmente o mesmo, que investe contra os dois imperialismos, contra o social-fascismo, contra o Copcon (o de antigamente), contra as prisões de antifascistas, etc., com muitas aspas.

Outro sinal dos tempos! Como diz o articulista, «os problemas do Alandroal são um pequeno reflexo dos problemas do País». E um dos problemas do País é esse mesmo: as aspas, o delírio, a opção livresca. Mas nada disto tira mérito ao boletim: que em todas as pequenas terras se promovam estes diálogos. A falar é que a gente se entende. E quanto todos soubermos falar uns com os outros, vão ver como as aspas se esgueiram, de rabo entre as pernas, para as bibliotecas donde agora se atrevem a sair só porque a luz da rua não tem ainda o brilho capaz de as cegar.

SATISFEITAS AS REIVINDICAÇÕES DE 1500 TRABALHADORES AO SERVIÇO DA C.P.

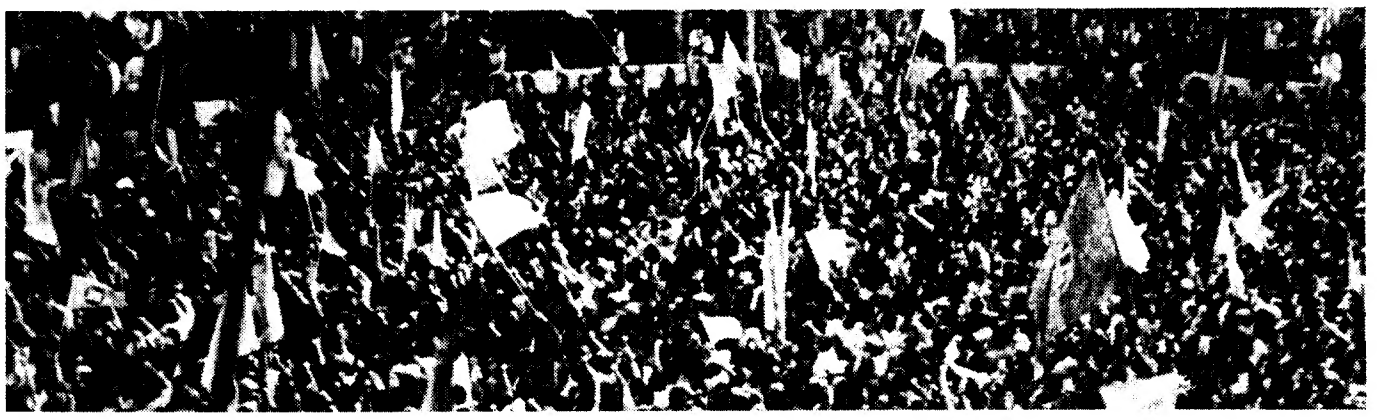
. Por terem sido satisfeitas as reivindicações dos 1500 trabalhadores do Consórcio Somafel-Borie-Dehe, em risco de desemprego devido à rescisão de um contrato com a C.P., a Comissão Intersindical que acompanhou as negociações decidiu suspender a greve, cujo início se previa ontem.

Segundo noticia a Comissão Intersindical, a Comissão Administrativa da C.P., após demoradas negociações no Ministério do Trabalho, aceitou a total integração dos trabalhadores do Consórcio que, até ao dia 30, ainda têm a função de renovação de carris.

«Embora desta solução resulte uma grande diferenciação de situações, tal questão não colide com as exigências dos trabalhadores que, desde o princípio do seu processo de luta, sempre reivindicaram **trabalho** e nunca discutiram **condições»**, escreve a Comissão Intersindical, adiantando: «Satisfeitas as reivindicações de emprego para todos os trabalhadores do consórcio, a questão da discriminação na integração por parte da C.P. perde toda a importância».

Os trabalhadores do Consórcio tinham decidido, em plenário realizado no dia 10, utilizar a greve como forma de luta, caso não vissem as suas pretensões satisfeitas até às 18 horas de segunda-feira.

Nacional



COMÍCIO DO P.C.P. NO CAMPO PEQUENO

"A INCLUSÃO DO P.P.D. NO VI GOVERNO NÃO SERVE A REVOLUÇÃO"

A inclusão do P.P.D. no VI Governo não serve a Revolução, mas sim a reacção» — afirmou Jaime Serra no comício que o P.C.P. ontem realizou no Campo Pequeno e que levou àquele recinto muitos milhares de pessoas, de tal modo que nem todas puderam entrar, quedando-se no exterior a ouvir os oradores. A ouvir, por exemplo, Álvaro Cunhal dizer: «O povo português pode estar absolutamente seguro de que, se houver comunistas no Governo, estarão aí para defender a Revolução».

Foi Jaime Serra quem, primeiro, usou da palavra. E se Cunhal viria a afirmar que «como muitas vezes temos repetido, em Portugal não é possível conciliar a existência das liberdades com o domínio económico dos monopólios e latifundiários», Serra tinha já afirmado que «numerosos fascistas se escondem nos diversos partidos democratas nascidos depois do 25 de Abril, como no que se chama do Centro Democrático Social ou, ainda, no 'grande, enorrme', chamado Partido Popular Democrático». Prosseguindo, este membro da Comissão Política do Comité Central do P.C.P., diria:

. «É assim que sabemos, doravante, onde está e com quem está o P.P.D.: com a reacção, já se vê! É assim que, doravante, nas manifestações antifascistas, não teremos de perguntar: Onde está o P.P.D. que não se vê?»

. Jaime Serra referiu-se, também, à necessidade de «desmascarar os divisionistas que actuam no seio do M.F.A.». Disse: «Temos que exigir o fim dos saneamentos à esquerda». Aí, a multidão respondeu: «Reaccionários fora dos quartéis!»

. Falou, depois, Carlos Brito, que referiu a necessidade da unidade das forças de esquerda e denunciou a «aliança sinistra entre P.S., M.R.P.P. e reacção realizada em torno de listas concorrentes às eleições sindicais».

Falando do movimento popular de massas, disse Carlos Brito:

. «O proposto do P.S. para impor o sufrágio universal nas eleições das Comissões de Trabalhadores e nas Comissões de Moradores mostram como a direita e a reacção alimentam o projecto de conter a dinâmica revolucionária do movimento popular de massas no colete de forças do eleitoralismo».

Sobre as acusações que algumas organizações políticas fazem ao P.C.P., Carlos Brito, membro, também, da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista diria:

. «Algumas forças confundiram compromisso entre adversários com conciliação de classes e, não participando, deram o seu lugar à direita.»

«É com o P.C.P. e não contra o P.C.P. que se podem resolver os graves problemas do nosso Portugal democrático», disse Álvaro Cunhal, ao usar da palavra ontem, no Campo Pequeno. E prosseguiu: «É com o P.C.P. e não contra o P.C.P. que se pode sair da crise que defrontamos».

Sobre a crise política, o secretário-geral do Partido Comunista Português diria que a mesma levou a um «recuo das forças de esquerda» e ao afastamento «dessa grande e inesquecível figura de revolucionário que é o general Vasco Gonçalves».

Cunhal abordou, em seguida, o problema do M.F.A., que continuou a considerar «insubstituível na Revolução Portuguesa. «O M.F.A.», disse, «embora sofrendo, ao nível dos seus órgãos superiores, baixas de valiosos revolucionários, embora perdendo posições na pesada massa das Forças Armadas, aguentou o golpe, recupera-se da ferida, reestrutura os seus organismos superiores e continua sendo, através dos seus militantes revolucionários, mesmo os mais modestos e apagados, uma força viva, dinâmica e dinamizadora da Revolução portuguesa».

«O P.S. pôs como condição absoluta da sua participação no Governo a participação do P.P.D., com cujo programa se identifica em muitos pontos», diria Cunhal em seguida, quando abordou o problema do VI Governo. «Na nossa opinião», continuou Cunhal, «a solução deveria procurar-se num Governo que compreendesse as principais correntes existentes no M.F.A., partidos de esquerda e P.S., não deveria corresponder a qualquer agrupamento mais à direita.»

. O secretário-geral do P.C. abordou o problema das conversações para formar Governo, dizendo que o P.C.P. não aceitou conversações bilaterais com o P.S. Aceitou, sim, ser recebido pelo Presidente da República e pelo indigitado Primeiro-Ministro juntamente com o P.S. E nunca aceitou ter qualquer encontro com dirigentes do P.P.D. A propósito, Álvaro Cunhal lembrou a participação de Sá Carneiro no golpe Palma Carlos e a colaboração do P.P.D. dada à «maioria silenciosa».

Ainda sobre o P.S.: «São conhecidas as suas posições e atitudes, mas a massa dos seus militantes e sua base de apoio são diversas. Na situação actual tornava-se difícil não considerar a sua presença na formação de um novo Governo».

Cunhal disse, depois, que o P.C. aceitou apoiar os esforços de Pinheiro de Azevedo para formar Governo, porque a alternativa era «a formação, a curto prazo, dum Governo mais à direita, apoiado em forças conservadoras e reaccionárias». E acrescentou: «O povo português pode estar absolutamente seguro de que, se houver comunistas membros do Governo, estarão ali para defender a revolução».

Denunciando que «os reaccionários e conservadores apoiados pelo imperialismo estrangeiro) fazem todos os possíveis para reduzir a participação comunista ou para provocar o seu afastamento», o líder do P.C.P. declarou, em seguida:

. «Se não conseguirmos evitar o insucesso de Pinheiro de Azevedo, iremos ao combate e estamos confiantes de que a vitória será também do nosso povo, das forças da democracia, da independência nacional e do socialismo».

Os objectivos imediatos, segundo Cunhal, são combater a contra-revolução, assegurar o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos em todo o território nacional, reforçar os órgãos de poder político (Governo e M.F.A.) e lutar firmemente em defesa das conquistas fundamentais da Revolução.

Sobre o segundo ponto, e especificando, diria Álvaro Cunhal, abordando a questão das eleições para as autarquias locais, pedidas pelo P.S. e pelo P.P.D.:

. «O P.C.P. desde já adverte que não reconhecerá pseudo-eleições que se realizem em tais condições, que tornariam as eleições uma fantochada digna da ditadura fascista derrubada no 25 de Abril, mas indigna do Portugal democrático de hoje».

«Ante a ofensiva das forças reaccionárias», prosseguiu o secretário-geral do P.C., «há quem diga que a defesa da democracia contra a ameaça fascista existe que se desista de perspectiva revolucionária e socialista e que nos contentemos com a prespectiva de uma democracia burguesa, em que a classe operária teria as liberdades mais ou menos condicionadas, como existem na Europa Ocidental, e em que os grupos monopolistas e os latifundários, recuperadas as posições que perderam desde o 25 de Abril, voltariam a ser os senhores da economia portuguesa e continuariam a explorar o povo como dantes».

Tratava-se, obviamente, de uma clara referência a certas posições tomadas no âmbito civil e militar nos últimos tempos. Contra essas posições, Cunhal pronunciou-se assim:

«Como muitas vezes temos repetido, em Portugal não é possível conciliar a existência das liberdades com o domínio económico dos monopólios e latifundiários. Dado o baixo nível industrial e o atraso agrícola, o desenvolvimento económica de Portugal, a acumulação capitalista, a capacidade de competição no mercado internacional exigiriam um tal grau de exploração dos trabalhadores que só um aparelho repressivo poderia impô-lo».

Afirmando que «as forças revolucionárias portuguesas, civis e militares, são poderosas», Cunhal diria ainda:

. «Pode haver pausas, pode haver ajustamentos. Pode mesmo haver recuos. Mas na linha essencial da revolução portuguesa rumo ao socialismo está a classe operária, estão as massas trabalhadoras, está o P.C.P. decididamente disposto a defendê-la.»

. No final da sua intervenção, Cunhal, vibrantemente aplaudido pelos milhares de participantes no comício, afirmou:

. «Que ninguém julgue que se pode domesticar o caudal da força revolucionária através de leis e decretos. A revolução decide-se, é certo, também ao nível dos órgãos de poder. Decide-se na acção governativa. Mas decide-se fundamentalmente pela correlação nas forças, tanto populares como militares. Decide-se pela acção e pela luta da classe operária e das massas populares, em união fraterna, que não deixaremos quebrar, com os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais revolucionários, com o M.F.A., movimento progressista e vanguarda das Forças Armadas. O movimento popular revolucionário tem cada vez mais elevado papel a desempenhar. A unidade de acção de todos aqueles que querem impedir o regresso do fascismo e defender as liberdades e as outras grandes conquistas da revolução é um factor essencial da vitória.»

E, mesmo a terminar:

«Estamos sinceramente interessados em reforçar os laços e as formas de unidade de acção com partidos e agrupamentos de esquerda voltados para a acção revolucionária. desejamos manter com eles uma cooperação leal e fraterna, que exclui pretensões a que o P.C.P. se submeta a uma qualquer disciplina imposta por tal ou tal grupo e eleve exclusivamente o uso e abuso de insultuosas acusações quando o P.C.P. toma, como tem pleno direito, uma iniciativa com que outros não concordam.»

MANUEL SERRA AO "DL"

A F.U.R. PO UMA SAÍDA

Nos longos anos de resistência ao fascismo enquanto o Partido Comunista mantinha um aparelho homogéneo que preparava com minúcia e paciência uma revolução que nunca teve oportunidade de fazer, fermentavam pequenos grupos, mais apressados nos seus objectivos: a destruição rápida da ditadura fascista.

Consumaram--se cisões. E constituiram-se três famílias bem distintas: os maoistas dissidentes do P. C. e que no fundo eram a sua repetição; os que reclamavam o socialismo em liberdade; os que **numa linha talvez mais antiautoritária viviam fascinados pelas experiências armadas do Terceiro Mundo. Para estes Guevara adquiriu o estatuto de mito.**

Acontece o 25 de Abril. Fora do classicismo grupuscular destacam-se o M. E. S., a LUAR, o P. R. P. e a F. S. P. Esta última nasceu de uma cisão do Partido Socialista de Mário Soares. Porém, o homem que lidera a F. S. P., Manuel Serra, já era uma figura política com provas dadas na prática da conspiração. Não vamos aqui contar a história dele pois é de sobejo conhecida.

Neste momento em que o projecto revolucionário português sofreu um colapso, em que os militares «idealistas» do M. F. A. fizeram a sua opcção de classe, em que Vasco Gonçalves, companheiro da aventura efémera do passado de Manuel Serra, foi afastado porque incomodava a burguesia, em que o fascismo retoma o fôlego, fomos falar com o dirigente da F. S. P. Travámos, não com o lider político, mas com Manuel Serra um diálogo sobre os pontos na ordem do dia dos momentos que vivemos. Com indivíduos de mentalidade esquemática criam-se situações difíceis no enquadramento da discussão. Eles têm sempre razão. Nós também. Com Manuel Serra a conversa gerou-se simplesmente. Não levámos perguntas construidas nem cábulas na cabeça.

Tudo se encadeou de uma forma lógica. Primeiro a crise político-militar. Depois os sintomas da viragem à direita. Ou o contrário. A ordem dos factores é arbitrária. Connosco Rui Pacheco, repórter fotográfico do «D. L: . Que de vez em quando intervinha com uma outra observação. Duas horas de convivência gravadas em cassete.

A entrevista contém muitas palavras. Muita prosa. E por isso a dividimos em duas partes.

Manuel Serra inicia o debate.

— Houve ganhos reais da direita dentro do M. F. A. o que não é de estranhar pois também o M. F A. está sujeito às contradições do processo revolucionário. Por indecisão, por hesitações, por incapacidade de análise histórica e política os sectores mais progressistas e mesmo os elementos verdadeiramente revolucionários do M. F. A. não foram capazes de vencer esta dura prova que a burguesia impôs à classe trabalhadora e às forças de esquerda. Quero dizer que os revolucionários do M. F. A. não conseguiram ter a audácia suficiente para não cederem às pressões de partidos como o P. S., o P. P. e o C. D. S. que fazem claramente o jogo do imperialismo americano.

— *Considera que a esquerda perdeu terreno apenas no campo político-militar ou também a sua oportunidade histórica?*

. — Estamos convencidos que esta derrota não é decisiva. A luta dos soldados, sargentos e oficiais progressistas em unidade firme com as classes trabalhadoras e as camadas mais conscientes do povo português será a barreira que impedirá o processo de trilhar o caminho sonhado pelos sociais-democratas.

— *Um sintoma grave de que algo está podre no reino do M. F. A. é aquela lei que proibe os órgãos da informação de darem notícias sobre o que se passa nos meios militares. Afinal de que têm eles (esses que defendem essa lei) medo?*

. — Quanto a mim essa contenção das notícias militares não passa de uma tentativa de calar a voz dos revolucionários no seio das Forças Armadas. Os centros de poder, da hierarquia militar, os generais ligados à burguesia tentam fazer voltar o exército ao esquema antigo. Pretendem, como afirmou o capitão Sousa e Castro «hierarquizar o Exército». Nós sabemos o que isso significa. Sabemos perfeitamente que os Pinochets da nossa terra gostariam de ter um exército prussiano como o do Chile. Era efectivamente um exército disciplinado, hierarquizado que prontamente soube esmagar as conquistas do povo tal como esses senhores que em nome de um socialismo ou de um esquerdismo qualquer seriam capazes de fazer a mesma coisa. A alternativa de um exército popular assusta terrivelmente aqueles que fizeram «o 25 de Abril sob um ideal bestial» e consideram que existe «um clima de anarquia e indisciplina nas Forças Armadas» só porque os soldados e sargentos não estão dispostos a submeter-se à lei ditada pelos galões...

EXÉRCITO POPULAR

— Eu penso que é imprescindível para o avanço do processo revolucionário a trans-

Nacional

DE SER
A FUNDAMENTAL

Por LURDES FÉRIA

rmação radical do exército. efendo um exército verdadeiramente popular ligado às mas- as trabalhadoras, em que os oldados e os sargentos to- em os comandos orientados or uma nova metodologia. ão basta dizer que os solda- os são filhos do povo. É preci- o que os filhos do povo farda- os ao lado dos filhos do povo esfardados sejam os detento- s do poder no nosso país. o entanto sei que uma socie- ade cheia de contradições tal omo está a nossa não pode erar já um exército popular revolucionário. Todavia te- ho enorme esperança que os mbriões do S. U. V. (no norte sul) das A. D. U. S., da luta os marinheiros, soldados e ficiais progressistas das orças Armadas saia um exér- to definitivamente ao lado as classes trabalhadoras.

Não há que esconder nada o povo. Se as relações do Presidente da República com os artidos e as resoluções toma- as nos centros de decisão olítico-militar são conhecidos ogo na hora pelos nossos ini- igos (a C. I. A., o imperialismo americano, a social-democracia europeia) mais razão terá o povo português em saber que se negoceia nas suas ostas. Nós achamos, portanto, ue essa lei não deve ser cumrida pois vai contra os interes- s do povo e da classe trabahadora. Os jornais ditos indeendentes utilizaram as suas áginas para manipularem à ua vontade com mentiras e eias verdades a opinião ública em Portugal. Criaram m clima de agitação política ue foi desfavorável à revoução. Vimos como certos jorais, ditos independentes, imunham os acontecimentos ue não se iam dar como já e tivessem dado. Isso não conteceu uma vez nem duas... ssas mesmas forças que são uase maioritárias no Conseho da Revolução utilizavam requentemente esses jornais e unca se preocuparam com as entiras e as calúnias que os eferidos órgãos da informação ançavam sobre figuras prestiiadas da revolução portuguea...

Manuel Serra que momentos ntes funcionava connosco co- o qualquer dirigente de um artido, cuidadoso nas pala- as, comedido na exposição as suas ideias vai perdendo pouco e pouco essa máscara o político subtil. Sofre a metaorfose de quadro esteriotipado em homem no total conúdo da palavra. Cresce nele paixão. O tom da fala alarga gesto.

— Vimos como foi desencaeada a campanha contra Vaso Gonçalves, contra os ofiais progressistas, contra a ª Divisão. Nessa altura tudo permitia. Agora que há uma a real dentro dos quartéis, uando os soldados começam ter consciência da manipuação a que estiveram sujeitos, preciso travar as notícias nos rnais.

— *Os sintomas da deterioriação do M. F. A. são de tal maneira evidentes que os revolucionários deste país já se aperceberam da maneira como o projecto pre-revolucionário desencandeado pelo 25 de Abril foi miseravelmente traído.*

SINTOMAS FÍSICOS

«Há de facto sintomas físicos da implantação das posições conservadoras dentro do Conselho da Revolução: A preponderância político-militar de certas figuras, os saneamentos à esquerda nas Forças Armadas são sintomas preocupantes na medida em que revelam a intenção de fazer política à revelia da classe trabalhadora. Porém acredito que não consigam levar avante os seu maquiavélicos planos pois a classe trabalhadora, os soldados e marinheiros unidos não permitirão.

Houve alguém que afirmou: «é preciso evitar o confronto armado». Eu penso o contrário. O confronto armado é inevitável entre a direita e a esquerda. Ninguém tem ilusões de que a construção da sociedade socialista se faça por *conciliação*. A direita também sabe isso. Essa a razão por que durante 16 meses preparou o terreno para toda a espécie de manobras. Por sua vez a esquerda não esteve suficientemente atenta nem unida embora já se vislumbre uma unidade. Estou convencido que logo que a direita tenha mais pedras mudadas no seu xadrez político-militar desencandeará um golpe à Chile ou com semelhanças. E se ainda o não fez foi porque não encontrou a força necessária. Desde o P. S. aos Elpes tudo se aproveitou para canalizar a dinâmica contra-revolucionária.

— *Neste período de incerteza que somou 16 meses gerou-se uma linguagem nebulosa que não atingiu profundamente as camadas da população despolitizadas. Depois de quarenta anos de silêncio e conformismo surgiu um arsenal de palavras que acabaram por perder o seu real conteúdo. Fala-se de socialismo, democracia, autogestão, poder popular etc. A direita recupera a linguagem da esquerda imperturbavelmente como se fosse a coisa mais natural deste mundo. Um partido que se destacou nesse fenómeno de mimetismo foi o P. S:.*

— É evidente que o P. S. em Portugal não está a trilhar o caminho do P. S. no Chile, mas sim o da Democracia Cristã. Mário Soares não é Altamirano mas sim Eduardo Frei. O que ouvimos dizer ao P. S. nos seus programas políticos, nos discursos da Assembleia Constituinte não passa de demagogia para enganar as classes trabalhadoras. Durante a campanha eleitoral o P. S. utilizou uma linguagem diferente segundo as regiões onde actuava. Umas vezes usava uma linguagem que ia ao encontro do anticomunismo inculcado durante 48 anos no nosso povo; outras falava demagogicamente de autogestão. Nós só acreditamos nos actos e nos interesses que defendem. Sabemos que o P. S., o P. P. D e o Grupo dos Nove defendem cada vez mais a ligação à Europa. Não nos iludimos com fraseologias pseudo-revolucionárias.

A ESTRATÉGIA DA BURGUESIA

— *A recuperação voraz que a direita fez de certos slogans do M. R. P. P. é um caso flagrante...*

— Claro que a direita absorve tudo o que seja anticomunista ou anti-P. C. Sabemos muito bem o que significa o anti-P. C. da pequena burguesia desesperada. Aliás, os clássicos revolucionários defeniram o esquerdismo da pequena burguesia. Não temos dúvidas que certos grupos que proliferam em Portugal não são mais que o estertor agressivo da pequena burguesia. Vemos o M. R. P. P. atacar as sedes em Lisboa do C. D. S. para se afirmarem publicitariamente a eles e aos seus pais. Agora vemos que as sedes do M. R. P. P: não são atacadas enquanto as do P. C. e outros partidos progressistas se tornaram alvo do ódio da burguesia em quase todo o país. Portanto parece-me que os interesses do C. D. S. e do M. R. P. P. devem ser idênticos.

— *Há certas figuras militares que flutuam em posições mais ou menos antagónicas enquanto o diabo esfrega um olho. Que pensa desta súbita viragem do general Otelo em relação ao M. R. P. P.?*

— Não sei qual é a opinião actual do general Otelo sobre o M. R. P. P. Porém, admito que o facto do dirigente Arnaldo de Matos ser o educador da classe operária, como esse movimento propagandeia, talvez isso tenha impressionado o general Otelo. No entanto não me posso pronunciar sobre o assunto pois não tenho dados se de facto existem estreitas ligações entre o general Otelo e o educador do povo Arnaldo de Matos.

Numa onda de espectativa decorrem as negociações para a formação do VI Governo Provisório. Do espaço fechado dos gabinetes não transpira nada a não ser uma ou outra «boca» que os jornalistas conseguem apanhar em Belém. Porém, a orientação do próximo Governo não é segredo dos deuses. E algumas organizações políticas revolucionárias já se manifestaram publicamente contra esse VI Governo que ainda não está constituído fisicamente.

— Pelo que tenho lido nos jornais julgo que não será melhor que os outros. Nos anteriores Governos estavam os partidos burgueses por escolha do M. F. A. e agora irão estar, na mesma por pressão política, e de conivência com um M. F. A. conservador. Por consequência este VI Governo a realizar-se tal como está estruturado vai ser certamente um Governo contra os interesses da classe trabalhadora. Na nossa opinião este Governo constituído por P. S. e P. P. D. terá de ser combatido com toda a firmeza. Sabemos o que o sr. Carneiro e o sr. Guerreiro disseram no Norte do País em comícios sobre a maneira como devia ser orientada a nossa economia...

Portanto pensamos que este Governo será tão provisório como os outros.

Alguns grupos de esquerda, conscientes da ameaça pairante sobre o processo revolucionário, decidiram formar uma frente. Demarcaram-se desta atitude aqueles que investiram numa teoria fóssil e sectária o desejo de reproduzirem e reencontrarem aqui os gestos de Mao Tse Tung da China de 1963. Quando «o pensamento de Mao» alimentado por uma série de epopeias engendrou uma amálgama de teorias. E as expôs, com verbosidade, nas sessenta e uma páginas da célebre carta de 14 de Julho.

Quando Mao com a infalibidade atestada por alguns intelectuais da Europa, decreta que a União Soviética deixou de ser um país socialista.

Bem... é melhor abandonar as divagações porque Mao está na China e nós pretendíamos apenas falar da F. U. R, uma realidade concreta saída do esforço de unidade da esquerda portuguesa.

— A F. U. R. é um fenómeno político da máxima importância. Estamos conscientes das dificuldades para se encontrar a unidade devido às diferentes metodologias, concepções do processo político e até às experiências de luta que cada uma das organizações possuem. As santas alianças da direita fizeram-se enquanto na esquerda tem havido uma tendência para a separação. No entanto, as organizações que aderiram à Frente conseguiram na prática ligar aquilo que nos une e colocar em discussão uma síntese dialéctica daquilo que ainda nos divide. Estou convencido que a F. U. R. pode ser uma saída fundamental para o processo.

— *E quanto à saída do P. C.?*

— Nós consideramos que os fenómenos políticos não são muito acessíveis a uma análise fácil. Todavia, pensamos que a presença do P. C. é necessária numa unidade de esquerda. E estou certo que o P. C. voltará, mais tarde, a juntar-se a nós. Apesar de ter sido do Secretariado daquele partido político continua a apoiar a Frente canalizando para ela os seus militantes.

Estrangeiro

Palestinianos reagem ao acordo sobre o Sinai

De quando em quando, o mundo é sobressaltado por um acto de desesperada violência, praticado por guerrilheiros palestinianos, que desencadeiam os seus ataques das formas e nos locais mais inesperados. As ocupações da embaixada egípcia em Madrid e das instalações da Liga Árabe na mesma cidade inscrevem-se neste tipo de actividades. Tanto num como noutro caso, ficou bem claro que as razões dos palestinianos se filiavam no recente acordo israelo-egípcio sobre o Sinai.

ALICE NICOLAU

Duas organizações palestinianas produziram até agora afirmações sobre os acontecimentos de Madrid: a Organização de Libertação da Palestina (OLP), cujo dirigente, Yasser Arafat, condenou veementemente a ocupação da embaixada, e a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP), que, sem reivindicar o acto o aplaudiu. Seja como for, não podemos deixar passar em claro que a causa imediata de mais esta atitude de violência reside num acordo, cujos termos constituem uma alta traição ao povo palestiniano e a todo o mundo árabe.

De há muito se vem falando na hipótese de uma quinta guerra no Médio Oriente. Segundo informações conhecidas de jornalistas, que frequentam os corredores onde a sorte do mundo se decide, e que, no silêncio dos gabinetes, colhem notícias junto de «fontes geralmente bem informadas», os «falcões» norte-americanos espreitam a oportunidade de intervir nos países árabes produtores de petróleo. O segredo é conhecido de toda a gente: até mesmo a Imprensa norte-americana revelou já que há soldados treinando em zonas dos E. U. A., cujo clima e cujas condições de terreno se assemelham aos que encontrarão no Médio Oriente. O pretexto para tal intervenção seria o boicote de petróleo que os árabes fariam inevitavelmente ao Ocidente no caso de este auxiliar Israel na guerra. Tal boicote seria entendido como um «casus belli» por Washington. Ora, o que acontece com o acordo do Sinai? Pela primeira vez se admitem militares americanos com direito de estacionamento e vigilância. E é um país árabe — o Egipto — que, em conluio com Israel, abre assim as portas à intervenção norte-americana. Por outro lado, nem tudo o que consta do acordo foi dado a conhecer ao público. Sabe-se que há cláusulas secretas, compromissos assumidos nas costas da nação árabe. Mas desconhece-se o teor de tais concessões. O encerramento da «Voz da Palestina», a emissora que os palestinianos tinham no Egipto, é decerto consequência de uma dessas disposições secretas. Como Yasser Arafat, indignado, disse acerca do encerramento decretado pelas autoridades cairotas, a emissora era o meio de comunicação por excelência dos palestinianos entre si e com o mundo árabe.

Nesta questão do acordo do Sinai como grande maioria das que se levantam no mundo de hoje, há dois campos antagónicos de apreciação. Enquanto uns encaram o acordo como uma esperança de paz no Médio Oriente, outros denunciam-se como uma autêntica conspiração sionista-americana à qual o Egipto deu o seu aval.

Estas posições são irreconciliáveis, como os antagonismos que dividem o mundo neste findar do século XX. Para uns, os que defendem o acordo do Sinai, trata-se de apoiar o imperialismo e o capitalismo, para os que a ele se opõem, trata-se de lutar pela independência dos povos pela libertação dos explorados. Esta é também a posição do dirigente palestiniano, Yasser Arafat, como ele a expõe numa entrevista dada à revista «Time», que passamos a seguir de perto, comentando-a num ou noutro passo.

UM PERIGOSO PONTO DE VIRAGEM

Para Arafat, o acordo do Sinai constitui um perigoso ponto de viragem na história da OLP que se opôs a ele e o recusou, desde que Kissinger encetou as primeiras diligências para o preparar. «Encaramo-lo esclarece como um atentado contra os povos árabe e palestiniano, pois é óbvio que Kissinger, com esta diligência, pretendeu cindir a solidariedade árabe. Mas as massas árabes têm consciência desta conjura americana. Nas cimeiras de Argel e Rabat concordou-se em que a luta assentava em três pilares fundamentais: Egipto, Síria e os palestinianos. Agora os sírios e os palestinianos estão unidos contra a conjura. Não há dúvida de que o que se passou terá influência nas várias correntes políticas. Mas sobrevivemos a tantas dificuldades no passado que temos plena confiança em que a potencialidade revolucionária do povo árabe há-de sair vencedora».

Falando sobre a atitude egípcia, Arafat não se refere ao presidente Sadat, mas acentua que «não há poder nenhum na terra, nenhum acordo que possa colocar o exército e o povo egípcios fora do círculo dos inimigos do sionismo, especialmente quando tal se traduz no abandono da causa palestiniana, ponto nevrálgico de todo o problema do Médio Oriente e das nações árabes.» Arafat é claro neste ponto: acredita que o exército e o povo egípcios estão contra o presidente. Em que se baseia Arafat para produzir tal afirmação em relação ao exército? Simples figura de retórica para «americano ouvir»? Não parece. O clã Ali Sabri, silenciado há três anos, tem ainda adeptos nas fileiras egípcias. Que força terá a facção mais progressista e pró-soviética dos militares egípcios? Até quando suportarão os companheiros de Nasser que o Egipto seja vendido aos E. U. A.?

Para Arafat, este acordo representa um grave risco na frente Norte, que, segundo ele, ficará agora sujeita a nova guerra. «A frequência das agressões — por mar, ar e terra — dirigidas contra o Sul do Líbano e os campos de refugiados palestinianos é a prova de que os israelitas querem fazer mais guerra» — diz Arafat, acrewcentando: «Como pode um homem sensato pensar que este acordo no Sinai, sobre uns tantos quilómetros aqui e ali, congela o conflito entre Israel e os árabes? Esse pequeno passo demorou dois anos. Quantos anos serão necessários para se encontrar uma solução real para o confronto básico?».

As afirmações — e as interrogações — de Arafat têm grande razão de ser. O facto é que Israel continua a atacar sistematicamente os campos de refugiados palestinianos no Sul do Líbano, e, quase podemos afirmá-lo, Telaviv e Washington promovem a agitação interna naquele país. Não parecem restar dúvidas que, não querendo resolver a questão palestiniana, israelitas e norte-americanos tramam a «solução final» do problema: o extermínio puro e simples da Resistência.

Esta acusação adquire todo o seu peso, se nos lebrar-mos da chacina ocorrida na Jordânia. A liquidação total da Resistência nesse país veio agravar a situação no Líbano e tornar os palestinianos dependentes por inteiro dos «santuários» no Arkub. Atacar a região, causar distúrbios no país, tentar um governo de extrema-direita em Beirute — eis uma táctica cuja aplicação está indubitavelmente em curso. Recorda-se que o acordo egípcio-israelita prevê um período de não beligerância, para o qual não apresenta prazos. A não beligerância só a Israel pode trazer benefícios, fazendo-lhe ganhar tempo para atacar numa das frentes enquanto mantém a outra segura pelos termos do acordo.

O presidente Sadat do Egipto (à direita na telefoto) e o dirigente palestiniano, Yasser Arafat, no Cairo, no passado mês de Julho. O abraço de Judas?

UMA PAZ DURADOURA

Por isso não surpreende que Yasser Arafat diga, a seguir: «Entendo que a paz tem de ser uma paz palestiniana, mas até agora nada foi oferecido ao povo palestiniano. Ninguém negociou ainda com ele. Este ano tem sido o ano da escalada militar os palestinianos: é um facto óbvio. Procuramos uma escalada ainda maior. Esperamos o apoio contínuo da URSS para a nossa causa».

Rechaçados das mesas de negociações, traídos pelos seus irmãos árabes, calada a sua emissora no Egipto, que outra alternativa resta aos homens de Arafat? As soluções de desespero, aparentemente suicidas como as que ocorreram em Madrid por mais repúdio beato que mereçam do mundo, têm que se entender. O gesto é criminoso, mas o que nele choca é a espectacularidade com que os inocentes são sacrificados. No entanto os ataques homicidas vindos das fronteiras israelitas contra território libanês, parecem perder o impacto. As pessoas parecem aceitar que a morte de inocentes se faça em «raids» semelhantes aos habituais em tempo de guerra, mas recusam-se a admitir que o desespero de um povo expoliado obrigue os seus combatentes a actos que, sendo mais espectaculares, não são mais criminosos.

O fantasma do Vietname acorre ao pensamento de Arafat, quando no final da entrevista este refere o papel norte-americano no Médio Oriente. Diz ele: «Os E. U. A. arranjaram influência no Médio Oriente mas à custa de graves perturbações. Quanto pagou o contribuinte americano por este pequeno passo? Quanto terá ele que vir a pagar? Os americanos caíram no mesmo erro histórico que cometeram no Vietname quando começaram com conselheiros e técnicos e acabaram com mais de meio milhão de homens. Quando fomos às Nações Unidas no Outono passado, procurámos o apoio de todos os povos, incluindo o dos E. U. A.. É muito mau que os E. U. A. vejam só a posição israelita e olhem pelo binóculo israelita, ignorando os 3,5 milhões de palestinianos com todas as suas potencialidades e capacidades. Por isso, para os palestinianos, a linha israelita e norte-americana são uma e a mesma coisa. Ao fim e ao cabo, não se trata de uma luta egípcio-israelita, mas de uma luta pelo futuro do povo palestiniano. Só a paz, a paz real, a paz duradoura responderá às exigências do povo palestiniano».

Por nossa parte, acrescentamos: enquanto «a paz, a paz real, a paz duradoura» não se tiver estabelecido no Médio Oriente, estaremos todos sujeitos às represálias que comandos suicidas entederem exercer sobre este mundo. Porque essa será a única maneira de eles se fazerem ouvir. Porque o diálogo lhes está interdito. Porque a justiça lhes é negada.

URUGUAI: REPRESSÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Considerado em tempos, a «Suiça da América Latina», devido às suas profundas tradições democráticas burguesas, o Uruguai, um país exemplar no subcontinente pelo elevado nivel cultural e económico da população, acabou por cair na mais negra das ditaduras, que pouco tem a invejar à de Pinochet. País exportador de carne, o Uruguai conheceu um período de grande prosperidade, que possibilitou um sistema de segurança social único na região. Porém, com a queda brutal das exportaçoes, verificou-se uma grave crise económica que as estruturas capitalistas foram incapazes de superar. Inevitavelmente produziu-se uma agudização da luta de classes, que teve o seu expoente no combate dos Tupamaros. Grupo de acção armada, da esquerda revolucionária, os Tupamaros levaram a intranquilidade e o receio a todos os lares burgueses, suscitando amplo movimento de aplauso e solidariedade por toda a América Latina. Nas últimas eleições presidenciais, imitando o exemplo da Unidade Popular chilena, a esquerda formou uma frente, que foi derrotada nas urnas. A vitória coube a Juan Maria Bordaberry, mas e de salientar que se verificaram graves irregularidades no acto eleitoral. Os «gorilas» militares tomaram em 1973 conta das rédeas políticas, tendo vindo a aumentar cada dia mais o seu controlo sobre todo o país. A violação dos direitos humanos é de regra no Uruguai. A seguir transcrevemos algumas passagens de um relatório da «Amnistia Internacional» sobre a situacão naquele país.

«Por ocasião da passagem do segundo aniversário do golpe militar de 1973, a «Amnistia Internacional» dirigiu-se, uma vez mais, ao Governo de Juan Maria Bordaberry, exprimindo a sua profunda consternação ante a falta de garantias legais e o uso regular da tortura física e psicológica; incomunicabilidade, detenções arbitrárias e outras medidas características de Estados totalitários em contradição com as declarações por várias vezes repetidas pelo Governo uruguaio. Solicitamos, além disso, informações concretas sobre as medidas tomadas em relação às torturas aplicadas, entre outros, a Pedro Gribari, Gladys Yanes, Lisandro Braceló, Francisco Maiorana Gonzaléz, a um grupo de 15 pessoas, incluindo Meliton Martinez detidos e incomunicáveis na unidade militar de San Ramon, e numerosas pessoas detidas pela polícia de choque Canelones, sob o comando do coronel Suarez.

«Até 1973 reprimiu-se a oposição armada. Nos últimos dois anos, perseguem-se sectores cada vez mais vastos de dissidentes pacíficos, como elementos da esquerda e sindicalistas. A «Amnistia Internacional» conta com amplas informações sobre os detidos, o tratamento que recebem e aspectos legais. Mencionaremos apenas alguns exemplos dos mais recentes:

O decreto de 5 de Junho de 1975 proíbe a circulação de todo o tipo de publicações marxistas e estabelece a confiscação de todo o material desse tipo que se encontre na correspondência.Este decreto viola a constituição uruguaia.

Demitem-se professores que tenham sofrido qualquer tipo de detenção, seja qual for a causa desta, grau de legalidade e tempo de prisão. Recentemente confiscaram-se os fundos do Sindicato dos Professores, destinados a ajudar os docentes detidos e suspensos ou demitidos.

Utilizou-se uma disposição legal, denominada «Ataque à força moral das Forças Armadas», que prevê penas de prisão de 18 meses a 6 anos, para enviar a juizo pessoas que distribuiram panfletos convidando à participação nas comemorações do 1.º de Maio, ou que distribuiram panfletos dos partidos socialista e comunista, ou às pessoas que, numa festa pátria, entoaram enfaticamente uma estrofe do Hino Nacional: «Tiranos, preparem-se!»

Antes do 1.º de Maio de 1975, realizaram-se, pelo menos, duas mil prisões em todo o país. Algumas detenções foram curtas, outras, como a de 16 trabalhadores dos Frigoríficos de Canelones, de 21 de S. José, de 52 membros do grupo político «26 de Março» e a do professor Carlos Astellano del Rio mantêm-se. Os detidos continuam incomunicáveis, sem que até ao momento lhes tenha sido instaurado processo.

Os detidos estão totalmente entregues à mercê das forças policiais ou militares que os prenderam. Submetem-nos à tortura da estátua durante 60 horas, não lhes dão alimentação suficiente e mantêm-nosempéssimascondições de sanidade. Obrigaram Walter Arguello a estar durante oito dias com as mãos nos ombros. Meliton Marquez sofre ataques do coração, e vários detidos padecem de hipertensão e de outras afecções, produto de: golpes nas pernas, no ventre e no fígado, imersão em tanque de água até à beira da asfixia, simulacros de execuções. O uso da tortura varia de intensidade e métodos.

Numa sociedade livre, a Imprensa exerce a função de denunciar os abusos de autoridade. No Uruguai tal não é possível.

(Do «Boletim APAL»).

Três ex-colónias portuguesas admitidas nas Nações Unidas

. NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 17 — (FP e R) — A Ussembleia Geral das Nações Unidas, que inaugurou ontem a sua trigésima sessão anual numa atmosfera de optimismo, começa hoje a organizar o seu trabalho para os próximos três meses, principiando pela escolha dos seus 17 vice-presidentes e dos presidentes das suas sete comissões principais.

Os eleitos avistam-se posteriormente com o actual presidente da Assembleia, Gaston Thorn, para ordenar os temas da agenda.

O primeiro-ministro luxemburguês tomou ontem posse da presidência, sendo a primeira vez na História da O. N. U. que um chefe de Governo ocupa aquele posto. Sucede ao ministro dos Negócios Estrangeiros da Argélia, Abdelaziz Bouteflika.

Um derradeiro aditamento à agenda, que encerra mais de 120 tópicos, foi proposto ontem à noite por Chipre, que deseja que a situação na ilha dividida seja discutida.

A Assembleia acolheu ontem nas suas fileiras — que totalizam agora 141 países — mais três membros: as ex-colónias portuguesas de Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

A Nova Guiné, que se tornou independente esta semana, também apresentou o seu pedido de admissão, esperando-se que venha ainda a tomar parte na sessão em curso.

A África do Sul, suspensa da Assembleia do ano passado, não compareceu ao acto de abertura, possivelmente para não se arriscar a uma nova contestação dos seus direitos de filiação. Julga-se que está a considerar abandonar por completo a O. N. U., em vista dos persistentes ataques de que tem sido alvo devido à sua política racial.

HOMENAGEM PORTUGUESA

Por ocasião da admissão nas Nações Unidas de Moçambique, São Tomé e Príncipe e ilhas de Cabo Verde, o representante de Portugal, António da Costa Lobo, prestou homenagem na tribuna da Assembleia Geral «a inteligência e clarividência dos dirigentes das novas nações que na sua atitude para com Portugal souberam distinguir o temporário do permanente».

Também souberam discernir — acrescentou o representante português — «entre as consequências da política errada de um Governo e os verdadeiros sentimentos da grande maioria do povo português, entre os episódios que nos puderam dividir e a amizade espontânea, bem como as aspirações comuns que deveriam unir-nos».

O representante de Portugal declarou-se convencido que graças «ao peso que a História sempre dá ao que é temporário, mais tarde ou mais cedo serão inevitáveis as estreitas relações entre Portugal e as suas ex-colónias».

«Mas é um facto» — acrescentou Costa Lobo — «que a cooperação baseada na amizade já iniciada pelos novos Estados desde a sua independência é devida em grande parte aos seus dirigentes».

Por seu lado, Gaston Thorn, o novo presidente da Assembleia Geral da O. N. U. fez votos, no seu discurso de investidura, para que a Assembleia contribua para uma solução pacífica e duradoura do problema do Médio Oriente, encorajando um diálogo entre todas as partes interessadas, capaz de aproximar os pontos de vista. Este diálogo — vincou Gaston Thorh — deve incidir agora, depois dos passos dados, nos dois aspectos essenciais da questão: respeito pelos direitos dos palestinianos e direito de todos os Estados da região a viver em paz dentro de fronteiras seguras e reconhecidas.

Gaston Thnorn, animado pelo clima construtivo da sessão económica especial que acaba de se celebrar, disse esperar que «a segunda geração da O. N. U. possa ser a da conciliação».

Plano económico aprovado na O.N.U.

. NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 17 — (A.N.I.) — Prevê-se que a trigésima sessão regular da Assembleia Geral das Nações Unidas, agora iniciada, venha a aprovar uma série de propostas de longo alcance que — se cumpridas pelas nações industrializadas — virão a melhorar a situação económica dos países pobres.

O plano, que foi debatido durante duas semanas por uma sessão especial, foi aprovado ontem por unanimidade. Foi considerado por muitos como um precedente para negociações harmoniosas entre «os países que têm» e «os que não têm» no futuro.

Os Estados Unidos manifestaram fortes reservas sobre alguns dos principais pontos do plano, incluindo uma proposta destinada a quase triplicar a percentagem do produto nacional que actualmente vai para auxílio ao estrangeiro.

Jan Pronk, ministro holandês do desenvolvimento, que presidiu à comissão elaboradora do plano, afirmou aos repórteres:

. «O que criamos aqui não foi de modo nenhum uma nova ordem económica internacional, o que fizemos foi comprometermo-nos uns com os outros a empreender algo num futuro muito próximo. É apenas o começo de uma nova ordem económica internacional. Tenho apenas indícios e expectativas em relação a questões monetárias e matérias-primas».

Segundo o plano económico, as nações desenvolvidas deverão fazer todos os esforços para destinar 0,7 por cento dos seus produtos brutos nacionais a países do Terceiro Mundo. O plano dará também às nações pobres uma participação mais lucrativa no comércio internacional e na assistência técnica e financeira.

Há vinte mil presos políticos indonésios

. GENEBRA, 17 — (F. P.) — Os delegados da Comissão Internacional da Cruz Vermelha verificaram no ano passado as condições de detenção de 90 mil presos políticos e de 24 mil prisioneiros de guerra em 70 países, segundo indica o relatório anual deste organismo publicado ontem em Genebra.

É na Indonésia que há mais presos políticos (cerca de 20 mil), seguinddo-se a Etiópia, com 16.500, a Colômbia, com 13.700, e o Chile com nove mil.

A operação mais importante respeitando prisioneiros de guerra foi o repatriamento dos indianos e paquistaneses. A CICV ocupou-se também de 3.308 turcos e cipriotas turcos e de 2.579 gregos e cipriotas gregos.

O conjunto das operações da CICV custou perto de dez milhões de francos suíços. A conttribuição mais importante foi fornecida pela Suíça (7,5 milhões). Outros três garandes foram a Árábia Saudita, 810 mil, Estados Unidos, 760 mil, e Alemanha Federal, 340 mil.

Em África, os delegados da CICV visitaram prisões, desig-nadamente no Ruanda, onde havia 5.300 presos, nos Camarões, 5.290, na Gâmbia, 2.000, e no Congo, 400.

Na América Latina, os delegados viram 2.500 presos no Uruguai, 2.400 nas Honduras, 1.600 no Paraguai, 1.070 na Bolívia e 700 no Equador.

Na Ásia, visitaram cadeias nas Filipinas, onde havia 2.700 presos, em Ceilão, 1.390, e na Malásia, 900.

Apelo de Henry Kissinger aos países petrolíferos

. WASHINGTON, 17 — (ANI) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, afirmou ontem que uma nova subida dos preços do petróleo porá seriamente em risco as esperanças de novas e construtivas relações na economia mundial.

Henry Kissinger, que falava em Cincinnati, disse que os Estados Unidos «farão um esforço para alterar as condições que permitiram que os preços do petróleo fossem fixados unilateralmente». E salientou:

. «Os Estados Unidos não podem, nem querem, deixar o seu destino político e económico dependente de decisões tomadas no estrangeiro.»

. O secretário de Estado norte-americano fez também um apelo às nações produtoras de petróleo.

«Deveríamos ser companheiros, não adversários» — disse.

«Estamos dispostos a cooperar com os produtores de petróleo, ligando as nossas economias em termos equitativos.»

. Por outro lado, os resultados da sessão especial da Assembleia Geral da O.N.U., que terminou na segunda-feira, foram «construtivos».

«As discussões tiveram lugar dentro de um espírito de conciliação e o documento final produziu considerável convergência entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento.»

«No que respeita ao Medio Oriente — declarou Kissinger —, os Estados Unidos sabem perfeitamente que «não haverá paz permanente se os acordos estabelecidos não incluirem pontos que tenham em conta os interesses legítimos do povo palestiniano».

Kissinger defendeu publicamente, no seu discurso, o acordo recentemente assinado entre Israel e o Egipto, qualificando-o de «um passo num processo contínuo» de negociação para chegar à paz justa e duradoura.

NUM MÊS EM ESPANHA

Terceiro julgamento em tribunal militar

. MADRID, 17 — (R) — Começa hoje nesta capital o terceiro julllgamento em tribunal militar que se realiza em Espanha no espaço de um mês.

Os réus — quatro homens e uma mulher — são apontados como elementos dirigentes da organização maoista F.R.A.P. (Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica) e incorrem na pena capital se se provar que foram os autores da morte de um polícia madrileno em Agosto.

Cinco guerrilheiros urbanos foram recentemente condenados ao garrote, no quadro da campanha do Governo para esmagar a vaga de terrorismo urbano que este ano reclamou a vida de doze polícias, e aguardam agora o resultado do seu recurso ao Supremo Tribunal.

Os seis esquerdistas que vão ser hoje julgados são acusados de terem morto a tiro o tenente António Pose Rodriguez, da Guarda Civil, quando regressava a casa, do trabalho, em 16 de Agosto, em Madrid.

Ontem, em Barcelona, no funeral de um polícia ali abatido no domingo por dois homens armados, centenas de manifestantes direitistas exigiram a repressão severa dos guerrilheiros urbanos.

Com o braço erguido na saudação fascista, gritaram «Morte aos assassinos». Nos cartazes aque muitos dos manifestantes empunhavam lia-se: «Soldados, venham salvar a Espanha».

No último ataque guerrilheiro contra a Polícia espanhola, o guarda Juan Ruiz Munoz, de 49 anos, foi atingido por balas na cabeça e apunhalado.

PRISÕES EM BILBAU

BILBAU, 17 — (ANI) — Dez jovens acusados de pertenderem à Organização Revolucionária de Trabalhadores (O.R.T., marxista-leninista), foram detidos segundo informou a Polícia, quando compunham propaganda sobre as recentes greves registadas na região basca.

«STAND» DESTRUÍDO

FRANKFÜRT, 17 — (FP) — Manifestantes saquearam ontem à noitee o «stand» espanhol do Salão Automóvel de Frankfürt para protestar fontra as condenações à morte pronunciadas nas últimas semanas em Espanha.

Os atacantes, membros da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica espanhola, da Liga contra o Imperialismo e do Partido Comunista Alemão Ocidental, servindo-se de acessórios tirados dos veículos expostos, destruíram completamente as montras e a zona reservada à Espanha, numa extensão de 300 metros quadrados.

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

COMUNICADO

Considerando a necessidade imperiosa de uma firme e enérgica resposta dos TRABALHADORES a todas as manobras da reacção fascista e seus serventuários sociais-democratas, que intentam abafar a Revolução Portuguesa e todas as suas conquistas, apela-se a todos os camaradas Técnicos de Desenho que se integrem na Grande Manifestação unitária e rigidamente apartidária convocada por dezenas de Comissões de Trabalhadores para a próxima Quinta-Feira, dia 18, com concentração no Terreiro do Paço, pelas 19 horas.

CONTRA UM GOVERNO DE DIREITA

PELA UNIDADE DE TODAS AS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS

Lisboa, 16 de Setembro de 1975

Pel'A DIRECÇÃO

Espectáculos

IV FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ (2)

O polémico Straub, "viva Portugal!" e uma franca representação checa

Por LAURO ANTÓNIO

Iniciando o comentário necessariamente rápido das muitas películas presentes neste IV Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz convira reafirmar as características básicas da sua selecção virada essencialmente para cinematografias do «terceiro mundo» ou para algumas das novas tendências de cinematografias, como as europeia, ocidental, americana ou das Repúblicas Populares do Leste europeu.

Por uma questão meramente processual iremos agrupar os filmes segundo os países de origem e seguir, sempre que possível, uma ordem alfabética.

ALEMANHA FEDERAL

Moisés e Aarão (Moses und Aron), de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, segundo a ópera homónima de Arnold Schoenberg; com Gunter Reich, Louis Devos, Eva Csapó, Richard Salter, Roger Lucas, etc. Coros e orquestra da Rádio de Viena, sob a direcção de Michael Gielen.

«Os Dias da Traição»: a reconstituição histórica a nível de gabinete

Moisés e Aarão é um velho projecto de Jean Maria Straub. Rodado em 1974, e estreado internacionalmente no ultimo Festival de Cannes, o filme fora todavia pensado em 1959 quando Straub assiste à representação desta ópera de Arnold Schoemberg em Berlim. Ópera em três actos, incacabada, Moisés e Aarão é um estudo sobre a conquista do Poder, tendo como cenário o Egipto e a águas do Nilo e como protagonistas o povo hebreu e dois leaders, Moisés, o anunciador de uma nova religião, o monoteismo, e Aarão manipulador das massas em nome de um certo «stato quo» político, personificado pelo politeismo. A ópera é um discurso em que se intercalam estas diversas vozes de significados variados, competindo a Moisés e Aarão disputar o poder (que desce do Alto) perante um coro (o povo) que a ambos olha e a ambos responde, sem que todavia assuma a condução do seu próprio caminho.

Em palavras transcritas no programa do festival, Straub adianta algo sobre a compreensão das figuras de Moisés e Aarão e propósitos relativos.

Mesmo que Aarão seja muito simpático, mesmo que apesar do seu oportunismo e da sua traição, seja um personagem muito sincero e que ama realmente o povo, como ele próprio diz, é apesar de tudo, Moisés quem tem razão no filme. Mesmo que isso nos choque muito, a nós contemporâneos e em especial de um ponto de vista marxista, é Moisés quem tem razão e é fora de dúvida que, acabando o filme na derrota de Moisés, é apenas à burguesia que se dá prazer. E, justamente, o terceiro acto é o processo de Moisés a Aarão e ainda qualquer coisa mais que não está na peça de Schoenberg: após o seu regresso, Moisés não só condenou Aarão mas, antes de o fazer realizou uma espécie de tomada do poder político, mesmo muito sanguinária — o que está dito na Bíblia. Apoiou-se na tribo de Levi para matar três mil homens das outras tribos. Schoemberg não se ocupa da realidade histórica, mas deixou uma branca. É o que nós contamos, no início com a citação da Bíblia, na tradução de Lutero. Mas porque Moisés tem finalmente razão?

Porque, creio, a ideia central e justamente a condenação do estabelecimento de um povo, do sedentarismo; ele reenvia as pessoas para o deserto, dizendo: «somente no deserto vós sereis invencíveis, atingireis o objectivo». É claro que se pode discutir, do ponto de vista ecológico, o que são os nómadas e aí ha um outro problema... O que é certo é que o sedentarismo, cujo resultado é a sociedade de consumo capitalista é algo que arruina o planeta em que vivemos. Moisés ergue-se contra tudo isso, contra a ideia de um estado muito simplesmente. É claro que é uma provocação, é uma utopia porque não nos podemos historicamente, um belo dia transformarmos em nomadas. Mas quem sabe se não chegará um dia em que o capitalismo tenha arruinado de tal maneira as coisas, que se tenha de repartir de zero. Há, pois, ali uma utopia, uma provocação.

E, justamente, a idéia de Moisés é que aquela terra, esperança do povo hebreu não é uma terra real mas sim uma terra que incessantemente se busca, onde é preciso continuamente reencontrar-se e donde, sem cessar, há que voltar a partir. E, ainda aí, não se trata de uma coisa material apenas.»

O trabalho de Straub, dirigindo **Moisés e Aarão** é uma sistemática ruptura com formas já conhecidas de adaptações cinematográficas de obras teatrais, ou operáticas. Não se trata de uma adaptação, sequer da simples filmagem da ópera, enquanto espectáculo teatral. Se por um lado aproveita um tipo de marcação teatral, por outro lado recusa o seu espaço cénico, optando por filmagens ao ar livre onde cada plano encontra a sua justificação não em relação a um espaço dramático, mas em função dos planos que o antecedem e os que se lhe seguem. O que acontece mesmo em certos **planos-sequências** em que os movimentos de câmara evoluem de Moisés para o coro, deste para Aarão, definindo assim um espaço físico determinado. Todavia esses movimentos não se deverão entender como tentativa de definição de um espaço cénico, mas sim como uma maneira de sublinhar (ou **acompanhar** somente) certas tensões existentes entre os diferentes polos de uma situação.

Planos de uma grande secura, de longa duração, de um implacável rigor acompanham os actores-cantores, recusando toda a possível dramatização, reduzindo a ópera a um conjunto de sinais sonoros e visuais, que delimitam um confronto ideológico.

As experiências de Straub, bem como de outros cineastas contemporâneos, justificam obviamente o interesse e a curiosidade, mas afastam por completo do cinema o grande público. Conclusão a que mais uma vez se poderia chegar, assistindo à sessão de encerramento do festival da Figueira da Foz; a meio da projecção de **Moisés e Aarão** meia casa não havia resistido à evidente agressividade da obra. Se os propósitos materialistas de Straub se podem entender, a ineficacia social dos seus filmes é óbvia. Ele proprio o confessaria, ao apresentar a obra dizendo que quem quisesse sair durante a projecção o poderia fazer, não incomodando quem ficava. Ele já estava habituado a que, a meio das projecções, o êxodo se iniciasse. É evidente que dentro da sala do cinema do Casino Peninsular ficaram somente os admiradores incondicionais de Straub (e alguns foram os que se dirigiram propositadamente à Figueira só para esta sessão) e a parte do público que, com o seu quê de interessado masoquismo, resolvera friamente aguentar a obra de principio a fim. Pelo respeito que Straub impõe.

Na mesma sessão foi ainda projectada uma curta metragem do mesmo realizador **Introduction a la musique d'accompagnement pour une scène de film d'Arnold Schoenberg** em que se dava conta da troca de correspondência entre Schoenberg e Brecht.

O cinema de Straub e as suas propostas de trabalho justificariam certamente uma mais desenvolvida abordagem, que o balanço rapido de um festival não permite. De toda a maneira, a quando da estreia de obras deste cineasta francês (exilado na Alemanha e em Itália) em écrans de Lisboa isso será possivel.

VIVA PORTUGAL, de Samuel Schirnbeck, Christiane Gerhards, Malte Rauch, com texto de Serge July.

Três jovens realizadores da Alemanha Federal, face à informação viciada que da Revolução portuguesa os grandes órgãos de Informação internacional divulgavam, resolvem vir a Portugal e rodar um documentário com «a outra face da Revolução, aquela que mais vezes se esquecia de ser transmitida em noticiários e artigos, reportagens e comentários.

Viva Portugal fala-nos, com documentos colhidos em arquivos portugueses (nomeadamente da RTP), dos dias de euforia que se seguiram ao 25 de Abril e ao 1 de Maio de 74, da forma como o povo se assenhoreou da Revolução que era sua, das manobras golpistas do I Governo, da crise de 28 de Setembro, do ataque de 11 de Março, época em que o filme se detém. Os acontecimentos são acompanhados por entrevistas com militares neles envolvidos, afastando-se o comentário das querelas partidárias. Não assumindo igualmente uma posição partidária, mas reconhecendo-se por inteiro na Revolução portuguesa, **Viva Portugal** ganha um fôlego invulgar quando se acerca dos verdadeiros interessados nas transformações económicas, sociais e políticas do nosso país. Operários, camponeses, o povo anónimo que se define como uma voz autónoma, perfeitamente consciente dassuas necessidades e interesses.

Que **Viva Portugal** representa uma contribuição importante para a Revolução portuguesa, eis o que se não põe em dúvida e será tanto maior quanto maior for a sua audiência internacional. Na RTP já a película passou, num serão de domingo. Em Paris aguarda-se a sua próxima estreia em circuito comercial. Filmado em 16 milímetros e a cores, **Viva Portugal** é já hoje, para nós portugueses, objecto de nostálgico olhar. O rememorar de um tempo de euforia e limpidez, de unidade e vigor, onde tudo era obviamente possível. As querelas e a desconfiança, o agravar de tensões insuportáveis e improdutivas viriam depois Prolongar-se-ão até quando? E com que resultados?

CHECOSLOVÁQUIA

OS DIAS DA TRAIÇÃO (Dny Zrady), de Otakar Vavra (1972-1973); Argumento de Miroslav Fabera e Otakar Vavra; com Gunnar Moller, Jaroslav Stach, Fred Alexander, etc.

Constituido por duas partes com cerca de duas horas cada uma (a sua exibição principiou à meia-noite e meia e terminaria pouco antes das quatro e meia da madrugada, da mais longa madrugada do festival da Figueira) **Os Dias da Traição** documenta os antecedentes do acordo de Munique, assinado por Hitler, Mussolini, Daladier e Chamberlain, em 29 de Setembro de 1938, acordo que «autorizava» os alemães a assenhorearem-se de partes do território checoslovaco onde predominava a língua alemã. Este acordo, assinado nas costas do Governo checo e do seu povo, assumiu-se como ultimatum que iria marcar um ponto decisivo no desencadear das operações que culminariam na II Guerra Mundial. O filme de Otakar Vavra reconstitui os dias que medeiam entre 9 e 29 de Setembro expondo, através dessa reconstituição, os interesses que o acordo camuflava e denunciando a aliança entre Governos como o francês e o inglês com Hitler e Mussolini, em nome de uma possível frente antibolchevista.

266 actores, mais de 10 000 figurantes (dir-se-ia que uma cidade pejada de manifestantes indo ao encontro do palácio presidencial), mais de 6000 metros de película em cinemascopio e cor, **Os Dias da Traição** em nada difere, processualmente, das superproduções ocidentais.

Filme de encomenda para estreitar os laços algo deslaçados entre a Checoslováquia e a U.R.S.S., **Os Dias da Traição** apresenta ainda algumas inconsistências históricas graves, como seja representar Hitler como um louco (tiques, gestos, ataques, etc...) e, através da sua loucura, justificar o criminoso nacional-socialismo. A luta de interesses que se encobria por detras da ideologia desaparece para ceder lugar ao jogo diplomatico e politico, sendo as referências ao poder económico mínimas e deficientes.

O importante papel didáctico que um filme deste tipo poderia desempenhar acha-se assim comprometido pela megalomania dos propósitos, pela deficiência da sua análise historica, pelo tom de encomenda que não esconde.

PAULINA (Pavlinka), de Karel Kachyna (1974); argumento de Alfred Technik; com Brigitta Hausnerova, Marian Kleis, Marie Brozova, etc.

Historia de amor e morte que se desenrola numa região montanhosa da Checoslováquia, Svarov, em 1870. **Paulina** é um filme de um lirismo algo inconsequente, carregado de rodriguinhos formais dos mais batidos (desfoques, filtros, grande-angular, etc..), culminando com a morte da protagonista durante a repressão de uma greve de operários. Paulina, correndo ao encontro do seu amor, cai varada por uma bala, enquanto o seu noivo se afasta algemado, rumo à prisão. Poético e melodramático, preciosista e desinteressante, **Paulina** reduz as lutas operárias a histórias de amor mal cumpridas, povoadas de simbologias de um primarismo decepcionante.

FILMES DA FACULDADE DE CINEMA E TELEVISÃO DE PRAGA/FAMU

Curiosamente, a sessão mais interessante que a representação checoslovaca trazia a este festival da Figueira-75 seria o programa constituído por várias curtas metragens de alunos da Escola de Cinema e Televisão de Praga, conhecida pela sigla FAMU. Infelizmente não nos foi permitido assistir à sessão até final (dado que a reunião de júri se efectuava em simultâneo), mas filmes como **A Genese e a Catástrofe** (nascimento de Hitler, intercalado com actualidades das atrocidades do nazismo), **O Quarto no Subterrâneo** (um estudante de medicina, um aprendiz de pintor e uma rapariga discutem a ciência, a arte e o amor) ou **As Misérias e as Penas** (adaptação de um conto de Máximo Gorki) anunciam grandes capacidades e o talento de definir situações em meia dúzia de planos. A estes filmes de ficção juntar-se-iam quatro documentários: **Poemas Mecânico, As Flores para a Região de Most, O Fogo Eterno e A Bola e o Bisturi.**

Por motivo de doença da actriz Maria Emília Correia (na foto), a Companhia Teatro Hoje interrompeu as representações da peça de Federico Garcia Lorca «Mariana Pineda» que estava em cena no Teatro de Bolso da Sociedade Portuguesa de Autores. Logo que possível a Companhia retomará o espectáculo, que é a primeira encenação de Fiama Hasse Pais Brandão, para a qual Jorge Peixinho compôs a música e que conta ainda com a colaboração plástica de Manuel Baptista. Os intérpretes são: Ana Paula, Baptista Fernandes, Carlos Fernando, Elisa Lisboa, José Manuel, José Tavares, Josefina Silva, Júlio Cleto, Leonor Poeira, Maria Emília Correia, Marta Isabel, Nuno Carinhas, Paula Oliveira e Rui Furtado

NA GULBENKIAN

Principiam amanhã os concertos populares

Inicia-se amanhã, quinta-feira, às 18 e 30, a nova série de Concertos Populares da Orquestra Gulbenkian, no Grande Auditório da Fundação, com bilhetes a preço extremamente acessível: dez escudos para todos os lugares.

Este primeiro concerto da série será dirigido pelo jovem maestro português Manuel Peres-Newton e terá a colaboração solística do violinista Manuel Teixeira Ferreira (componente da própria Orquestra Gulbenkian). No programa figuram as seguintes obras: **Sonata em ré** de Jerónimo Francisco Lima, **Concerto em lá menor para violino e orquestra** de J.S.Bach, **O Idílio de Siegfried** de Wagner, e **Sinfonia n.º 41 («Júpiter»)** de Mozart.

Peres-Newton

DADOS BIOGRÁFICOS DE PERES-NEWTON

O maestro Peres-Newton iniciou os estudos de direcção de Orquestra em Paris com Pierre Dervaux e Louis Forestier, e terminou-os no Conservatório de Roen, sob a orientação de Jean-Sébastien Béreau. Posteriormente, obteve uma bolsa da Fundação Gulbenkian para aperfeiçoamento artístico na Academia Chigiana, de Siena. Entre 60 candidatos de diversas nacionalidades, que se apresentaram a concurso para admissão naquela Academia, Peres-Newton classificou-se entre os 12 seleccionados para trabalhar directamente com France Ferrara, ex-aluno de Toscanini. Mais recentemente Peres-Newton estagiou durante um ano na Academia de Viena, com Hans Swarowsky.

Os bilhetes para esta série de concertos encontram-se à venda na Fundação Gulbenkian. Os sócios do Inatel, sindicatos e instituições de Previdência, devidamente identificados, beneficiam do desconto de 25 por cento.

Luís F. Rebelo em Veneza e Genebra

. . Luís F. Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, foi convidado para participar no curso sobre teatro naturalista que está a realizar-se no Instituto Internacional de Investigação Teatral de Veneza. A lição que vai proferir tem por tema «Estética e Sociologia do Naturalismo no Teatro Português», seguindo-se-lhe um debate com os alunos sobre problemas da actividade teatral no nosso país. Luís Rebelo participará igualmente, em representação da S.P.A., na reunião do Conselho Internacional de Autores de Obras Audiovisuais da CISAC, que decorre em Palermo até 20 do corrente ao qual apresentará um relatório sobre «Os direitos autoriais dos realizadores de televisão», e como delegado da Secretaria de Estado da Cultura na reunião do Bureau executivo da União de Berna para a protecção das obras literárias e artísticas que se inicia em Genebra no próximo dia 23.

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 23/9/75 para os cursos de Perfuração / Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC. Início dos cursos 24/9/75. As inscrições são limitadas.

EXTERNATO CONTINENTAL

T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º

Televisão

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

NA CICATRIZ DO FASCISMO

Para sabermos melhor a gente que nós somos, fomos ontem até ao distrito de Vila Real.

Costuma-se dizer que somos um País de contrastes. Não haverá país nenhum do Mundo de que não se diga o mesmo. É uma fatalidade terrestre o pluralismo geográfica.

Uma coisa, porém, torna Portugal uno e indivisível: a fome acotovelando-se com a fartura, a humildade com a sobranceria, a exploração dos que trabalham e o faz-nenhum dos exploradores. De Faro até Vila Real, a fome, a canseira da vida, o atraso da vida dão a este País que vive (como disse há dias um trabalhador alentejano) «na cicatriz do fascismo, um aspecto monótono.

Assim foi ontem, assim se provou ontem, mais uma vez, com a muito conseguida reportagem no distrito de Vila Real. Em tão pouco tempo, era difícil dizer mais.

NO CÉU NÃO HÁ LATIFÚNDIOS

Logo a abrir, o senhor padre Mourão para nos falar da situação da Igreja, no meio rural. Palavras cautas, quase tudo a ficar por dizer. O suficiente, embora, para compreendermos como a Igreja se comprometeu, nos meios rurais acentuadamente, com as estruturas apodrecidas.

Claro que se o padre Mourão quisesse — ou outro por ele — poderia contar-nos alguma coisa de certa feição popular que foi característica do clero menor lá por aqueles sítios, em recuados tempos. Talvez fosse bom, a propósito de Trás-os-Montes ou de qualquer outra região, que se encetasse o esclarecimento, o levantamento das tradições democráticas e patrióticas do nosso clero. Temo-las antigas e recentes. Nem todos os padres foram sempre feitos de cerejeira. T'arrenego!

Bom. Segundo o padre Mourão, os sacerdotes por ali vivem do povo. Das esmolas, das congruas. Claro que também, acrescento eu, das missivas por alma deste ou daquele (claro que os ricos, com mais culpas no cartório e carteira mais recheada, são melhores clientes. Os pobres ficam mais uns tempos a rechinar no purgatório), os enterros com menor ou maior espavento (o latim mais apurado, é evidente, mais apurado e recompensado, para o cadáver do senhor da terra, um verdadeiro cadáver *latifundiário*) os baptismos (de pingues lucros nas capelas privativas dos solares) e os casamentos mais baratos ou mais caros, consoante a qualidade e o tamanho da passadeira. Em terras de povo pobre, a ausência de coragem evangélica faz de cada padre um aliado terreno e celestial dos poderosos.

Claro que no céu não há latifúndios. Quando a Igreja também lutar por que os não haja na Terra, a vitória estará mais perto para os desprotegidos. Neste vale de lágrimas não é que o povo há-de fazer a barragem da liberdade, mas com o seu suor não explorado. Para quebrar a muralha da miséria, o povo não há-de pôr as mãos: há-de cerrar os punhos. E bater.

E bater até ser dia, padre Mourão.

O VINHO E O TRIGO ABRAÇO AMIGO

. Sim. A necessidade da Reforma Agrária não aparece apenas como solução para o Alentejo. Certamente, os problemas são uns ao Sul e outros ao Norte, os aspectos da Reforma Agrária hão-de ser diferentes: mas terá de fazer-se, de qualquer modo.

Como ontem claramente vimos, há quem ganhe muito e quem «dê murros na cabeça p'ra poder viver». Há quem ande lá por Portos e Lisboas enquanto outros lhes amanham as terras. Há quem trabalhe de sol a sol, há quem se mate a trabalhar para receber as magras croas que lhe alimentam o cadáver até ao dia seguinte. O vinho do Porto é uma riqueza para alguns, conseguida sabe-se lá à custa da miséria de quantos...

Alguns trabalhadores, embrutecidos pela violência da passividade passada, não sabem sequer o que significa *ter direitos*. Noutros casos, porém, a consciência política avança: já trabalhadores colocam o problema da cooperativa, já outros pequenos agricultores defendem a necessidade da Reforma Agrária, já trabalhadores rurais lutam pela organização dos seus organismos de classe — sindicatos e ligas.

No momento grave que vivemos, consola verificar que, nem mesmo nas zonas tradicionalmente consideradas mais atrás do processo, não se coloca, como forma de resolução, qualquer coisa parecida com a social-democracia. Saiba-se que defesa da nossa democracia passa pelo avanço para o socialismo: quantos mais passos dermos nesse sentido, mais a democracia estará segura. Isto é verdade, tanto em Beja, como em Vila Real. Travar a Reforma Agrária no Alentejo ou em Trás-os-Montes é trair o interesse popular. Chamem-lhe o que quiserem: traição será.

Mas em Trás-os-Montes ou no Alentejo viverá pouco quem não vir que a História faz o seu caminho.

ESCLARECIMENTO: O MORGAN «NÃO É DA C. I. A.

Já depois de encerrada esta crónica, bem dentro da madrugada, recebi a seguinte carta:

Meu caro Sir:

Desculparr o senhor eu lhe escreverr esta letterzinha, mas tengo muita prisa de comunicar with good povo portugués e como o sir é que trata da TV, penso ser a pessoa indicada. Vengo a pedir justícia, nada más que justícia e justícia me será hecha, como no!

Here está lo que pasa.

A televisão portuguesa, antes de ayer deu uma notícia publicada num periódico da República Democrática Alemã deciendo que «há provas de uma entrada maciça dos agentes da C. I. A. em Portugal» e que «as actividades daquele serviço secreto são coordenadas por S. Morgan, que reside na Avenida Suíça, no Estoril e dispõe de 53 colaboradores especializados em acções contra-revolucionárias».

Em primeiro lugar, me cabe decir que não há derecho de assim se atacar uma organización tão honorável como a C. I. A. É falso decir que se trata de um servício secreto, pues que la C. I. A. trabalha às claras, às clarinhas, neste aspecto a chamada Revolução Portuguesa é muy original. Se usted lo quiera, fale com qualquer persona bien colocada que lhe indicará logo uno, ó dois ó três agentes da C. I. A. Vá usted a um bom hotel, a qualquer botequim, a certas reuniones e los verá. Es mui fácil. Aquela moça guapa que acompanhava um señor muito conhecido, é agenta. Também lhe puedo decir que um señor muito respectável, em tempos, apesar de casado, teve... como se diz em portugués... teve repartição de cama com uma jornalista ianque de quem las buenas e malas lenguas hablaram.

Já usted vé que a C. I. A. não precisa assim de se esconder, mas esconder-se de quem, santo Deus? Los que são agentes, são. O que não são, porque lhe chamam?.

No meu caso, cometeu injustícia a RTP. Não fazo parte da C. I. A., não senhor. Estou em Portugal para perfecionar meu portugués, que comencei a aprender no Brasil, na escola do senhor Carlos Lacerda, después de ter estado no Chile, onde aprendi um poquito de español. Para pasar el tempo, costumo reunir-me com mesu compatriotas, os tais 53, para jogarmos «golf» e para matarmos saudades do basebol, eu fui o melhor «pitcher» dos Tigers, e a nossa ambição é abrir em Portugal uma escola de basebol, se tudo correr como pensamos, dentro de dois anos, fazemos contrato com os grandes agrários do Alentejo e em vez de searas, haverá campos de «golf», es más rentavel e nesse tempo até os niños de mama jogarão basebol, é essa a nossa missão aqui.

Hoy, a TV disse que o meu presidente, senhor Ford, admitirá que os agentes da C. I. A. tem trabalhado poco, em Portugal. Pudera no! Com este sol, com este vinho, com estes costumes tão brandos, quem resiste? Os agentes da C. I. A. são uns calões, não fazem nenhum, querem ganhar o deles à boa vida. Só passeatas e nada más. Conhecem o País todo: Famalicão, Ponte de Lima, Leiria, Bragança... Por exemplo, o John encontrei-o há dias em Alcobaça,o tipo ficou enrascado quando me viu e eu perguntei-lhe: «Eh, pá, o que é que estás aqui a fazer?» E o tipo vai e diz-me assim: «Vim provar os pêssegos».

Doutra vez, estava eu em Aveiro, dou de caras com o John: «Ó John, que haces tu, boy, por aqui?». Diz ele: «Vim cá provar os ovos moles».

Como o senhor vê, os agentes da C. I. A., ao contrário do que se diz, em lugar de contra-revoluções, fazem excursões, encharcam-se de frutas e de doces regionais. E para isso não precisam de se esconder de ninguém, ora essa!

. Pelo que a mim diz respeito, declaro que não pertenço à C. I. A., puedo-lhe mostrar meu passaporte. Para evitar troubles, mudei de residência, já não moro na Avenida Suíça, mas sim na rua que vai no cartão incluso. Espero a sua visita, meu caro senhor, para podermos tomar um drink e conversar amicalmente. Espero por si.

S. Morgan

P. S. — Sei que o seu velho sonho é ter um jornal diário. Por que no, meu caro? Si quiere, puedo ainda aiudar-lo, dinero não me falta, mi suegro tem petroleo no Texas. Está claro que isto fica entre nosotros... Prefiere matutino ò vespertino? Mientras tanto, também lhe puedo dar lições de basebol. No se apoquente. Ès muy fácil. Mas fácil que oançar molotovs das avionetas. Por lo menos és o que diz o meu amigo Charles. Hasta breve . . S. M.

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.as Feiras

Não acons. a menores de 13 anos

Bilheteira Tel. 89 70 17

ABEP — Telef. 32 88 23

"A TERRA":

DOIS JORNAIS E UM CASO

Tal como se previa, o jornal «A Terra», «órgão de unidade dos camponeses do Norte», como no seu cabeçalho se lê, acaba de tomar posição perante o aparecimento de outro jornal com o mesmo nome, «A Terra», lançado em Vila Viçosa por iniciativa do M.R.P.P. e destinado aos camponeses do Sul.

Num comunicado agora emitido, «A Terra», do Norte, denuncia o aparecimento do outro jornal com o mesmo nome, no Sul, como uma «manobra do M.R.P.P.» — «nitidamente confusionista e provocatória», como textualmente se lê.

De facto, «A Terra» é uma publicação já existente há longos anos, tendo vivido na clandestinidade na vigência do antigo regime. Registado legalmente aqui há cerca de um ano, «A Terra» tem saído regularmente, integrado como suplemento no semanário «A Opinião».

Uma informação de «A Terra», desde o Norte: o jornal vai aparecer brevemente como órgão autónomo.

O aparecimento de «A Terra», a Sul, por iniciativa do M.R.P.P., pode inclusivamente levantar um problema para resolução pelas vias legais correntes.

Em ALTER DO CHAO o DIARIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO, Rua do Álamo, 12

Hoje

«Lucien Leuwen»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
19.05 **Os Homens, os Livros e as Coisas** — com Ruy Bello.
19.30 «Os Robinsons Suíços» — série filmada — 2.º episódio
20.05 **Com Todas as Letras**
20.20 **Vamos Jogar no Totobola** — prognósticos para o 3.º concurso da época.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **«Lucien Leuwen»** série filmada — 1.º episódio — 2.ª parte — com Bruno Garcin, Antonella Lualdi, Jean Martinelli, Jacques Monod e Mary Marquet. Realização de Claude Autant Lara.

Lucien Leuwen, é expulso da Academia Militar devido às suas ideias republicanas. Graças à influência de seu pai é colocado no 27.º Regimento de Lanceiros aquartelado em Nancy. Aí conhece Bathilde de Castellier...

21.30 **Temas e Problemas**
22.00 **Programa Musical**
23.00 **Telejornal** 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Os Robinsons Suíços»**
21.30 **Telejornal** em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 **Concerto**
22.25 **«Callan»** — série de espionagem com o actor Edward Woodward no protagonista.
23.15 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **18.30**: Abertura e Formação de Professores; **19.00**: Telejornal; **19.10**: Temas de Educação; **19.35**: «Smith» — 5.º episódio; **20.00**: TV Palco; **20.30**: Telejornal; **21.00**: Vicente, o Holandês — vida e obra de Van Gogh; **22.10**: Histórias da TV Cubana — «Roda Viva»; **23.15**: Telejornal; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e O 5.º episódio da série «Smith»; **21.25**: Telejornal; **22.00**: «Serviço Especial» — série policial; **22.55**: Impacto; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocações [illegible]
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

SINDICATO DOS JORNALISTAS

Para decidir da posição a tomar relativamente à Intersindical, realiza-se amanhã mais uma assembleia geral extraordinária do Sindicato dos Jornalistas. A reunião terá lugar na Casa da Imprensa, a partir das 14 horas.

SINDICATO DOS SEGUROS

Os novos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul, que constituíam a Lista A (de oposição à antiga direcção e à Intersindical), tomam posse esta tarde, às 19 horas, na sede daquele organismo, situada no Largo do Intendente Pina Manique, 35-1.º

Desporto

Boletim Boletim Boletim Bo

União: lema da U.C.C.

Há um ano a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Campolide que tinha uma única finalidade. Uma finalidade vos e desportivos da zona: objectivo, criar a União dos Clubes de Campolide qur tinha uma única finalidade. Uma finalidade do mais alto significado: acabar com a «guerra» entre clubes e agremiações daquele bairro, fazer nascer um clima de amizade entre a população.

Um ano passou. Um balanço foi feito: muita coisa foi feita, alguma coisa ficou por fazer Agora, é tempo de deitar olhos ao futuro, de modo que a união continue. Para tanto, necessário se torna analisar com calma o programa proposto há um ano em função do que se conseguiu efectivar.

É para isso que hoje, no Bairro da Calçada dos Mestres, a União dos Clubes de Campolide se vai reunir. Para analisar o passado; para estruturar o futuro. Para já uma conclusão sem reticências: em Campolide a União põe termo à clubite. Uma vitória. A primeira de uma série que se deseja. Que fica para o segundo ano de actividades.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

. . A continuidade do dr. Fernando Mouga, causídico em Viseu e delegado local da Direcção-Geral dos Desportos, é muito contestada pelos desportistas locais que dizem que o dr. Mouga manifesta «total falta de interesse e colaboração para com o desporto federado amador, demonstrada desde a data em que foi nomeado para desempenhar as suas funções».

A crítica mais cerrada vem através das palavras de Carlos Costa, elemento da Associação Desportiva de Viseu, em entrevista confiada hoje ao nosso colega «Mundo Desportivo».

ONTEM

. Na sede da Federação Portuguesa de Futebol realizou-se ontem o sorteio do Campeonato Nacional de Juniores. Na primeira jornada (5 de Outubro) defrontar-se-ão, na Zona Norte: Porto-Leixões, Amarante-Varzim, Marco-Boavista, Lourosa-Sanjoanense, Académico de Coimbra-V.Guimarães e Braga Nelas. Na Zona Sul: Sesimbra-V.Setúbal, S.Luís-União de Coimbra, Benfica-Atlético, Estrela de Portalegre-Belenenses, Farense-Peniche e C.U.F.-Sporting. O campeonato comporta 22 jornadas, sendo apurados os dois primeiros de cada zona para uma «poule» final.

HOJE

. Com a participação de alguns ciclistas amadores do nosso país, começa hoje a correr-se a «Volta à Bulgária».

PORTUGAL

. Dia 24 do corrente, pelas 21 e 30, jogo entre o F. C. Porto e o Boavista, nas Antas, com um altruista propósito: beneficar (com a receita) os nossos compatriotas retornados de Angola.

Domingo, o Barreirenses confronta-se com o Montijo no Estádio de Pina Manique. Sábado, há outros jogos da 2.ª divisão: Salgueiros-Riopele (17 horas) e Sanjoanense-Feirense (16).

Realizou-se em Vila Nova de Gaia um curso de treinadores regionais de basquetebol, que decorreu nas instalações do Colégio Externato de Gaia e no Pavilhão do Banco Pinto de Magalhães. No final do curso que foi frequentado por 41 candidatos (33 homens e 8 senhoras) foram consideradas aptos 21: oito do Porto seis de Lisboa, dois de Coimbra, três de Setúbal e dois de Angola.

A Associação de Patinagem de Lisboa aceitou as inscrições do Grupo Desportivo de Queluz e do Grupo Desportivo de Sesimbra.

Domingo é «Dia do Clube», para os associados alcantarenses que queiram presenciar o jogo com o Sporting.

Basta possuír a instrução primária para concorrer ao curso para árbitro de voleibol, que decorrerá de 22 do corrente a 10 de Outubro, na sede da Associação de Lisboa. Mestres dos futuros juízes: Manuel Machado Bento, Fernando Rodolfo, Jorge Coelho e Fernando Dias.

TELEFONEMA

. Ligação para Costa Pereira, o famoso «internacional» que enveredou pela carreira de técnico de futebol e orienta, agora, a turma do Oriental:

. — **Ainda bem que falaram para mim: quero, para já, emendar uma declaração que, há tempo, fiz através do Rádio Clube Português, em relação às contas da minha festa de homenagem, promovida pelo Benfica. Está tudo certo: faltava-me um documento de despesa, que apareceu. Daí que peça desculpa a Romão Martins (dirigente benfiquista, nessa ocasião) de qualquer palavra de agravo que possa ter, involuntariamente, proferido.**

— E, como vai o Oriental?

. — **Ainda não posso contar com o «team» que desejo. Apenas na semana passada se concretizou a transferência de Jerónimo, que somente com dois treinos já actuou perante o Olhanense. Mas há outros reforços de que estou à espera: Teles (um ponta-esquerda vindo do Gouveia), o ex-alcantarense Semedo (para o meio-campo), dois moços do Sacavenense que alinham na defesa (Albuquerque e Jorge) além do guarda-redes Casimiro (que jogava no Marítimo). Com todos estes moços confio, sinceramente, numa excelente campanha. Aliás, o presidente Mário Gonzaga Ribeiro e a sua equipa directiva merecem, tanto como os nossos associados, umas boas alegrias.**

RARIDADES

. Raro: um guarda-redes de uma equipa estrangeira «aceitar» luvas portuguesas para o jogo que vai aqui efectuar. Adiante-se desde já que as luvas não são dessas que os jogadores costumam receber no início de cada época: são luvas a sério, e quem as fez chegar à turma turca foi José Augusto, dono (como se sabe) de uma casa de artigos desportivos (a «Eurodesporto»).

Foi ontem na Luz, depois do treino do Fernebahce. Quase ao mesmo tempo chegaram José Augusto e Eusébio: enquanto os jornalistas procuram registar os pensamentos da «vedeta» que saiu do Benfica para jogar nas Américas, os guarda-redes turcos negociaram com José Augusto. Foi Adil (que deverá ser o suplente) quem comprou dois pares: apenas e só porque nenhum par servia ao guardião efectivo...

LA FORA

O halterofilista japonês Mazamoto Takeuti melhorou o recorde mundial de «arraché» (mínimos) levantando 108 kg.

Duas chinesas (Li Ya-Min e Ning-Sheng) bateram o máximo mundial de tiro com revólver com 591 e 588 pontos, respectivamente, nos terceiros Jogos Nacionais da República Popular da China, em Pequim.

O primeiro Campeonato Mundial de Futebol para juniores vai ocorrer em 1977, na Tunísia, com a participação de 20 equipas.

Medidas de segurança cada vez mais rigorosas rodeiam os «courts» de ténis da cidade sueca de Baastad, que será palco, a partir da próxima 6.ª-feira, da final interzonas da «Taça Davis», entre as equipas da Suécia e do Chile. Os efectivos policiais presentes foram aumentados, por ocasião do início dos treinos da equipa sueca, tendo passado de 24 para 200 agentes. O número de polícias aumentará diariamente, devendo totalizar mais de mil na sexta-feira. As forças de segurança contarão (ainda) com o auxílio de helicópteros.

Estádio da Luz: fotos para a Imprensa só fora de portas. Na imagem: Mário Wilson e um jornalista turco.

PORTUGAL: CAMINHO DA U.E.F.A.

Didi quer Eusébio

. Na tranquilidade de um (bom) hotel lisboeta, Didi e os pupilos aguardam calmamente o jogo com o Benfica: porque o treinador sabe do valor da sua equipa e sabe (também) que o seu adversário não pode apresentar o único jogador que poderia causar dificuldades aos seus jogadores. Esse jogador é Eusébio, que pode inscrever na sua agenda o nome de um homem que admite perfeitamente a hipótese de o pôr a jogar ainda uma época.

Na verdade, o famoso Didi (que treinou o Peru, no «Mundial» do México) está há três anos na Turquia e só não veio há sete meses para o Sporting **porque tinha ainda um ano** para cumprir no Fenerbahçe: o convite do Sporting surgiu **quase na mesma altura em** que um clube espanhol (que não quis identificar) lhe endereçou proposta idêntica. Mas, Didi tem planos seguros quanto ao futuro: o Brasil quer um substituto para Osvaldo Brandão e o seu nome figura na lista dos preferidos da C.B.D. Porém, igualmente do México lhe chegam convites: e poderá ser aí que ele irá reencontrar Eusébio; em terra boa, já que o clima é excelente, o público amigo e o dinheiro de «peso»...

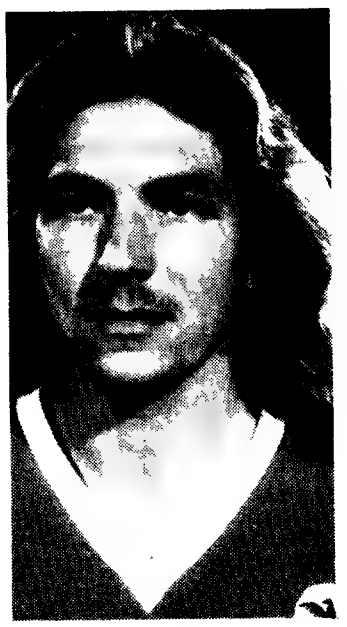
Todavia, tudo isto são hipóteses que, por ora, pouco ou nada preocupam Didi: na sua mente, tem apenas o jogo de logo à noite, na Luz, o faz esquecer a opção de um futuro em latitude certa. Do seu lado a certeza de que o Fenerbahçe não é uma equipa vulgar, aquela que (alguns) sócios e simpatizantes do Benfica «adivinharam» quando foi do sorteio na Suíça. A confirmação desta verdade poderá ser constatada logo, ao bater das 21 e 30 horas, na Luz.

Pelo lado do Benfica, as novidades dadas como certas serão a ausência de Messias e Artur; ambos magoados mas, no caso de Messias, talvez alguma coisa mais do que o «toque» sofrido há dias. Para colmatar estas faltas, Mário Wilson terá escolhido Malta da Silva e Bastos Lopes para emparceirarem com Barros e Eurico. Só não está definida (ainda) a posição dos atletas no xadrez da equipa...

Outra novidade: vai haver vigilância redobrada às portas da Luz. Os habituais «borlistas» vão ter muitas dificuldades em entrar pela «porta do cavalo». À vista, os enormes prejuízos registados no jogo com o Boavista (mais de 60 contos).

À hora a que esta edição do «DL» começa a circular, está o Boavista a contas com um adversário de respeito: o Spartacus Trnava (da Checoslováquia) quarto classificado do campeonato do seu país e já com os elementos de primeiro plano que não apresentou na «Intertoto». O treinador Pedroto sabe disso e, como é um homem experimentado nestas coisas do futebol, terá acautelado o sistema de jogo da sua turma. Guardar para a segunda «mão» o desfecho da eliminatória, seria o objectivo a atingir nesta viagem à Checoslováquia.

Entretanto, nas Antas, o P.C.do Porto terá pela sua frente uma «pera doce» para descascar; na verdade, os homens do Luxemburgo (o Avenir) são de fraco cotejo, prevendo-se que Cubillas e seus pares garantam uma goleada» para satisfação dos sócios e simpatizantes que esgotarão (certamente) as bancadas das Antas.



Eurico: teste definitivo frente aos turcos.

Enquanto isto, o Sporting aguarda: só a 24 irá a Silema esgrimir com os pacatos maltezes a sobrevivência da «Taça U.E.F.A».

Para quem não puder ir à Luz ou às Antas, uma hipótese se levanta: ouvirem os relatos integrais e directos que a Emissora Nacional e o Rádio Clube Português efectuarão. Quanto ao jogo da Checoslováquia, também a Emissora Nacional transmitirá o respectivo relato, a partir das 16 horas.

ORLANDO DIAS AGUDO

ARGENTINA: PUGILISMO TEM O SEU DIA

BUENOS AIRES (Por Fernando Del Corro, da EFE — exclusivo da ANI em Portugal) — Ainda há espectadores da chamada «peleja do século» que consideram Luís Angel Firpo como vencedor legal de Jack Dempsey, que o pugilista argentino atirou para fora do ringue com um único golpe e para uma contagem que muito escedeu em tempo real o consagrado limite de dez.

Foi a 14 de Setembro de 1923, no estádio «Polo Grounds» (de Nova Iorque) que Firpo, inferior em capacidade técnica, mas com uma força de soco impressionante, arrojou para além do quadrilátero o extraordinário «demolidor de Manassá», um dos maiores campeões de toda a história do boxe. Essa terrível «direita» com que Firpo fez Dempsey ir parar junto da primeira fila de cadeiras ficou como um episódio indelével que ano após ano é recordado no mundo do boxe. Por isso, o 14 de Setembro foi instituído na Argentina como o «Dia do Pugilista».

O «toiro selvagem das Pampas» faleceu há anos, mas, em cada aniversário da sua épica peleja, o seu rival de então tem sempre uma palavra de elogio para a memória do «pesado» argentino.

Outro antigo campeão mundial da categoria (Jess Willard, o «cowboy gigante de Kansas») que também chegou a medir-se com Firpo, disse deste: «Em toda a história do boxe mundial nunca ninguém socou tão forte como ele. Sei-o por experiência própria».

Poucas vezes no historial do boxe se terá escrito tanto sobre um combate tão curto. Apenas durou um «round» e 57 segundos. Quando se recordam as grandes «batalhas» do passado fala-se de pelejas prolongadas. Quiçá a de Dempsey-Firpo e a de Joe Louis-Max Schmeling, que terminou no primeiro assalto, sejam as únicas excepções dessa regra.

Dizer em relação a Firpo, que o argentino foi o vencedor é uma história arquisabida. Muitos elementos serviram para provar que Dempsey permaneceu fora do ringue muito mais tempo do que os regulamentares dez segundos. E todos sabem que o árbitro teve uma actuação francamente parcial...

Firpo caiu nove vezes durante os 237 segundos do combate: sete no primeiro assalto e duas no segundo e Dempsey foi derrubado só uma vez, mas sem parcialidade na arbitragem, essa vez teria bastado para que o título mudasse de mãos.

Há pouco mais de um mês, a 7 de Agosto completaram-se 15 anos sobre a morte de quem, com justiça, pode ser considerado como a figura máxima do boxe argentino: Luís Firpo.

Com toda a franqueza

Por NEVES DE SOUSA

Futebolistas: mas, qual sindicato?

. Realmente, assim é uma verdadeira tristeza. Um Sindicato que conflue centenas de inscritos, trabalhadores de uma profissão que se estende de Norte a Sul do País e se alheia totalmente da eleição dos seus corpos gerentes (fazendo vista cega aos apelos através da Imprensa e ouvidos moucos às solicitações dos camaradas autenticamente interessados no organismo) pouco prestígio ganha com as atitudes dos seus associados.

O inaudito aconteceu ontem: com duas secções de voto abertas e à disposição (no Porto e em Lisboa) apenas 36 votantes surgiram a depositar o papelinho designativo das suas vontades nas urnas que ficariam quase às moscas. Foi cadavérico, profundamente desolador, este alheamento da vida sindical: reflexo (quem sabe?) da falta de mentalização de esmagadora massa de chutadores que, pelos vistos, só tem (mesmo) habilidade ou sabedoria para dar uns pontapés no couro.

O Porto registou 20 presenças. Em Lisboa, o somatório geral quedou-se pelo número «miserável» de 16 votantes. Assim, para onde caminha este Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol? Qual é o destino que está no seu rumo? Que horizontes o esperam? Que representatividade pode ter? Que significado-peso político pode representar verdadeiramente?

. Há realmente, coisas que não se compreendem bem. Esta falta de correspondência dos camaradas de Artur Jorge aos sucessivos pedidos de intervenção na vida sindical, é manifesta prova de alheamento, de ausência de consciência de classe, de abdicação de personalidade. Mais: da falta de esclarecimento por banda dos delegados sindicais nos diferentes clubes que praticam o futebol profissional. Trabalhadores que não lutam pelo seu presente (e, muito menos, pelo futuro da sua profissão) não valem um caracol em matéria de audição perante os altos poderes de qualquer Nação. Este virar de costas dos profissionais de futebol à escolha dos seus dirigentes patenteia duas verdades incontroversas: a despreocupação com que os praticantes remunerados do pontapé na borracha assistem ao desenrolar dos curtos dias das suas carreiras e, simultaneamente, o desapego que nutrem pelas figuras ou propósitos de quem se propõe trabalhar em busca da redenção de um sector da vida nacional que foi marginalizado durante anos em torrente. É bem feito se, amanhã, num qualquer Ministério como perante um qualquer Tribunal, o jogador de futebol (na generalidade) tornar a ser considerado um zero sem interesse no montante numérico dos trabalhadores do País, como aconteceu ainda em não muito recuados tempos.

Artur Jorge: um trabalho inglório?

Resta, agora, acrescentar quem foram os 16 sobreviventes ao marasmo geral. Os 16 autênticos profissionais que conseguiram escamotear vinte minutos a uma «matinée» para irem votar a sua direcção sindical: Artur Jorge, Melo e Joã Cardoso (Belenenses); Toni, Artur e Fidalgo (Benfica); Franque, José Eduardo e Guerreiro (Atlético); Rachã e Porfírio (Montijo); Esteves (Cuf); José Carlos (Oriental), Bernardo (Odivelas), Fagundes e Barnabé. Incrível (por exemplo) o alheamento total de jogadores do Sporting e do Vitória de Setúbal, do Barreirense e do Estoril Praia, todos primodivisionários e, portanto, a ganharem o suficiente para gastarem cinco escudos no autocarro e irem cumprir o seu dever.

A nova gerência sindical, se podermos incluí-la no subtítulo de «leita», abrange os seguintes nomes: dr. Manuel António (Académico de Coimbra), Acácio (Boavista) e Porfírio (Montijo), na mesa da assembleia geral; Agostinho Vieira de Oliveira (Sport Clube Vieira do Minho), José Carlos (Oriental), Vítor Gomes (Sporting), Toni (Benfica) e Castanheira (Cuf) na direcção; Leal (Boavista), Octávio (F.C. Porto) e Augusto (Mirandela) no conselho fiscal. O cúmulo: dois dos sulistas eleitos (Vítor Gomes e Castanheira) primaram pela ausência. Será que a lesão do primeiro o impede de andar na rua? Será que o trabalho na empresa cufista inibiu o segundo de se deslocar a Lisboa?

. Enfim: um sinal dos tempos e o espelho (absoluto) de como devem ser encarados, em termos de responsabilidade pela profissão, alguns dos futebolistas deste lindo Portugal.

GREVE DO MAR

"Ninguém tem poder" para resolver o conflito

. Prossegue a greve dos trabalhadores do Mar da Marinha Mercante, que se arrasta há mais de duas semanas, sem que se vislumbre solução para o conflito. O número de navios paralisados nos portos de Lisboa, Aveiro e S. Vicente eleva-se já a catorze. Outros tantos encontram-se a navegar em direcção a Lisboa, onde deverão igualmente paralisar, pois as tripulações apoiam a forma de luta encetada pelos camaradas da C. N. N. para conseguir a satisfação de reivindicações que se arrastam há mais de um ano: 40 horas de trabalho semanal, distribuição por todo o pessoal de uma gratificação anual e abolição do Código Disciplinar. Os navios em luta representam cerca de 20 por cento da frota nacional e 50 por cento da carga geral.

Segundo um membro da Comissão de Trabalhadores do Sector do Mar da C.N.N., a situação caiu no impasse pelo facto de os trabalhadores não encontrarem interlocutor para encetarem negociações. A instabilidade política que tem caracterizado a vida nacional em muito contribuiu para isso, criando uma situação em que «ninguém tem poder» para resolver o conflito. Esta situação atinge foros de anacronismo quando o Conselho da Revolução, instado pela Comissão Administrativa, responde que o assunto transcende, segundo comunicação desta comissão aos trabalhadores. Além disso, tentativas de solução de alguns pontos que haviam sido encetados pelo V Governo Provisório parecem ter-se perdido com a saída deste de S. Bento. É o que se passa com o ponto relativo à «gratificação de balanço», para a resolução do qual o Governo anterior tinha nomeado uma comissão, cujo destino hoje se desconhece.

Os trabalhadores apercebem-se de que o problema ultrapassa os limites das suas três reivindicações. É o futuro da Marinha Mercante que está em jogo, e há muito tempo. A palavra «crise» é velha neste sector. Mas a crise acentuou-se por não ter sido preparada uma resposta à redução que as carreiras marítimas iriam sofrer com a descolonização. Essa resposta seria possível com a adopção de uma política de mercados que «ninguém se lembrou» de estudar e de pôr em prática.

À espera de uma reconversão que ninguém parece ter capacidade para efectuar e para a qual o tempo se torna cada vez mais escasso, os trabalhadores da Marinha Mercante inquietam-se justamente sobre o amanhã que os espera.

INTERSINDICAL APOIA A MANIFESTAÇÃO UNITÁRIA DE AMANHÃ

A Intersindical Nacional vê com apreensão a situação política que o País está a viver e as tentativas da direita para impor soluções que só a ela interessam.

Num comunicado emitido ontem, diz a Intersindical: «Perante as pressões dos lacaios do grande capital põe-se em perigo as liberdades democráticas e as conquistas já feitas pela classe operária e seus naturais aliados, tais como as nacionalizações (vejamos o exemplo do grupo CUF), o controlo da produção e a Reforma Agrária. No campo militar, são saneados os homens progressistas e substituídos pelos representantes da direita.»

. A Central Unica dos Trabalhadores Portugueses refere ainda o risco que as estruturas militares correm, de serem modificadas e passarem a defender certos privilégios, a falta de apoio aos órgãos de poder popular, a reivindicação da direita, quando pede um Governo que trave o processo revolucionário e a impossibilidade da economia nacional suportar aventureirismos.

Por todas essas razões, a Intersindical Nacional decidiu apoiar a manifestação prevista para amanhã, com concentração no Terreiro do Paço, às 18 e 30. Ao dar esse apoio, o Secretariado da Intersindical convoca todas as estruturas sindicais — comissões, comissões de trabalhadores, sindicatos, federações e uniões sindicais, bem como todos os trabalhadores interessados no prosseguimento do processo revolucionário.

. Também a Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos emitiu um comunicado de apoio à iniciativa, que procurará transformar no «início de uma série de acções coordenadas contra a ofensiva reaccionária em curso e pelo avanço no caminho da sociedade sem exploradores e explorados». Do mesmo modo, a lista A (de «unidade revolucionária»), candidata aos corpos gerentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, «chama os metalúrgicos, a classe operária, todos os trabalhadores, qualquer que seja a sua filiação partidária, a cerrarem fileiras contra o inimigo de classe e a virem à rua na próxima 5.ª feira».

A Comissão Coordenadora Intercomissões de Trabalhadores do grupo CUF também aderiu à iniciativa, apelando a todos os trabalhadores e militares, para «que lhe dêem activamente o seu apoio». Esta Comissão considera que, face à «situação política actual, em que as forças contra-revolucionárias levantam descaradamente a cabeça, cabe às massas populares, unidas em torno das suas organizações de base, responder-lhes firme e revolucionariamente nas fábricas, nos campos, nos quarteis e nas ruas».

A nossa Redacção têm chegado outros testemunhos de apoio adesão, designadamente dos trabalhadores da Iberol-Copaz, da firma Fritz W. Meyer Lda., do Sindicato dos Técnicos de Desenho e de diversas comissões de trabalhadores e moradores.

post scriptum

Continuação da pág. 3

sensacionais, nós, civis, também; se vós militares tendes o dom da fala, nós, civis, também. (...) Logo, se assim é, a lei sobre a informação deve ser rigorosamente extensiva a nós, civis. (...) E isto por uma questão de coerência. Se o pavilhão auricular civil, neste momento de crise, não deve saber tudo o que se passa dentro dos quartéis, logicamente, para que o caos não seja maior, o pavilhão auricular militar não deve saber tudo o que se passa fora dos quartéis. (...) E de tal maneira que só saibam que existimos e pensamos através dos nossos porta-vozes oficiais: os senhores secretários-gerais dos partidos respectivos.

José Luís Sequeira de Sousa — Coimbra

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA

A CINEMATECA NACIONAL em colaboração com o FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ apresenta a partir de 17 do corrente o CICLO DE FILMES DO FESTIVAL.

17 de Setembro — As 18.15 — **CONFRONTAÇÃO** (1974) — Suíça Realização — Rolf Lysey — Versão original com legendas em Francês.

As 21.30 — **MILESTONES** (1975) — USA — Realização: Robert Kramer e John Douglas — Versão original com legendas em Francês.

18 de Setembro — As 18.15 — **CAT'S SOUP** (1974) — França Média metragem — Realização: Richard Jordan

• **OUTONO** (1972) — França. Média metragem Realização: Marcel Hanoun — Versões originais.

As 21.30 — **OS PUNHOS CONTRA O CANHÃO** (1975) — Chile — Realização: Orlando Lübbert e Gaston Angelovici. — Versão original.

19 de Setembro — As 18.30 — **ILUMINAÇÃO** (1973) — Polónia Realização: Krzysztoff Zanussi — Versão original com Legendas em Francês.

As 21.30 — **IRACEMA** (1974) — Brasil — Realização: Jorge Bodanzky — Versão original.

20 de Setembro — As 18.15 — **AGUENTE-SE COMO UM HOMEM, MINHA SENHORA!** (1975) — Dinamarca — Realização: Mette Knudsen, Elisabeth Rygaard e Li Vilstrup — Versão original c/ legendas em Francês

As 21.30 — **KALINA KRASNAIA** (1974) URSS Realização: Vassili Schukschin — Versão original com legendas em Espanhol.

22 de Setembro — As 18.15 — **NEWSREEL** — USA Realização: Equipas diversas

As 21.30 — **SÓ OS VETERANOS COMBATEM** (1974) — URSS — Realização: Leonid Kycev. Versão original com legendas em Espanhol.

23 de Setembro — As 18.15 — **ENTREVISTA** (1971) — Índia Realização: Mrinal Sen. — Versão original com legendas em Inglês.

As 21.30 — **OS DIAS DE TRAIÇÃO** (1973) — Checoslováquia — Realização: Otakar Vavra — Versão original com legendas em Francês.

24 de Setembro — As 18.15 — **A VERDADE SOBRE A PAIXÃO IMAGINÁRIA DE UM DESCONHECIDO** (1974) — França — Realização: Marcel Hanoun. Versão original

As 21.30 — **PAULINA** (1974) — Checoslováquia. Realização: Karel Kachyna. Versão original com legendas em Francês.

25 de Setembro — As 18.15 — **ÚLTIMA OPORTUNIDADE** (1973) Hungria — Realização: Peter Bacso — Versão original com legendas em Inglês.

• **RISCO DE EVASÃO** (1973) — Suíça — Realização: Markus Imhoof — Versão original com legendas em Francês.

(Para Todos)

MOTIVOS IMPREVISTOS PODEM FAZER ALTERAR ESTE PROGRAMA

PREÇO DE INGRESSO PARA QUALQUER DAS SESSÕES — 5$00

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/55993, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Almancil, concelho de Loulé de uma linha aérea a 30 kV com 155 metros do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação da Fonica ao posto de transformação de Além.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Setembro de 1975.

Pelo Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

Geral

A CONTRA-REVOLUÇÃO CULTURAL

Continuação da pág. 3

a Universidade chilena.

Paralelamente, surgiram a todos os níveis de estudos, cursos de «segurança nacional». «Trata-se», diz a circular ministerial, «de fazer com que os futuros profissionais tomem consciência das múltiplas ameaças que afectam a vida do Estado». No programa, dois pontos essenciais: subversão e desvio político. São previstos «estágios de, pelo menos, três meses em unidades de segurança nacional».

Esta militarização é acrescida com aquilo que o jornal ultraconservador, «El Mercurio», designa com o nome de «restauração universitária» em todos os domínios.

Os direitos de inscrição aumentam de modo exorbitante. Em 1974 o número de inscrições sofreu uma redução de 10 por cento em relação a 1973. Vários Departamentos de Ciências Sociais, História e Filosofia, foram inteiramente suprimidos. No seu conjunto, o controlo da investigação provocou o êxodo dos investigadores. Um relatório oficial de Junho de 1974 assinala que em 228 investigadores que abandonaram o país desde 1971, 165 fizeram-no após o golpe de Estado. No plano pedagógico renunciou-se à interdisciplinaridade.

NÃO SE PASSA MAIS NADA

A educação da população não passa somente pela escola e pela universidade. Imprensa escrita, rádio, cinema, televisão, têm, como se sabe, um papel tão importante, senão mais, no sistema. Se a censura não existe de direito, ninguém poderá negar que ela é na verdade particularmente rigorosa e que implica também a auto censura. Mais de metade dos jornalistas chilenos estão impossibilitados de exercer a sua profissão no Chile. Segundo o Instituto Internacional da Imprensa, no passado mês de Maio, quarenta e dois jornalistas encontravam-se num campo de concentração e dez tinham sido fuzilados. Quanto aos correspondentes estrangeiros, um dos últimos que tentou manter-se no Chile, Juan Omang, correspondente do «Washington Post», foi expulso em Junho.

Os jornais são em número reduzido. Politicamente o tom que usam é o do todo-poderoso «Mercurio» de Santiago, que, em nome da direita económica, sugere por vezes à própria Junta a sua linha a seguir. Quanto à restante Imprensa chilena, ela dedica-se à narrativa de crimes e delinquências sexuais, à glorificação do Exército, às ameaças de uma agressão do Peru ou a insignificantes reportagens sobre a festa da Primavera e as exposições comerciais. A televisão e a rádio difundem ou emissões de simples divertimento importadas dos Estados Unidos, ou folhetins mexicanos que puxam à lágrima. Ordem, tranquilidade, segurança. Não se passa mais nada no Chile.

Se alguns não concordam com isto, são extremistas. Se os protestos vêm de órgãos de Informação estrangeiros, é que fazem parte do «complot» comunista internacional.

Se emanam das organizações internacionais, é que todas elas, especialmente as Nações Unidas, são «símbolos de um mundo decadente», como o dizia a 10 de Julho de 1975, perante o general Pinochet, Javier Leturia, ao proclamar a criação de uma «Frente da Juventude».

Um debate sobre a situação dos direitos do homem no Chile figura na ordem do dia do Conselho Executivo da UNESCO. «Seria urgente examinar», diz a Federação Internacional dos Sindicatos de Professores, «se o Secretariado Regional de Educação da UNESCO para a América Latina, ainda tem o seu lugar em Santiago do Chile».

«Le Monde»

ALENTEJO EM GREVE

Continuação da pág. 1

extensão. O comércio está fechado em toda a cidade.

EM PORTALEGRE

A efervescência que se verificou nos últimos dias nesta cidade parece ter dado lugar a um clima de calma absoluta. Em grande parte por ser dia de mercado, há uma grande aglomeração de gente vinda de vários pontos do concelho sem que, até agora, se tenham verificado quaisquer incidentes. O dr. Arménio Morais, em serviço no hospital, informa que os feridos entrados depois dos últimos acontecimentos se encontram em franco restabelecimento e devem ter alta dentro de muito pouco tempo. O comércio está aberto, sabendo-se que a paralisação do trabalho agrícola não é total em muitos dos concelhos dos distritos, nomeadamente nos de Arronche, Castelo de Vide, Marvão, Crato e Niza, onde, mesmo da estrada, se vê gente a trabalhar nos campos.

EM MONTEMOR-O-NOVO

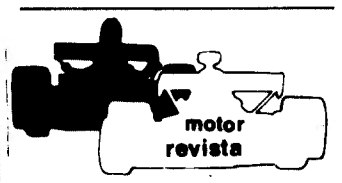
A paralisação do trabalho agrícola neste concelho é total. Na vila de Montemor-o-Novo, o comércio está praticamente encerrado desde manhã, contando-se pelos dedos os estabelecimentos que têm as portas abertas. Há muita gente nas ruas, podendo dizer-se que o clima é de euforia. Não se registaram, até agora, quaisquer incidentes nem se prevê que venham a verificar-se.

GRÂNDOLA

Como não podia deixar de ser, atendendo a que ainda ontem o povo deste concelho participou num plenário em que exprimiu de uma forma clara e inequívoca a sua posição face aos últimos acontecimentos, a iniciativa de paralisar o trabalho agrícola foi acatada em todo o concelho. Verifica-se um movimento desusado nas ruas da vila, vivendo a população horas de alegria — dir-se-ia estar em festa — sem, que se tivessem verificado quaisquer incidentes.

SETÚBAL

Não é, por enquanto, possível determinar a extensão da paralisação do trabalho agrícola neste distrito, sabendo-se que há concelhos em que ela é, praticamente, total e outros em que é, apenas, parcial. Não se nota, por outro lado, um movimento anormal na cidade. Nenhuma destas informações, porém, é definitiva na medida em que é ainda cedo, repete-se, para se chegar a conclusões seguras sobre o assunto. O comércio da cidade não encerrou.



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

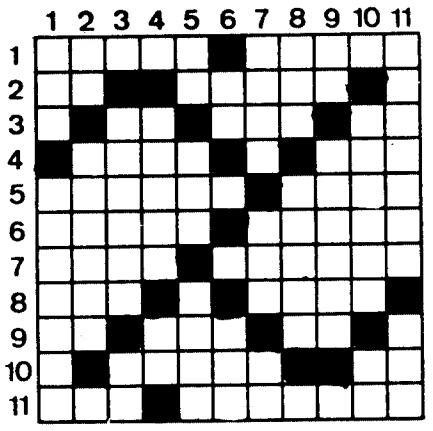
PROBLEMA N.º 11 187

HORIZONTAIS

1 Apeia. Nome de mulher
2 Ouro (s.q.). Ratavas.
3 Prasiodímio (s.q.). Bondosa. Cento e um em romano
4 Cruéis. Cabelos brancos.
5 Aduzem em defesa. Direcção
6 Unes por casamento. Amuralhar
7 Anéis. Mulher mesquinha (pop.)
8 Bigorna de aço sem hastes. Profissão
9 Campeão. Vende a crédito. Rádio (s.q.)
10 Relato. Crença
11 Estime. Estorvar (fig.)

VERTICAIS

1 Oferecer. Venerava
2 Pronome pessoal. Iluminadas
3 Detidos. Néon (s.q.)
4 Pregas. Nota musical
5 Érbio (s.q.). Sadias. Saca
6 Rio da Rússia. Artigo
7 Voz do gato (pl.). Mil e quatro em romano. Alternativa
8 Três vogais iguais. Bramir.
9 Reis. Vermelha
10 Terçado. Nota musical
11 Aconselhara. Preposição.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

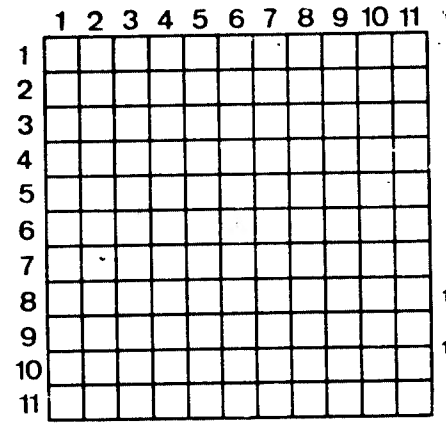
PROBLEMA N.º 7346

HORIZONTAIS

1 Sussurro. Pôr a data em
2 Pronome pessoal. Simples
3 Colocou. Centiare. Cobalto (s.q.).
4 Artigo definido. Solta com a voz sons musicais. Compaixão
5 Defraudar. Olhar
6 Sova. Despacham
7 Agência Telegráfica de Imprensa. Desgraça
8 Batráquio. Derrotem. Prefixo de negação
9 Conceder. Matemática
10 Bolo. Freguesia do concelho de Castelo Branco
11 Voltas. Atravesses.

VERTICAIS

1 Dormira.
2 Gritos. Ligue. Letra grega
3 Espaço de trinta dias. Acreditei. Coragem
4 Ósmio (s.q.). Coração. Formosa
5 Colegas
6 Indivíduo palerma (bras.). As regiões superiores da atmosfera
7 Preposição. Pear.
8 Baú. Caminha para cá. Ruim
9 Tanto. Reles. Oceano
10 Campeão. A mais velha de determinadas mulheres. Pequeno barco de recreio
11 Temporais.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 186

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Anela. Matos.	1 Arca. Parado.
2 Ralos. Apuro.	2 NÃO. Air. Mac.
3 Coais. Urram.	3 Ela. Carroça.
4 Sa. Ser.	4 Loisa. Oiros.
5 Aca. O. Sal.	5 Assa. SS. Só.
6 Pia. Casem.	6 TEM.
7 Arrosta. Ia.	7 Maus. Caliça.
8 Ri. Elas.	8 Apresa. Am.
9 AMOR. Mimado.	9 Turras. Sama.
10 Dacos. Mat.	10 Ora. LEI. Dar.
11 Ocaso. Aparo.	11 Soma. Maroto.

PROVÉRBIO: O amor não tem lei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7345

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Vesga. Serva.	1 Voraz. Tapar.
2 Omar. Caos.	2 Emala. Ácaro.
3 Rãs. Tre. Sãs.	3 Sãs. Ir. Ares.
4 Al. Crise. Io.	4 Gr. Crêr. Man.
5 Zaire. Crise.	5 Tremulara.
6 Rem. Ura.	6 Cri.
7 Ta. Ru. Dó. Ac.	7 Escudaram.
8 Aca. Lua. Amo.	8 EC. Erro. Ale.
9 Parma. Ralar.	9 Ras. Ia. Ala.
10 Arear. Alago.	10 Voais. Âmago.
11 Rosna. Me. Os.	11 Assoe. Coros.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado nos do Sul o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	19º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
TAVIRA 26,5º

Mínima:
P. DA SAÚDE 0,3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14º
Atmosfera 14,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.08	3,5 m	7.51	1,4 m
14.22	3,8 m	20.16	1,2 m

Dia 18

2.47	3,7 m	8.25	1,2 m
15.01	3,9 m	20.47	1,0 m

Dia 19

3.23	3,8 m	8.56	1,0 m
15.37	4,0 m	21.16	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento geralmente fraco; condições favoráveis à formação de neblina ou nevoeiro matinal.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.20
OCASO ÁS 19.41

DIA 20 — DIA 28 — DIA 5 — DIA 12

BARS BOITES — ESTABELECIMENTOS DIVERSOS

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

ASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito — MÚSICA VARIADA
20.00 Jornal da noite
21.00 Mini-teatro
21.15 Música portuguesa
22.00 Música variada
23.00 Música variada
23.30 Cinema novo, por Maria Cristiana, Damas Nunes e Moreira dos Reis
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.20 Temas de educação

2.º Programa

16.20 Solos instrumentais
17.05 Árias de óperas
17.35 Música sinfónica
18.55 Música coral
19.15 Música de bailado
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.30 Sonata para violoncelo e piano, de Luís de Freitas Branco
23.55 Árias de oratórias de Haendel
00.21 Quinteto em lá maior, op. 114, «A Truta», de Schubert
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de cravo
21.00 Ópera
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 Rádio Placard
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Varatojo conta-lhe
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.03 Rádio-teatro
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.03 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gó-gó
00.05 Em órbita-2
01.15 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO G-1

TODA A NOITE

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (tel. 638256)
ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (tel. 863940)
ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505)
BAIRRO DOS ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental, lado Sul) (tel. 842152)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)
BAIXA
Azevedos, Rossio, 31 (tel. 327478)
BENFICA
União, Estrada de Benfica, 592 (tel. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Porfirio, Rua Francisco Metrass, 59-B (tel. 663349)
ESTRELA
Gama, Calçada da Estrela, 130 (tel. 660339)
LAPA
Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (tel. 667460)
LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (telef. 790480).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/B (tels. 720703-728395)
PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (tel. 842533)
REGO
G. Silva, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (tel. 771873)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (tels. 48966-553601)

TURNO G-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Tapada, Calçada da Tapada, 38-A (tel. 634721)
ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel. 765252); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (tel. 710621); **João XXI**, Avenida João XXI, 16-A (tel. 726462)
AREEIRO
Avenidas (das), Avenida da República, 27 (tel. 533688)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)
CARNIDE
J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)
ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António, à Estrela, 96 (tel. 665196)
OLIVAIS-SUL
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto da Piscina) (tel. 310581)
S. MAMEDE
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (tel. 325455)
S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (tel. 269120)
XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63 (tel. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.212081)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.232839). Toda a noite
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P.Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T.280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); **Fiama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Alvares Pereira, 15-A (T.932485)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T.2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Moderna, R.D.Henriqueta D.Gomes de Araújo, 12 (T.2073443)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes, 1 (T.2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P.do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 21

Campos, Rua Padre Luis Cabral, 943- Foz; **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; Guarani, Rua Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; **Lidador**, Rua do Lidador, 171.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Lidador, Rua do Lidador, 171; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; **Botelho**, Rua da Alegria, 863 e **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192

COIMBRA

Paiva, Praça do Comércio, 57, Tel. 23231; **S. Sebastião**, Rua António Jardim, Tel. 28802; **Silcar**, Rua Ferreira Borges, 88, Tel. 2923

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Os Cómicos
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Leganda do Cidadão Miguel Lino»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

LISBOA/Cinema

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Você Interessa-se Pela Coisa?»
PARIS
21.00 (18 anos)
«A Batalha de Nereiva»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Adeus Django»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«As Rãs»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Cruel Vingador»
MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Volta de Billy Jack»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«O Grande Gatsby»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«O Conselheiro»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«A Classe Dominante»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Sou Eu o Culpado»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Asfalto Quente»

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (10 anos)
«E Agora Chamam-lhe o Magnífico»
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Amor Entre Mulheres»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Minha Mulher é um Violon-sexo»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«O 4.º Casamento»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corvo»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos
«Tamanho Natural»
RIVOLI
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»
S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Ataque dos Sete Magníficos»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spártacos»
JULIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Amar Não Mata»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Um Por Todos Todos Por Um»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«O Professor Erotomaníaco»
TERÇO
21.30 (18 anos)
«Tentações de um Viúvo»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Teresa a Ladra»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Os Pássaros Com Plumas de Cristal»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O Enforcamento»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Arena»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
ROMA
O ÁS DO VOLANTE

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norman Jewison

JESUS CRISTO SUPERSTAR

38.ª semana

O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBURDIA NO OESTE

Em 5.ª semana

Hoje às 24.00 Grupo D (18 anos)
TERRA SANGRENTA

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

4.ª semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

MELODY

Colorido

Venha ver como começamos a amar

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA

de Lina Westmuller

CARLOS MANUEL SINTRA

T 2930394 21.15

Interdito a menores de 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
REVÓLVER
Realização de Sérgio Solima
Hoje às 18.30
(M. 18 anos)
MORTE EM VENEZA

UNIVERSAL

T. 774402

HOMENAGEM EISENSTEIN
Às 15 e 21 h — OUTUBRO — 13 anos
Às 17 e 23 h — GREVE — 13 anos
Às 19h — LINHA GERAL — Para todos
NOVAS CADEIRAS — AR CONDICIONADO (20°)

RESTELO

T. 610375 21.00

Int. a menores de 18 anos

EMMANUELLE

EDEN

T. 320769 21.15

Grupo C (M. 14 anos)
O INVENCÍVEL

Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00

Interd. a menores de 18 anos

PECADOS EM FAMÍLIA

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo!

VEREDICTO

3.ª Semana

Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Grupo D M. 18 anos

SOU EU CULPADO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

JUSTICEIRO DO TEXAS

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

O TIGRE DO KARATÉ
A melhor farsa do ano

ROMA

T. 727778 21.15

Não aonse. a maiores de 13 anos
O ÁS DO VOLANTE
Todos os dias às 18.30
NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

3.ª Semana de sucesso

SATÉLITE

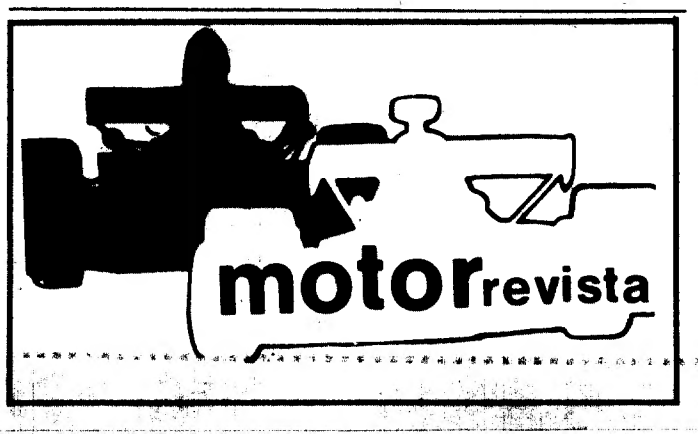
T. 562632 15., 17., 19., 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

4.ª Semana

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS



CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos - colorido

Clássicos de comédia

PINTORES E RAPARIGAS

com Jerry Lewis e Dean Martin

2.ª Semana

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

BURCH CASSIDY E O KID

DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman, Robert Redford

3.ª semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos.
4.º mês de êxito sensacional
17.ª Semana de enchentes
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JOHN AND MARY

c/Dustin Hoffman

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O último fime de Pasolini
em 2.ª semana
AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

em 7.ª semana

CINEARTE

T. 660446 21.15

Interdito a menores de 18 anos

OS DIABOS

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido! 3.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas event. chocantes 7.ª semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15

Grupo A M. 6 anos

MÚSICA NO CORAÇÃO

Colorido!

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Para todos (M. 6 anos)
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
8.ª Semana

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Grupo A M. 6 anos

UM REI EM NOVA IORQUE

Charles Chaplin e Baxm Addams

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

ESTA NOITE

COMÍCIO DO M.D.P. NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

. «Fascismo, nunca mais» é o lema de uma campanha que o M. D. P. / C. D. E. vai desencadear e que se inicia hoje, com um comício às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos, promovido pela Comissão Distrital de Lisboa.

A campanha visa «uma vasta acção de esclarecimento popular, com o objectivo de fortalecer a intervenção dos trabalhadores e das massas populares em defesa do processo revolucionário».

No comício de hoje será abordada «a crise político-militar, a ofensiva da reacção, as perspectivas de acção revolucionária e as tarefas que se colocam às forças populares para derrotar as manobras de direita e sociais-democratas e assegurar o caminho para o socialismo». Será tambem tornada pública a posição do M. D. P. sobre os mais recentes acontecimentos políticos, nomeadamente o programa do VI Governo e a sua constituição».

Intervirão José Tengarrinha, Luís Catarino e Vítor Dias, da Comissão Central e Jorge Carvalho da Comissão Executiva de Lisboa.

A F. U. R.. EM PORTIMÃO

As organizações de Portimão das forças que integram a FUR (Frente de Unidade Revolucionária) e que são a F. S. P., L. U. A. R., M. D. P./C. D. E., M. E. S. e P. R. P.-B. R., convocaram para hoje, às 19 e 30, no recinto de festas do Portimonense, um comício-manifestação de «apoio à justa luta do povo chileno e pela libertação de todos os povos oprimidos».

Este comício vem na sequência de uma reunião da F. U. R. efectuada na segunda-feira e na qual se concluiu que face ao avanço das forças contra-revolucionárias» se torna necessária «uma actuação imediata de todas as forças revolucionariamente consequentes, na mobilização das massas na defesa das conquistas alcançadas, na luta contra a social-democracia, o fascismo e o imperialismo, pela consolidação e expansão dos órgãos de poder popular, pela autodefesa dos trabalhadores e pelo ataque ao poder burguês.»

QUANDO O METRO DISPARA

. Acontece: ontem à tarde o metropolitano parou em hora de ponta devido ao disparo de um disjuntor da subestação transformadora das C.R.G.E.

O contratempo verificou-se às 18 e 50 e às 20 e 5.

A primeira paralisação prolongou-se até às 19 e 15, e a segunda manteve-se alguns minutos.

Pode dizer-se que a partir das 20 e 45 a situação estava normalizada.

Uma nota: o disparo do disjuntor, ouvido no exterior (Praça da Figueira), deu logo origem aos boatos mais desencontrados.

Assim:

. «Foi uma bomba qué rebentou no Metro!»

. «Há centenas de mortos»!

. «É o ELP em actuação!»

. Mas não: era pura e simplesmente o disparo de um disjuntor numa hora de ponta... E o Metro lá seguiu.

SINDICATO DOS PROFESSORES
(Zona da Grande Lisboa)
SECÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO

PLENÁRIO

Convocam-se os professores do Ensino Primário da Zona de Grande Lisboa, para um plenário a realizar hoje, dia 17 de Setembro, pelas 21 horas, na Escola Primária n.º 101, Rua Teixeira de Pascoaes (junto ao Cinema VOX).

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: COLOCAÇÃO DE PROFESSORES AGREGADOS

A COMISSÃO DIRECTIVA

PARA AUTARQUIA LOCAL, PRETENDE-SE ADMITIR CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS, LICENCIADO PELO ISCEF.
REMUNERAÇÃO MENSAL: 11.400$00.
Resposta a este Jornal ao n.º 1604.

A FORÇA AÉREA ESCOLHEU OS SEUS REPRESENTANTES NO CONSEHO DA REVOLUÇÃO

. Uma assembleia constituída por 95 oficiais, 56 sargentos e 28 praças, escolheu ontem os representantes da Força Aérea no Conselho da Revolução. Em rigór tratava-se não propriamente de eleger novos conselheiros mas de riscar três dos seis oficiais que até agora faziam parte do Conselho da Revolução e que eram o general Pinho Freire, majores Canto e Castro, Pereira Pinto e Costa Neves e capitão Graca Cunha.

Após uma reunião que começou às 14 e 30 e terminou às 20 horas foram designados o general Pinho Freire e os majores Canto e Castro e Costa Neves, sendo portanto excluídos os majores Pereira Pinto e Costa Martins e o capitão Graça Cunha, oficiais que integravam a chamada linha revolucionária na Força Aérea.

A assembleia fora convocada pelo general Morais e Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea. Interrogado pelos jornalistas sobre outros pontos da agenda dos trabalhos, Morais e Silva declarou que não houve mais nenhum ponto em discussão e que a eleição durou 10 minutos sendo o tempo restante ocupado com a metodologia da referida eleição. Satisfazendo outra pergunta o chefe do Estado-Maior da Força Aérea afirmou que os majores Costa Martins e Pereira Pinto e o capitão Graça Cunha continuavam a «merecer toda a estima, toda a consideração e toda a confiança dos seus camaradas de armas». Apesar de todas estas considerações de ordem mais ou menos diplomática e conciliatória do chefe da Força Aérea e tendente a evitar grandes cisões não pode esquecer-se que os três elementos agora excluídos foram ao longo de todo o processo revolucionário figuras de grande relevo e determinação nos momentos difíceis. O seu afastamento tem um amplo significado político para o povo trabalhador.

A votação foi secreta e a constituição da assembleia havia sido trambém profundamente alterada na sua composição, reforçando o ponto de vista corrente nos meios políticos da destruição pela via legalista e eleitoralista dos núcleos revolucionários daquele ramo das Forças Armadas.

O P.C.P. PRETENDE AVISTAR-SE COM BRANDT E WILSON

● Revelou Mário Soares à chegada a Lisboa

. De acordo com declarações do dr. Mário Soares, á sua chegada ontem a Lisboa, Álvaro Cunhal teria feito diligências para, à frente de uma delegação do Partido Comunista Português, se avistar com Willy Brandt e com o primeiro-ministro britânico Harold Wilson. Foi o próprio Willy Brandt quem fez esta revelação ao secretário-geral do Partido Socialista Português, que a convite do chanceler participou num comício, em Frankfurt, do Partido Social Democrata Alemão, onde estava tambem o chanceler da Alemanha Federal Helmut Schmidt.

Mário Soares referiu que esta sua presença era excepcional e lhe permitiu fazer uma comunicação sobre a situação política portuguesa e responder a várias perguntas no sentido de clarificar as posições portuguesas. Falou também com o ministro dos Negócios Estrangeiros Hans Genscher, presidente do Partido Liberal que, segundo afirmou Mário Soares, têm uma visão «muito correcta do problema português e extremamente compreensiva e deesejosa de auxiliar a economia portuguesa que como se sabe está em dificuldades». E acrescentou o secretário geral do Partido Socialista Português: «Ambos tiveram propostas muito concretas que irei transmitir ao futuro ministro dos Negócios Estrangeiros e ao Governo. Não as vou agora comunicar aos órgãos da Informação antes de as comunicar a quem de direito, mas penso em linhas gerais, que estão criadas as condições para que, aquelas promessas feitas bilateralmente por parte da Alemanha Federal e multilateralmente por parte do Mercado Comum, possam efectivar-se e concretizar-se, de modo a poder contribuir para lançar rapidamente a economia portuguesa como tanto necessitamos».

FINLANDESES APOIAM O P. S.

O Partido Social-Democrata finlandês enviou um telegrama de saudações aos socialistas portugueses por alcançarem uma vitória no caminho da democracia parlamentar. Assinado pelo presidente do Partido Kalevi Sorsa e pelo secretário Ulf Sundqvist salienta que «uma democracia sólida e invulnerável em Portugal apenas se pode basear nos princípios da democracia parlamentar, que divide o poder na base do apoio dado aos partidos em eleições livres». F termina:

«Hoje desejamos saudar o vosso partido pela vitória destes princípios e pela vossa dura e corajosa luta».

GOVERNO? NADA DE NOVO

. Ao fim da manhã, tudo calmo no Palácio de Belém. Da agenda do Presidente da República, constava uma única entrevista com o ex-secretário de Estado da Emigração, Luís Moita. Após as conversações de ontem incidindo sobre o Ministério da Comunicação Social, nada mais se passou, pelo menos do conhecimento público. Sinal de que o problema está resolvido e haverá anúncio do elenco nas próximas horas, ou indicação de que as coisas se complicaram e entrámos em novo impasse? Segundo um observador credenciado declarou esta manhã ao «D.L.», o P.P.D. estaria a fazer exigências progressivas que outro objectivos não teriam do que protelar a constituição do Governo, tentando assim forçar uma solução de direita, pois só esta pode lucrar com o vaeio governamental entretanto criado. O mesmo observador ligou este tipo de actuação a tomadas de posição recentes, por dirigentes daquele partido, surgindo-assim como extremamente importantes as manifestações de trabalhadores de hoje, no Alentejo, e de amanhã, em Lisboa, no sentido de forçar uma solução revolucionária para o problema, que não pode arrastar-se por mais tempo.

DIA CALMO

Em Belém o dia de ontem foi bastante mais calmo do que é habitual. Durante a manhã soram recebidas delegações do P.S. e P.C., para discutirem problemas ligados com a política de informação, tendo estado presentes Arons de Carvalho, pelos socialistas, e Miguel Urbano Rodrigues, pelos comunistas, ambos jornalistas. Embora se eesperasse que o P.P.D. fosse chamado à tarde a Belém para discutir igualmente a questão da informação, tal não veio a acontecer, registando-se, pelo contrário, um novo encontro de representantes do P.S. e P.C., desta vez com Ramiro Correia, delegado do almirante Pinheiro de Azevedo para assuntos relativos à Comunicação Social. De registar que no encontro da tarde a delegação do P.C., além de Miguel Urbano Rodrigues, chefe da redacção do «Avante», incluia Mário de Carvalho, da D.O.R.L. e Aurélio Santos, do Comité Central.

Em declarações prestadas ao «Diário de Notícias» no final desse encontro, Ramiro Correia confirmou que o Ministério da Comunicação Social é efectivamente um dos que mais problemas tem levantado, declarando que estes encontros se destinavam a «encontrar linhas programáticas para a orientação dos órgãos de Comunicação Social».

Entretanto, com o arrastar deste impasse surgem as especulações quanto a nomes que poderão vir a ocupar postos governativos, tendo-se registado ultimamente muitas referências relativas a Vasco Vieira de Almeida, que teria certas possibilidades de entrar para um dos ministérios do sector económico. Tanto quanto o «D.L.» conseguiu apurar, estas suposições surgiram porque os jornalistas têm detectado com regularidade a presença daquela individualidade no Palácio de Belém, o que, no caso, nada significa, pois Vieira de Almeida há muito que se encontra a colaborar no Gabinete de Angola, instalado numa das salas do palácio. O que acontece é que o ex-ministro da Economia do Governo de Transição de Angola aparece agora muito mais e quase sempre na companhia de pessoas que, de algum modo, estão ligadas às conversações para a formação do VI Governo Provisório.

DIVISÕES NO P.P.D.?

No mundo de rumores em que, nestes momentos, a cidade de Lisboa sempre se torna, ontem corria com insistência que o P.P.D. estaria com sérios problemas internos, falando-se inclusivamente em cisões. De acordo com esses rumores, de resto prontamente desmentidos por um elemento da Comissão Política contactado pelo jornal «O Século», o dr. Sá Borges, considerado como líder da ala esquerda do P.P.D., estaria na disposição de abandonar aquele partido, no que seria acompanhado por outros elementos.

ÚLTIMAS CUNHAL EM BELÉM

Ao fim da manhã uma delegação do P.C., de que faziam parte Álvaro Cunhal e Octávio Pato, reuniu-se em Belém com o Presidente da República e almirante Pinheiro de Azevedo. Este encontro insere-se nas conversações para a constituição do VI Governo Provisório e revestem-se de particular importância depois das declarações do secretário-geral do P.C. feitas ontem à noite durante o comício realizado no Campo Pequeno.

À hora a que fechamos a edição esperava-se em Belém a chegada de uma delegação do P.S., que se juntaria aos representantes do P.C.

"A Luta" pede auxílio na Suécia

. ESTOCOLMO, 17 (R e «DL») — Raul Rego, antigo director do jornal português «República», chegou a esta cidade para tentar obter auxílio para o novo jornal socialista português «A Luta».

Rego, que foi convidado a visitar a Suécia pelo jornal sindical «Arbataren», declarou numa conferência de Imprensa que «A Luta» estava agora a vender 80 000 exemplares por dia, mas necessitava de auxílio tanto financeiro como de equipamentos.